

# **ILUSTRAÇÃO DE LIVROS**

**Prof. Daniel Bueno**

# ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

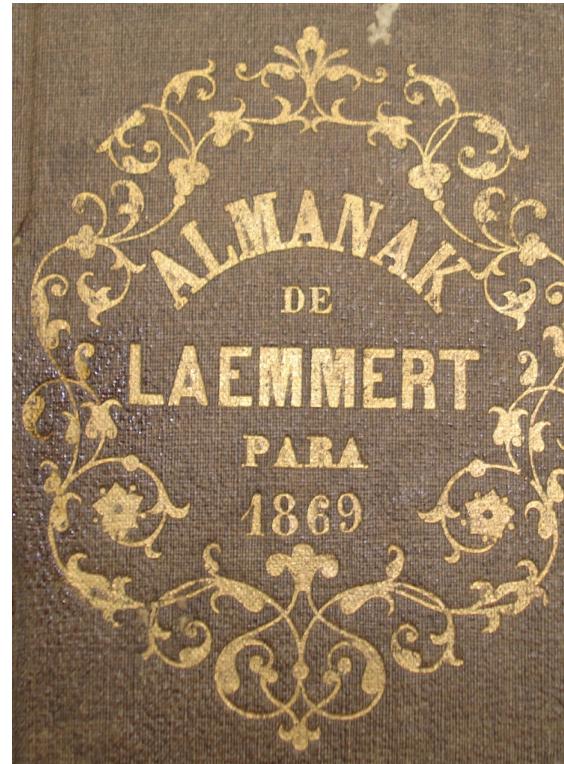


escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

# ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Referências Históricas

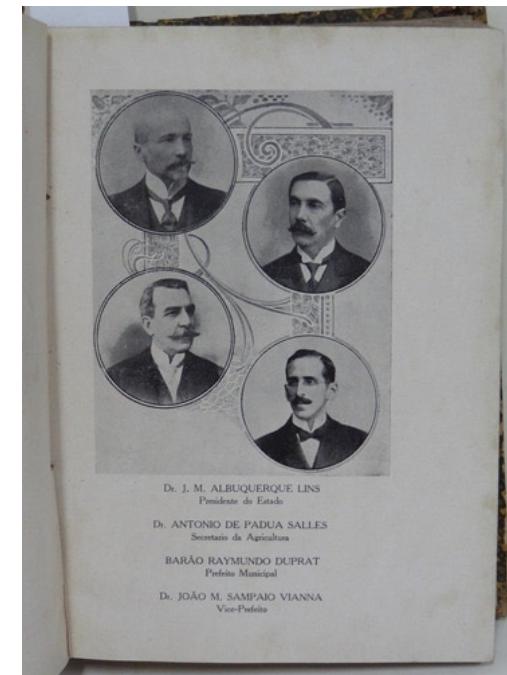
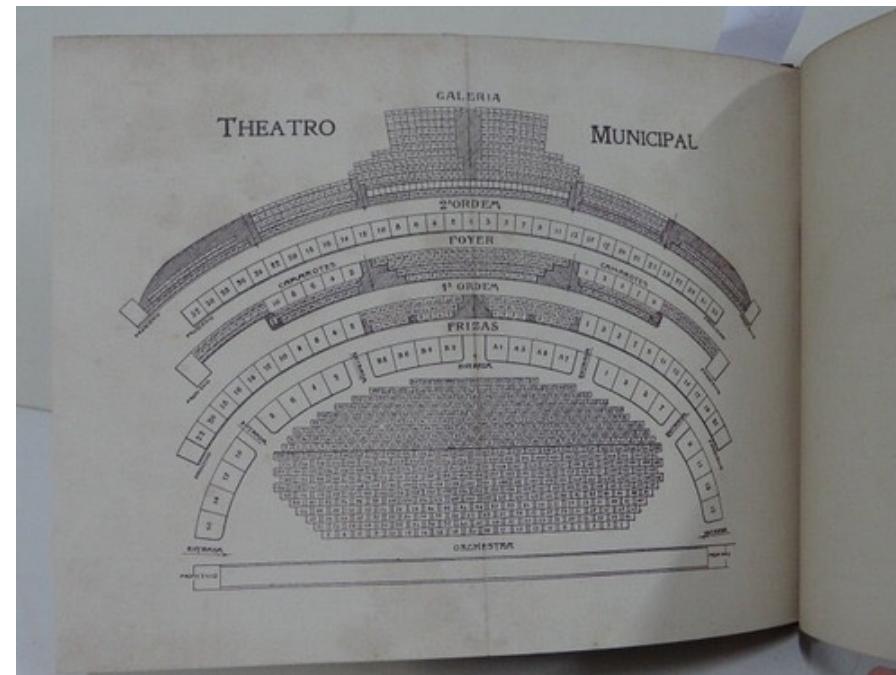




Ao lado, “Historia Geral do Brasil”, E. & H. Laemmert, 1876. Acima, capa do “Almanak de Laemmert para 1869”, Laemmert & Co., 1869.

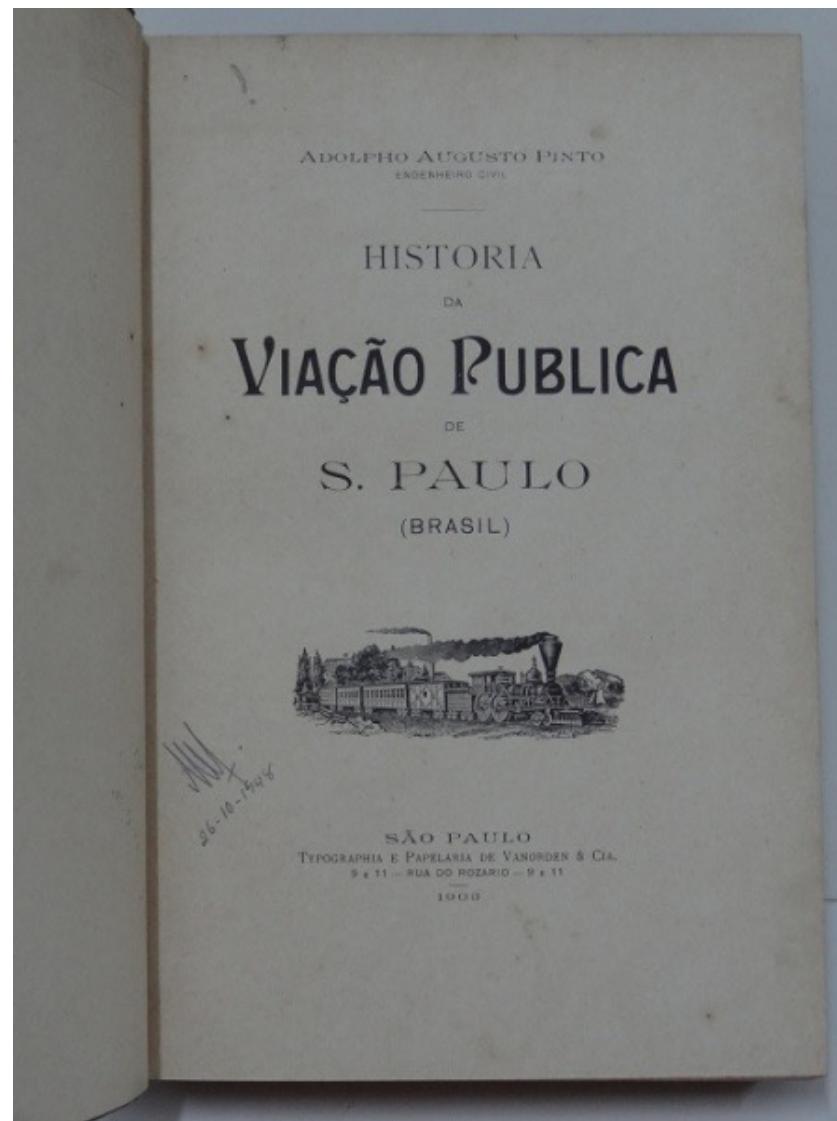
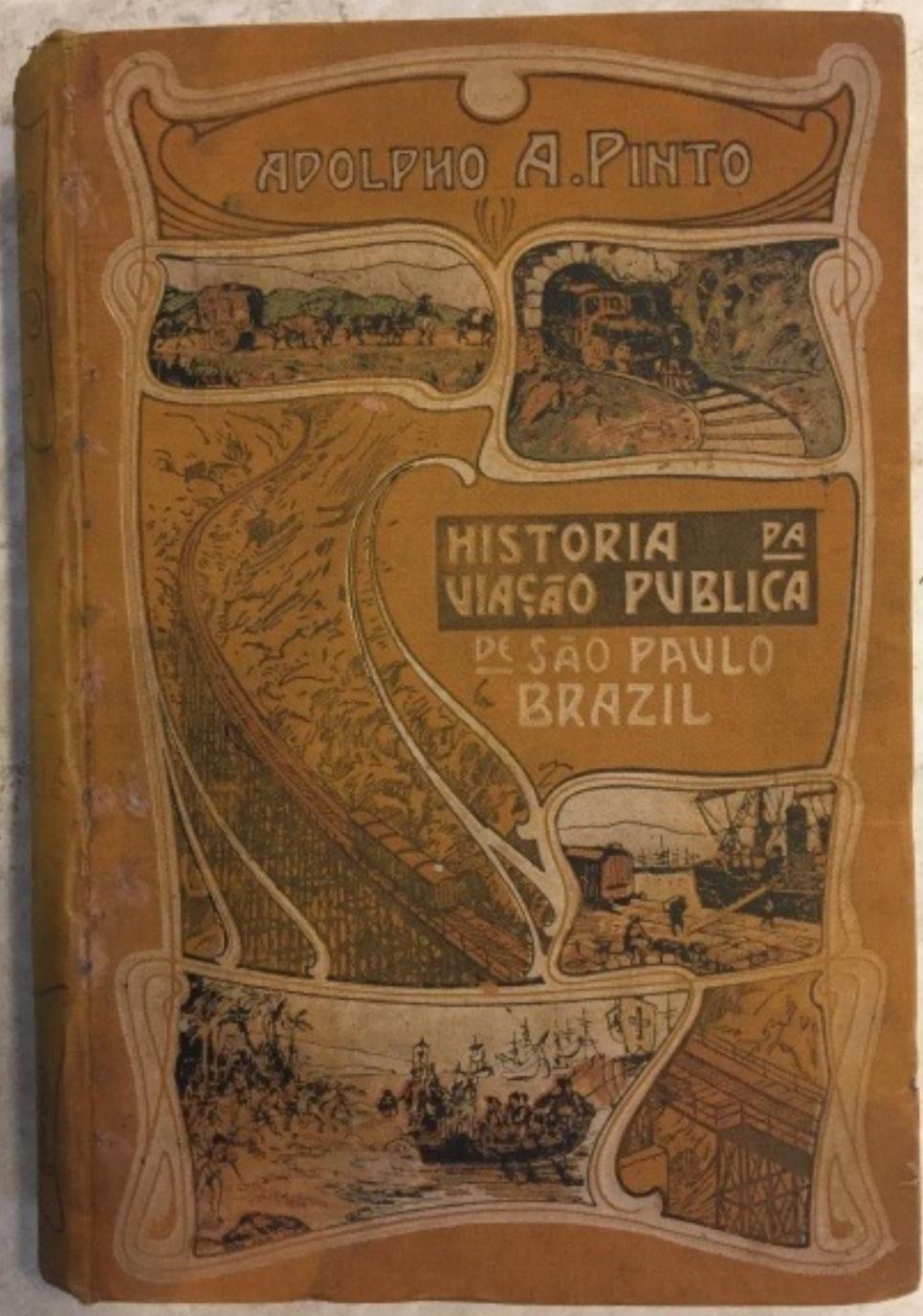
“Laemmert e Garnier foram as duas principais casas editoriais do século XIX. Ambas nasceram livrarias e tornaram-se editoras, e se empenharam na produção de obras inscritas na tradição do livro tratado como objeto requintado.

Os almanaque da editora Laemmert eram um grande sucesso editorial e exibiam capa dura com ornamentação em relevo, para que resistissem ao manuseio intensivo sem perderem a imponência”. (em Linha do tempo do design gráfico, Homem de Melo).



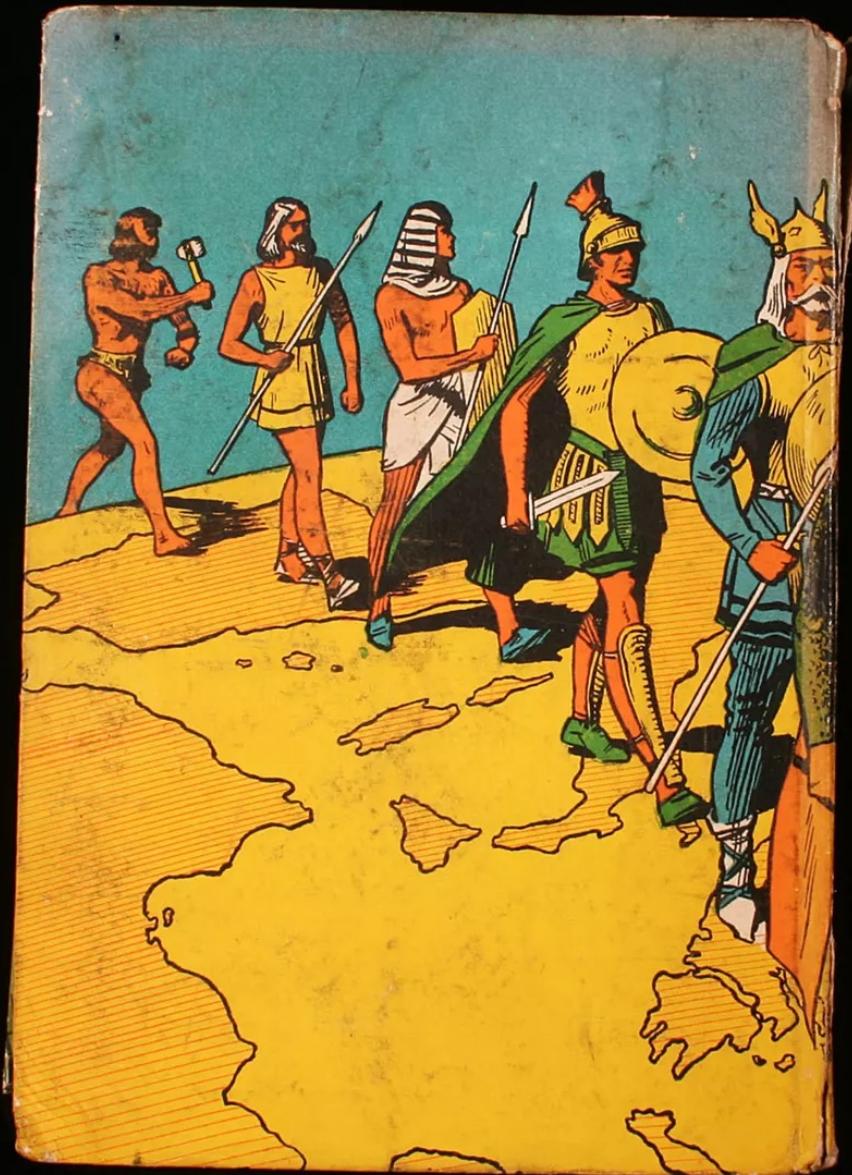
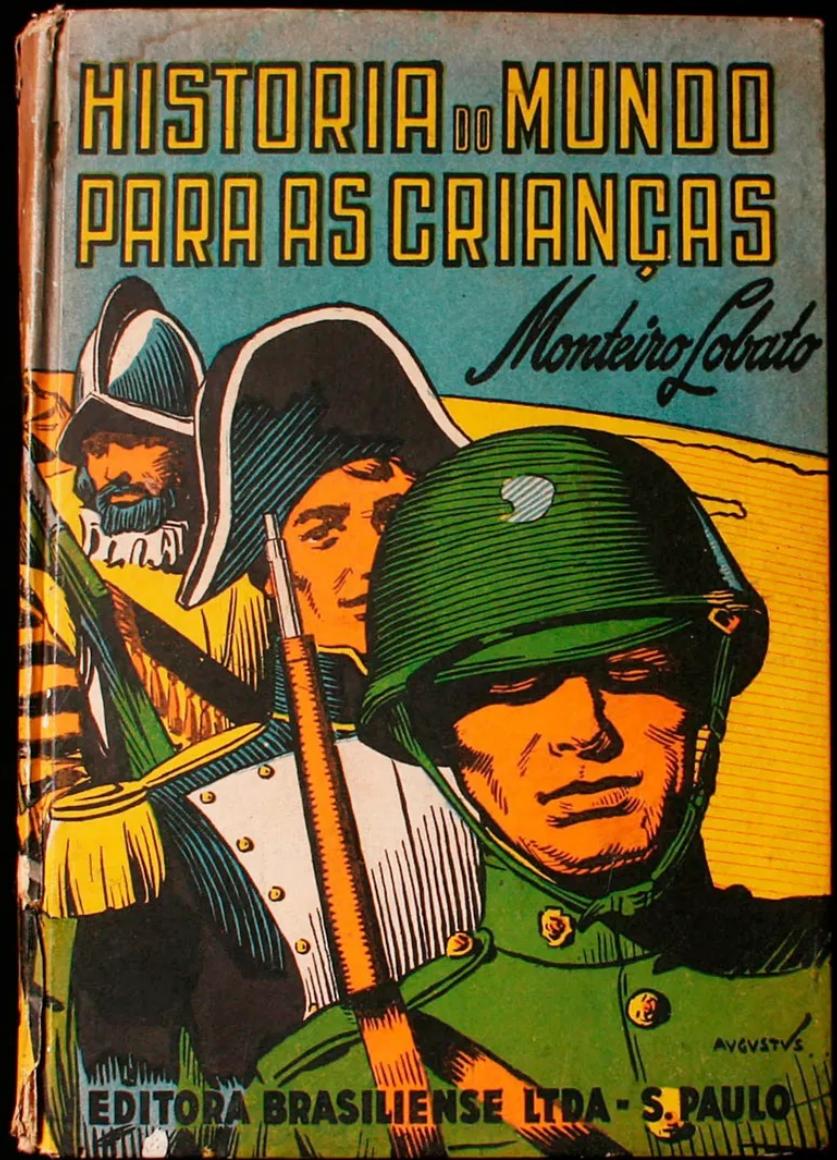
Capa do "Guia do Estado de S. Paulo", autor não identificado, 1912.

"A capa traz uma ilustração que explora um símbolo da modernidade da capital paulista, a Estação da Luz, um movimentado terminal ferroviário importado diretamente da Inglaterra" (Linha do tempo do design gráfico no Brasil, Homem de Melo). Acima, páginas do livro.

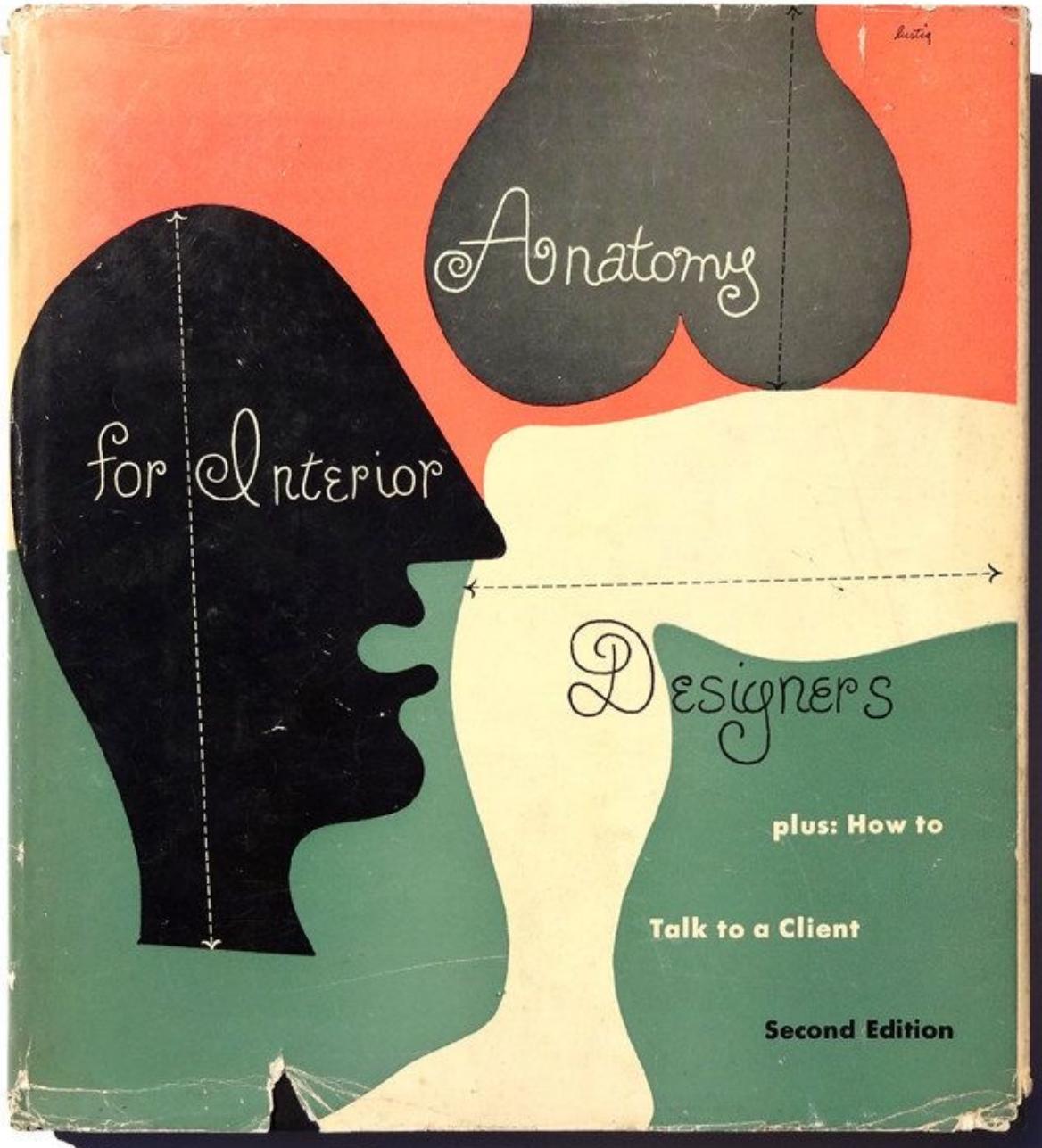


"História da Viação Pública", autor não identificado, 1903.

Almanaque e guias são publicados com ampla aceitação no começo do século passado.

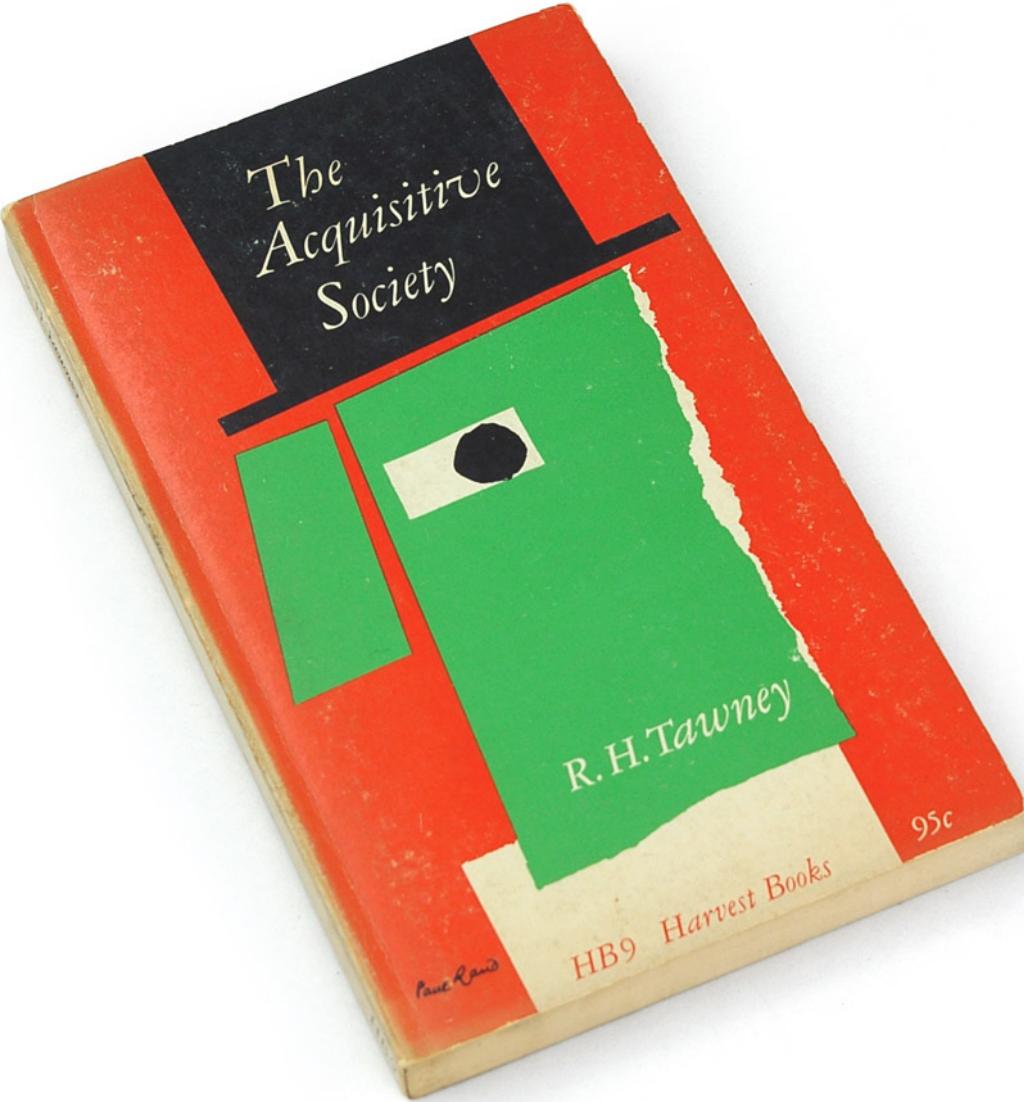
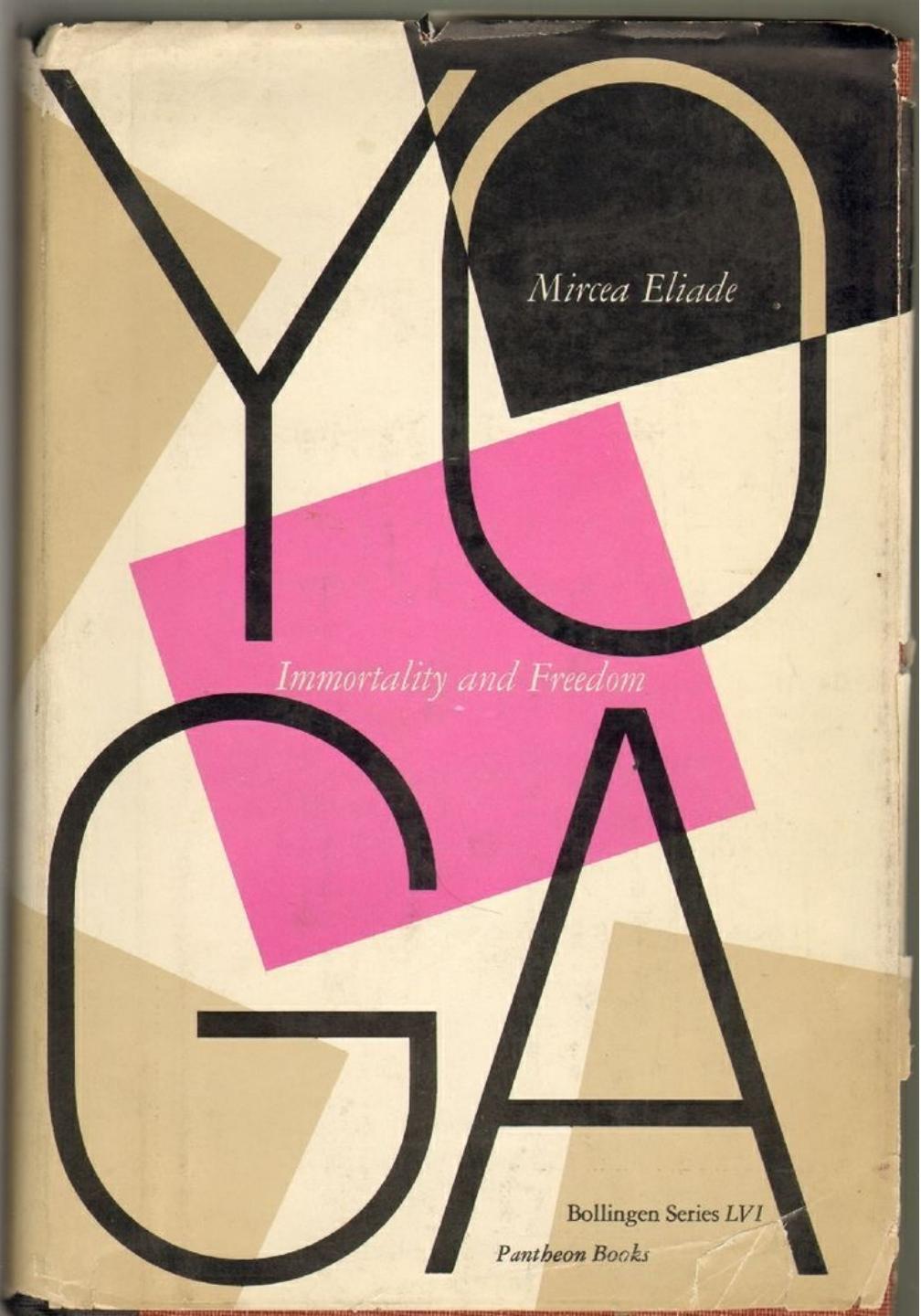


Capa de "História do Mundo para Crianças", de Monteiro Lobato. Ilustração de Augustus, Editora Brasiliense, 1954.



Capa de Alvin Lustig para o livro "Anatomy for Interior Designers", 1946.

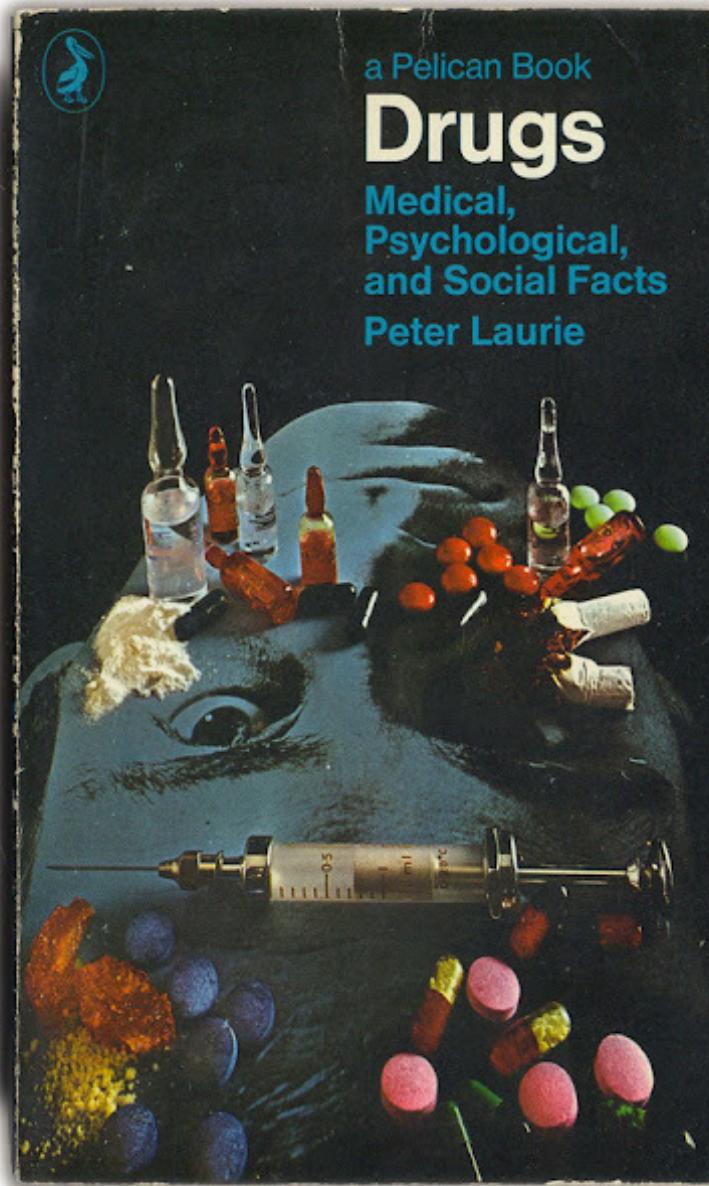
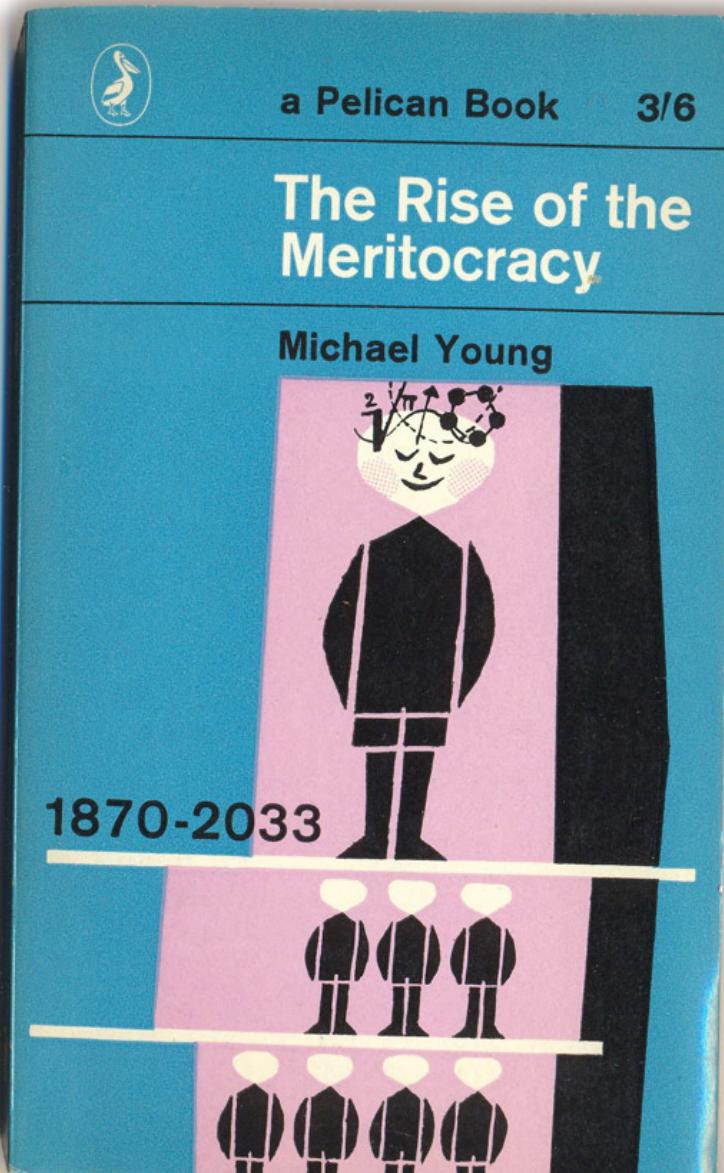
Livro sobre padrões gráficos para interiores comerciais e residenciais com informações sobre iluminação e circulação eficazes.



Capas de Paul Rand.

Ao lado, "Yoga – immortality and freedom", de Mircea Eliade, 1958. O livro é uma fonte de referência para estudiosos - de rigor científico, mas acessível – consagrada às origens, história, elementos teórico-práticos de uma disciplina vasta, abrangendo fisiologia, psicologia, metafísica e terapêutica.

Acima, "The Acquisitive Society", de R. H. Tawney, 1948. Nesse livro escrito em 1920, Tawney critica o egoísmo e individualismo da sociedade moderna.

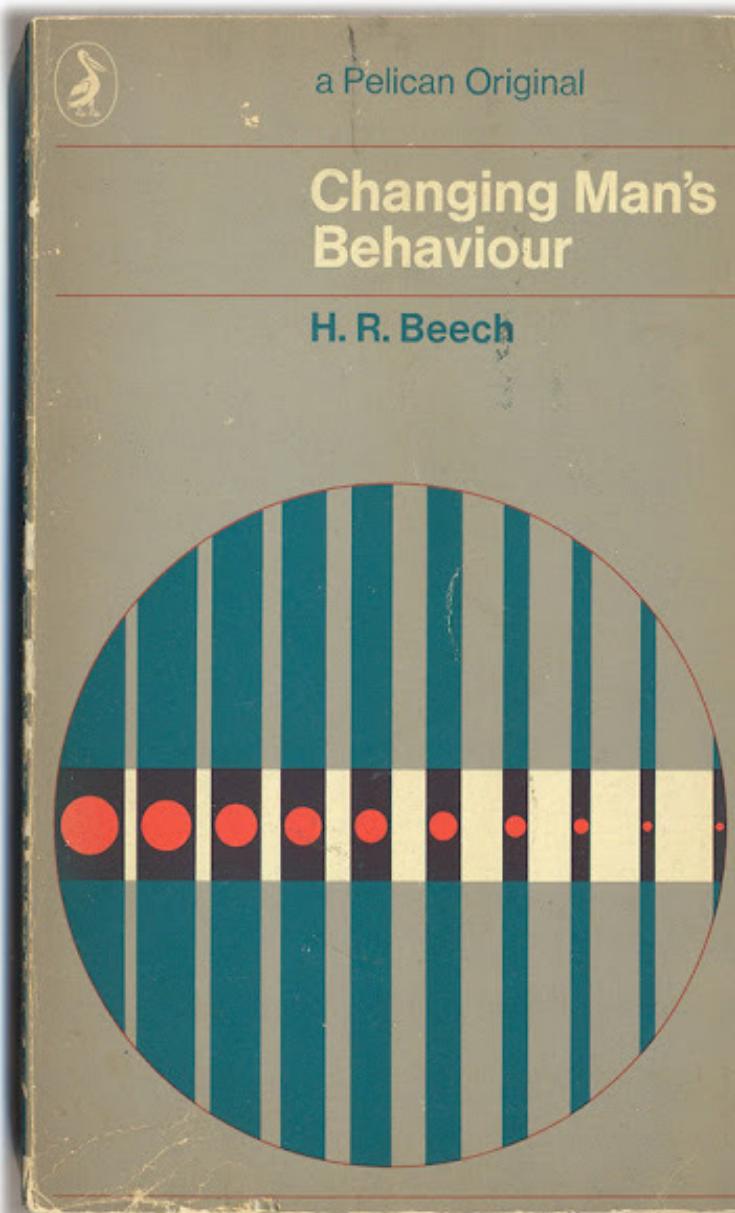
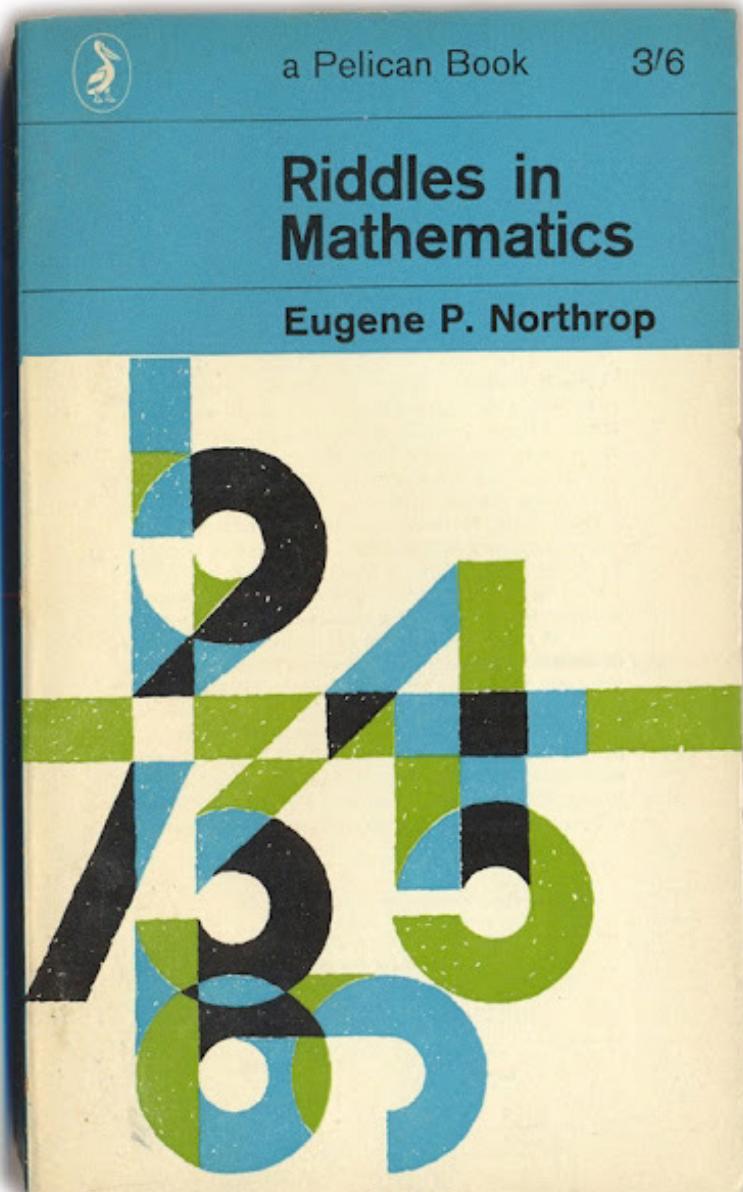


A **Penguin Books** é uma editora britânica fundada em 1935 por Sir Allen Lane e seus irmãos Richard e John como uma linha dos editores The Bodley Head, tornando-se uma empresa separada no ano seguinte.

Revolucionou a publicação na década de 1930 por meio de suas brochuras baratas, vendidas na Woolworths e em outras lojas de rua por seis pence, trazendo ficção e não ficção de alta qualidade para o mercado de massa. O sucesso da Penguin demonstrou que existiam grandes públicos para livros sérios.

A **Pelican Books** foi o selo de não-ficção da Penguin. Foi fundada em 1937 e descontinuada em 1984, sendo relançada em 2014.

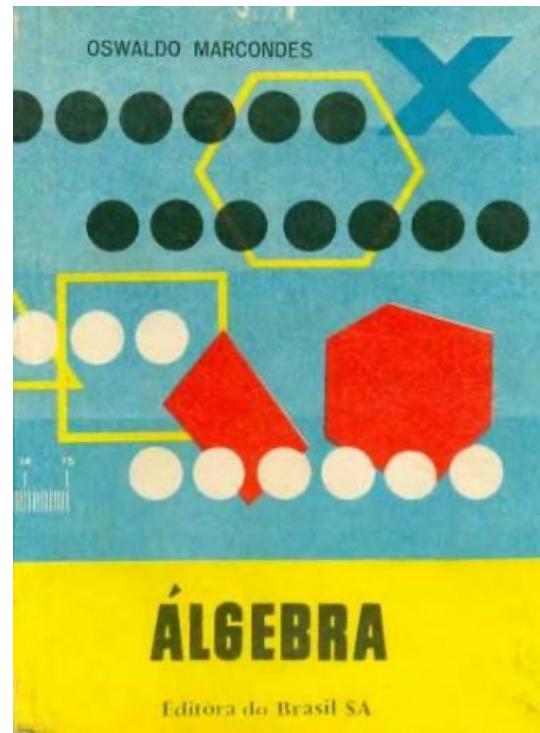
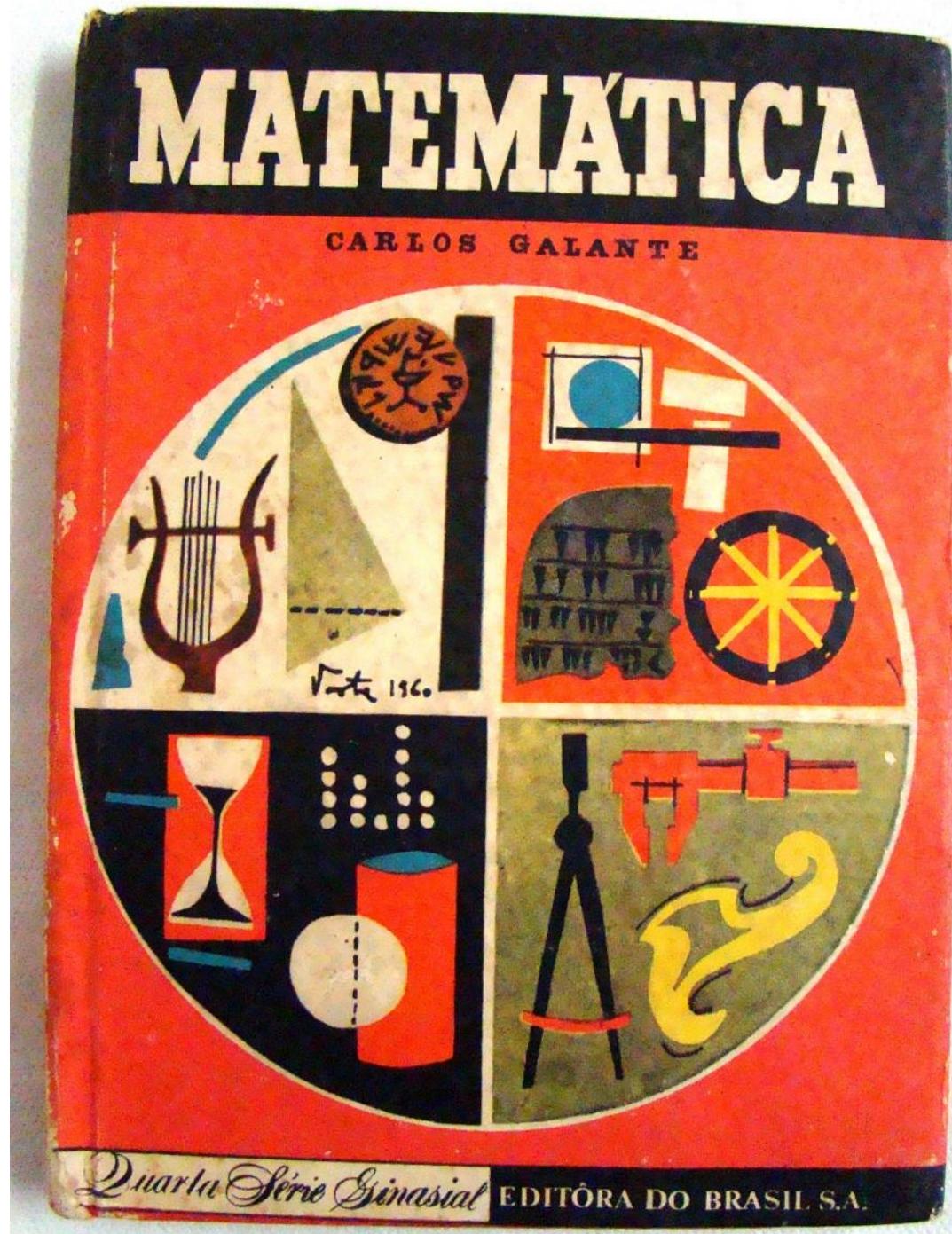
Ao lado, dois livros dos anos 60. No canto esquerdo, capa do livro "The Rise of Meritocracy", de Michael Young. Ao lado, "Drugs", de Peter Laurie, com uso de fotografia.



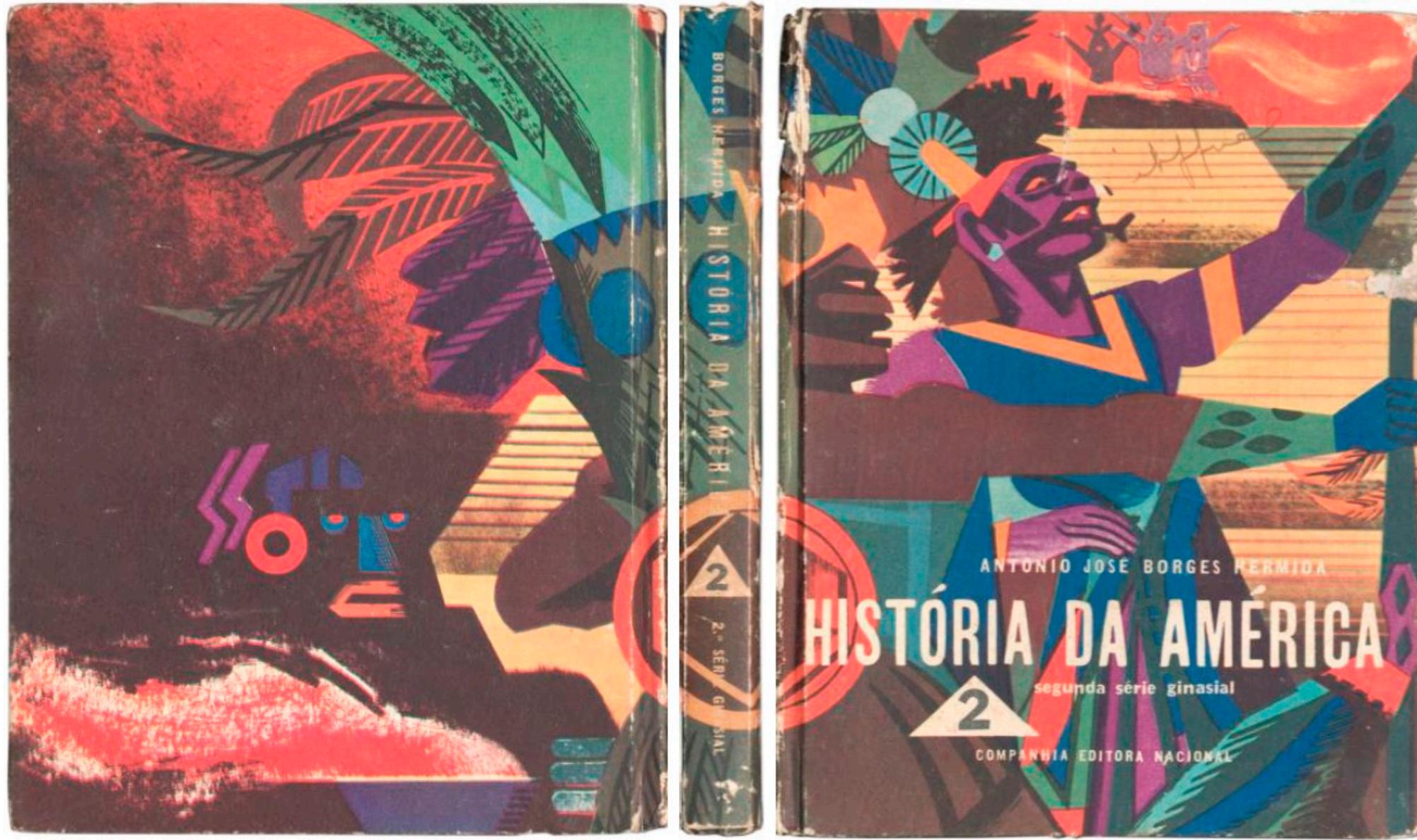
Ao lado, mais duas capas da **Pelican Books** dos anos 60.

No canto esquerdo, "Riddles in Mathematics", de Eugene P. Northrop, com exploração de números como elementos gráficos.

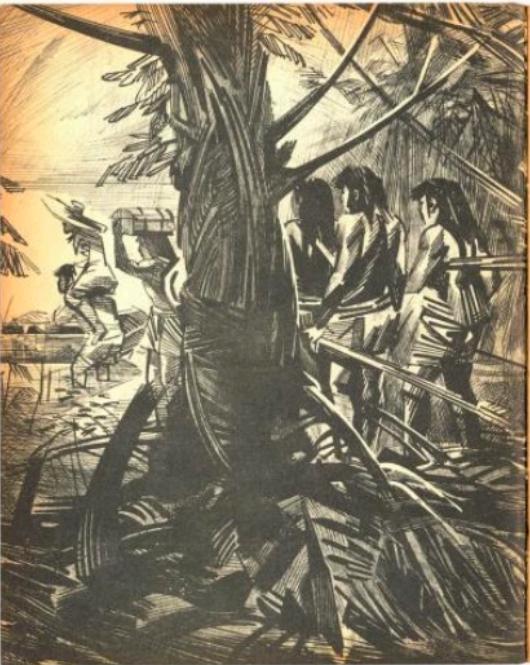
Ao lado, "Changing Man's Behaviour", de H.R. Beech, numa solução mais abstrata e conceitual.



Capas e livros didáticos de matemática  
dos anos 1950 - 1960.



Projeto gráfico e ilustrações de Eugênio Hirsch para o livro “História da América – segunda série ginasial”, de Antonio Borges Hermida, Companhia Editora Nacional, 1961.



**2| O INCOLA**

1| USOS E COSTUMES

1. **Origens.** — O Brasil na época do seu descobrimento era habitado por numerosos selvagens, cuja origem ainda é incerta. Algumas tribos tinham civilização rudimentar; não conheciam, porém, o uso dos metais.

2. **Costumes.** — Os costumes dos índios não eram sempre os mesmos em todas as tribos. Muitos deles, porém, se encontravam em todas elas.

Andavam os indígenas geralmente nus ou traziam somente uma pequena tanga de penas (enduste para os homens e aracóe para as mulheres). Os parentais de tribos usavam um tipo de totem (anisíobas). Tatuavam-se, fravam os lóbulos das orelhas e o septo nasal, onde introduziam penas, e, para as festas, pintavam o corpo inteiramente, com cores vivas. Gostavam de adornar-se com colares, braceletes, brincos de pequenos ossos ou de madeira. Tra-

ziam à cabeça cocares ou carapuças de penas.

Os selvagens obtinham o fogo pelo atrito de dois paus. Alimentavam-se com frutas e produtos da caça e da pesca. Assavam a carne e o peixe. Conservavam também a carne moqueada ou defumada. Nem todas as tribos conheciam o uso do sal, mas era comum o emprégo da pimenta. Algumas faziam pequenas plantações de mandioca e milho.

As aldeias ou tabus, onde viviam até cem famílias, formavam-se de tócos cheios de coisas, reunidos em torno dum pato, a ouro, estando separadamente cada tabu, não longe de hora aquada e tinhah um cérco, a esqüiva, que se protegia contra os ataques dos inimigos. A taba, geralmente, durava poucos anos: quando a caça raraava nos arredores, abandonavam a velha morada, *tapera*, e iam construir outra em lugar mais favorável.

35

**5| A DEFESA DO TERRITÓRIO E O SENTIMENTO NACIONAL**

1| O DOMÍNIO ESPANHOL A PRIMEIRA INVAISÃO HOLANDESA

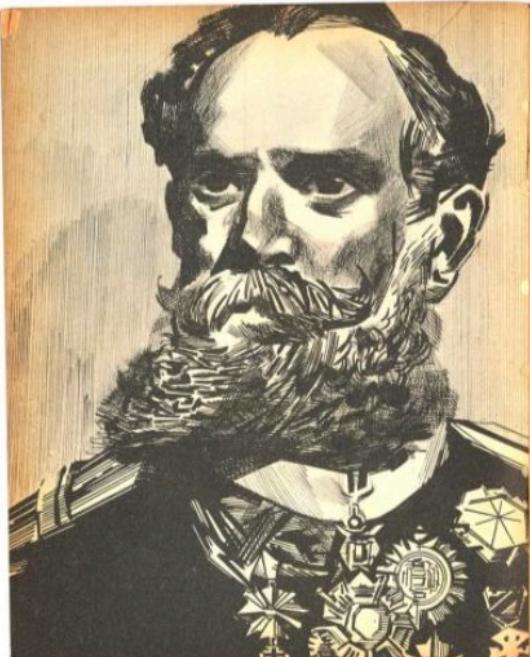
1. **Ataques de estrangeiros à terra do Brasil.** 2 — O domínio espanhol. 3 — Antecedentes da primeira invasão holandesa. 4 — O ataque à Bahia. 5 — A reação.

**monopólio do comércio por Portugal e Espanha e alcançar a liberdade dos mares.**

**2. O domínio espanhol.** — Em luta contra os mouros em Marrocos, desapareceu a batalha de Aljubarrota o jovem rei de Portugal D. Sebastião. Seu sucessor no trono foi seu tio-savó, o velho cardeal D. Henrique, que faleceu dois anos depois. Julgou-se, então, com direito à coroa portuguesa o rei da Espanha, D. Filipe II (neto de D. Manuel). Embalde\* procuraram opor-se a tal pretensão os partidários de D. Antônio, prior do Crato<sup>11</sup>, e outros: um exército espanhol os derrotou e Filipe II foi aclamado rei de Portugal. E, assim, em 1580, passou o Brasil, com todas as colônias portuguesas, ao domínio espanhol, sob o qual ficou até que Portugal restaurou a liberdade, em 1640.

(1) D. Antônio era o chefe, em Portugal, da Ordem de Cavalaria de Malta, cuja sede ficava na vila do Crato. Daí seu título de prior, título que significa sucessor e, também, dignitário nas antigas ordens militares, é neste último sentido que a palavra está empregada.

89



**9| A REPÚBLICA**

1| A PROPAGANDA E A PROCLAMAÇÃO

1. **Antecedentes.** — Dentro todas as nações da América, o Brasil era a única que não adotava o governo republicano. Existira, entretanto, em nossa terra, desde os tempos coloniais, o ideal democrático, para o qual, depois, o Império sempre propendera". Afirmando, até, ser o Brasil uma "república condada".

Tinha havido, aliás, tentativas de república num ou noutro ponto do país, antes da Independência ou depois dela. E o período da Regência (1831-1840) havia sido uma experiência republicana.

Desde havia muito tempo, verificava-se a centralização inconveniente ao país, de imenso território e difíceis comunicações entre as províncias e a capital, achava-se mais conveniente o regime federativo, com maior autonomia para as unidades nacionais. Depois da guerra do Paraguai,

manifestou-se mais intensa a idéia da federação, que poderia ser feita mesmo com a monarquia. Os republicanos, entretanto, tinham o mesmo ideal como uma das bases da sua propaganda.

2. **A propaganda.** — Em 1870, os republicanos fundavam no Rio seu primeiro clube e publicavam seu manifesto: pouco depois, formavam o Partido Republicano Paulista e reuniam-se na célebre Convocação de Itu (1873). Desenvolveu-se a propaganda, pela imprensa ou em conferências, pregavam as idéias democráticas, além de outros, Silva Jardim, Campos Sales, Lopes Trovão, José do Patrocínio, Quintino Bocaiúva. Não alcançava, todavia, a propaganda republicana o mesmo êxito que tivera a da abolição; a opinião pública não se manifestava muito entusiasta; a simpatia e prestígio

193

**10| O BRASIL CONTEMPORÂNEO**

1| O PEACE CONCORDIA. 2 — O ARBITRAMENTO.

**1. Pela concórdia.** — O Brasil foi sempre amigo da justiça e da paz. Toda a nossa vida como Estado livre e soberano atesta a moderado e os sentimentos pacíficos do governo brasileiro, em perfeita consonância com a vontade da nação. E se, malgrado nosso, diversa algumas vezes de recorrer às armas, fizemos-lhe para reparação de injustiças, para resgate de sagrados direitos, para revide<sup>12</sup> de criminosas agressões. Durante muitos anos (dizê-lo Rio Branco) "fomos a primeira potência militar da América Latina, sem que essa superioridade de força, tanto em terra como no mar, se houvesse mostrado, nunca, uma perigo para os nossos vizinhos".

Inspirada pela "harmonia justa e digna entre as nações" a Repú-

blica brasileira consignou em sua Constituição, desde 1891, o recurso ao arbitramento para resolver as questões internacionais, e afirmou sua repulsa à tória guerra de conquista<sup>13</sup>. E, em 1907, quando se realizava, em Haia, o Congresso da Paz, alcançou nossa pátria magnífico triunfo, pelo gênio de Rui Barbosa: bateu-se na defesa da igualdade de soberania dos Estados pequenos ou fracos, ante as chamadas grandes potências que, muitas vezes, não a reconhecia.

**2. O arbitramento.** — Tinha o Brasil, nos primeiros tempos da República, dois tratados de arbitramento: um com a Argentina e outro com o Chile. O barão de Rio Branco, no ministério do Ex-

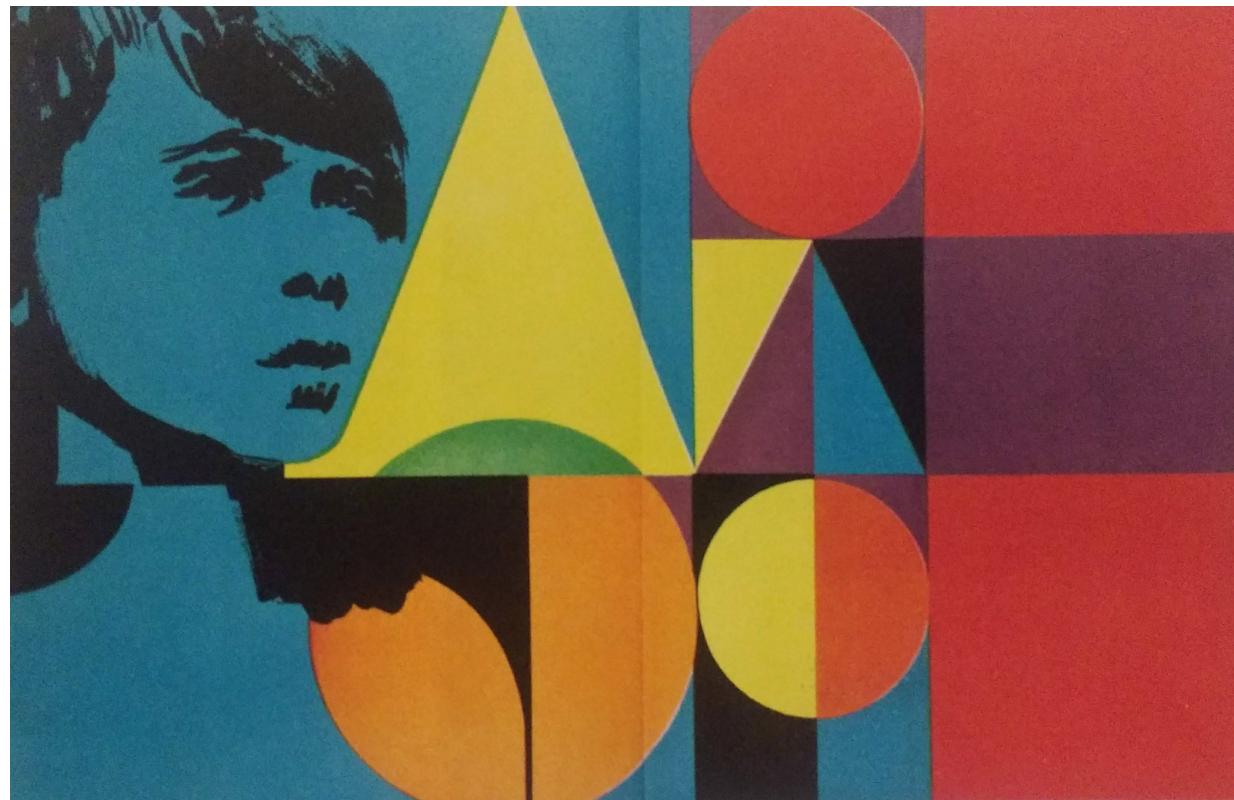
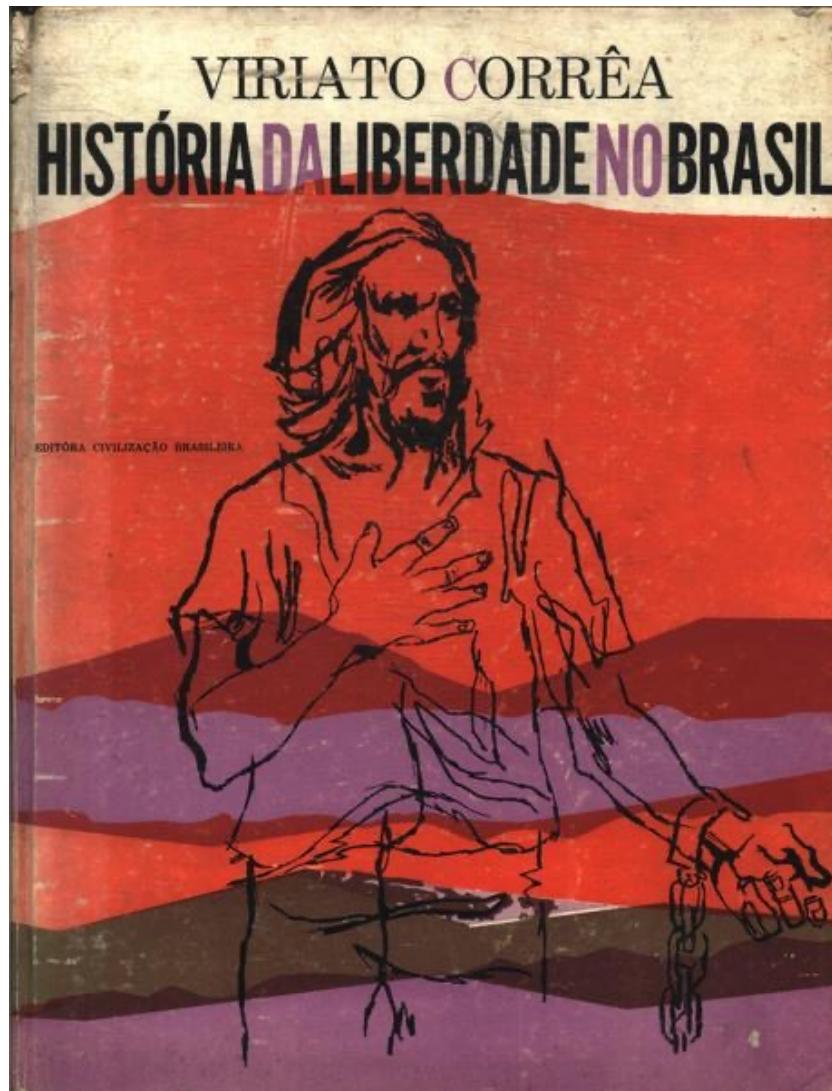
(1) Do art. 4 da Constituição de 1946, que é a vigente: "O Brasil em caso nenhum se impulsionará em guerra de conquista, direta ou indiretamente, por si ou em aliança com outro Estado".

215

Páginas internas com ilustrações de Eugênio Hirsch para o livro "História do Brasil – primeira série ginásial", 1961.

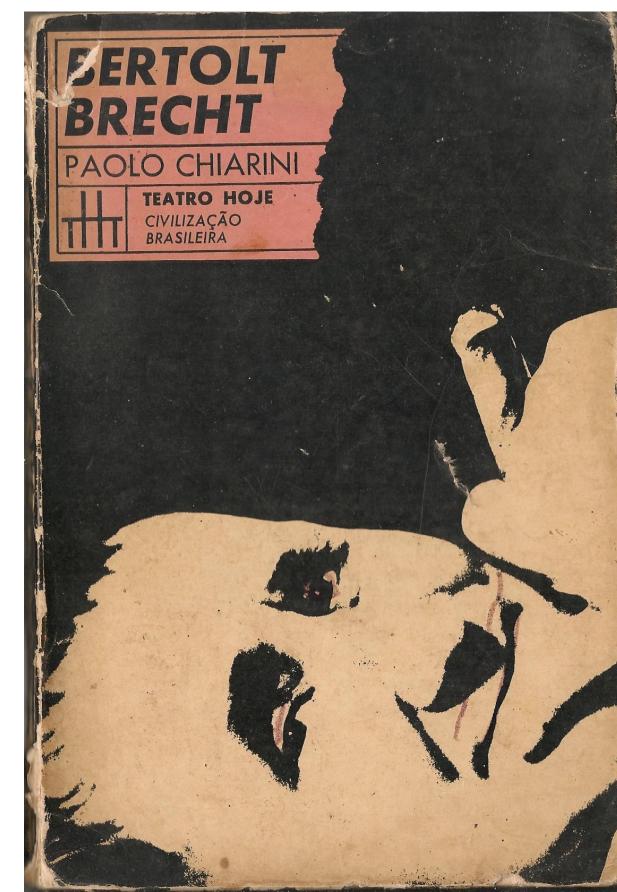
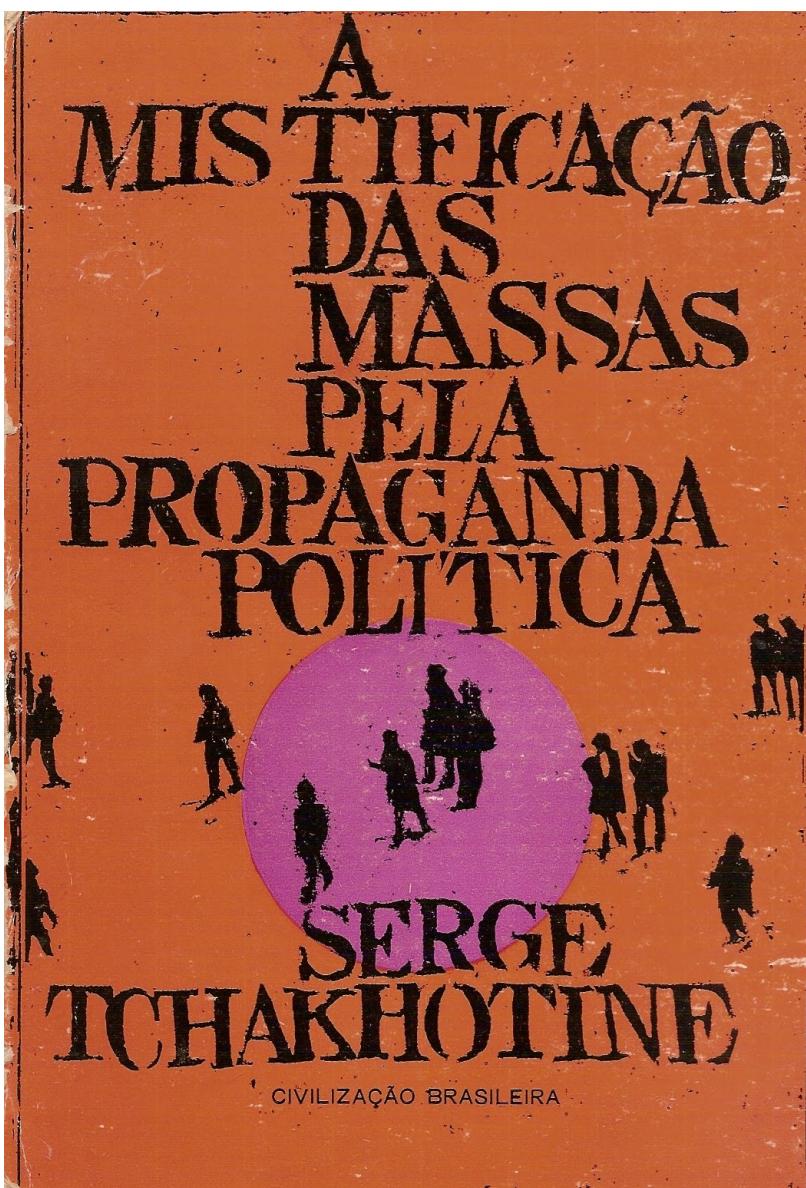
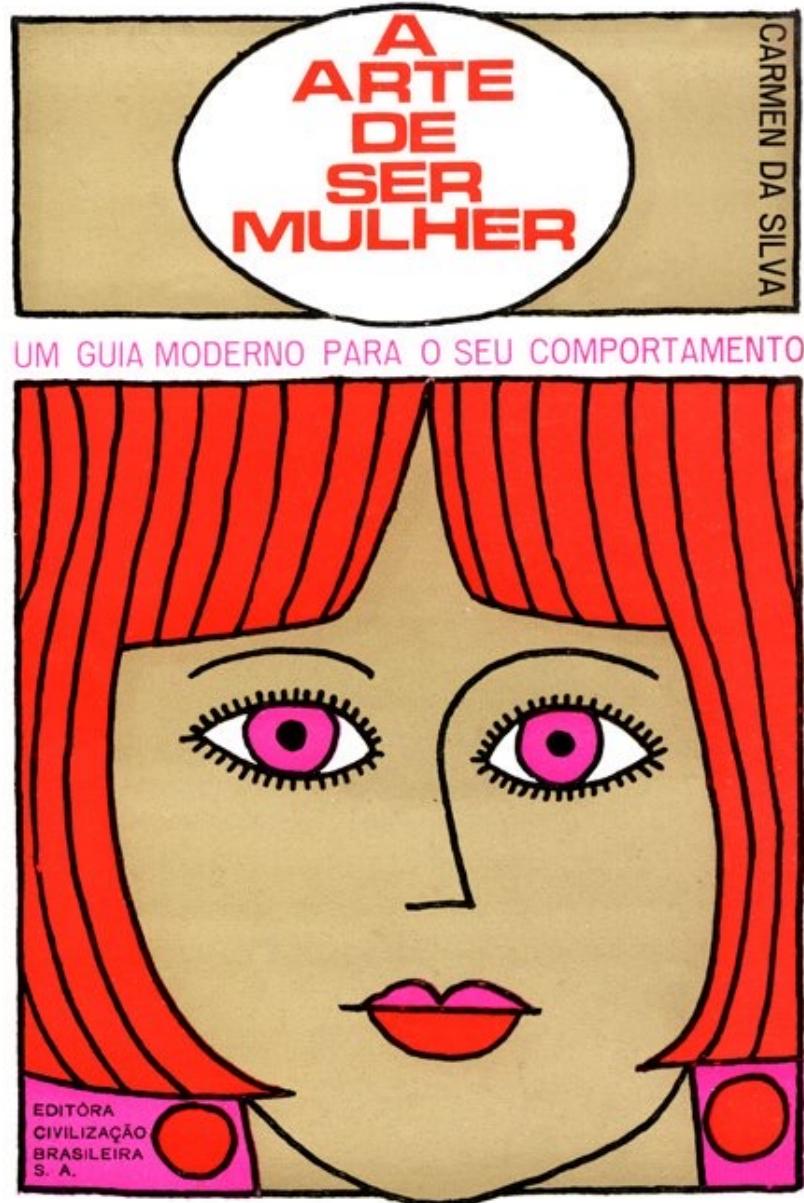


Páginas internas com ilustrações de Eugênio Hirsch para o livro “História do Brasil – primeira série ginásial”, 1961.



Ao lado, capa de "História da Liberdade no Brasil", texto de Viriato Corrêa e projeto gráfico e ilustrações de Eugênio Hirsch, 1962. Acima, página dupla do miolo.

O livro é um paradidático, publicado bem antes que o termo existisse. Há muita liberdade nas abordagens gráficas, com soluções variadas – bastante despidas de intenções narrativas – envolvendo papéis recortados, formas geométricas, desenhos figurativos.



Capas de Marius Lauritzen Bern para livros da Civilização Brasileira.  
"A Arte de ser mulher", de Carmen da Silva, 1967.  
"A Mistificação das massas pela propaganda política", de Serge Tchakhotine", 1967.  
"Bertold Brecht", de Paolo Chiarini, 1967.

## O Forte

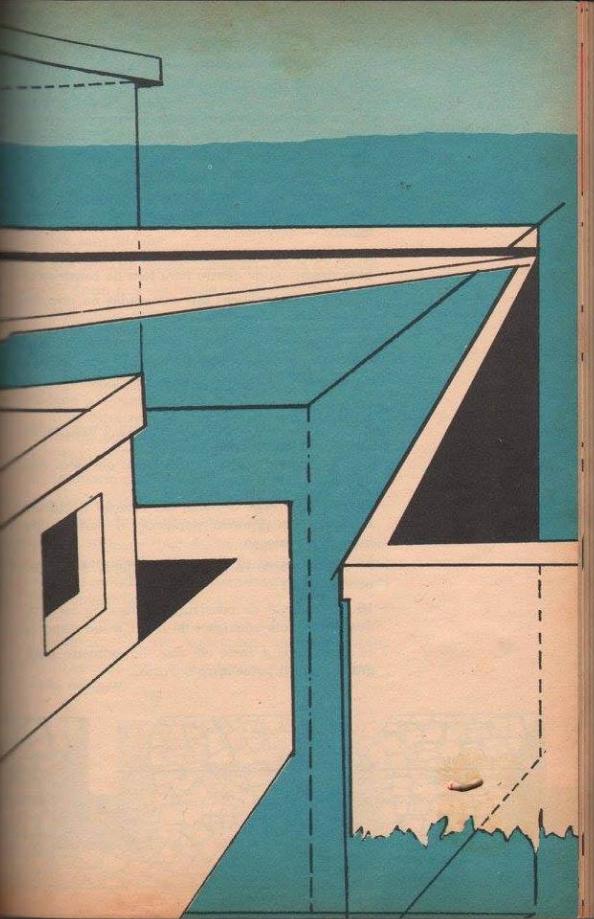
As amuradas, plantadas no chão, fecham o pátio. Os corredores são galerias adentro dos paredões de pedra, levam aos antigos depósitos e às prisões, estabelecem as comunicações entre os alojamentos. No centro, bem no centro, a terra nua. Quase um casteio assim em seu tamanho, altas suas tóres de vigia, deve pesar como uma montanha. Erguendo-se na colina, quadrado pelos muros que sobem, vê as ladeiras, as ruas, as praças. E, muito embaixo, o mar-de saveiros e o oceano aberto. Os canhões enferrujados, para o mar, voltados já estiveram. Poder-se-ia dizer, e sem mentir, que a Bahia cresceu com êle.

Largos são os passeios que o rodeiam e nêles a multidão passa durante o dia, descendo e subindo, o ar cheio de barulho. Caminho de muitos, as ladeiras saíndo dos quatro cantos, sua sombra escurce os sobrados de azulejos. O portão, na verdade uma cancela gigantesca, range quando se abre. Por cima nas manhãs de domingo, saíam os cantos dos sinos de sua capela. É possível vê-la, encostada ao pátio, ameaçando cair. Baixa, as paredes esburacadas, as telhas partidas. E por cima também escapavam, nos velhos tempos, as ordens das cornetas, os rumôres das marchas, as algazarras do rancho.

A terra nua, no pátio, tem a côr do cobre. Sustenta, porém, as três árvores. Espalhadas, os troncos grossos, ganharam altura. Levantam-se como se o Forte fosse um convento, tranquilas, moradia de pássaros. Os ventos altos, vindos do mar, não têm forças para agitá-las. E, no verão, sua sombra é pouso. Faz bem vê-las, assim nos recantos, fôlhas cobrindo o chão. O pico da colina está coberto. A carcaça imensa, o labirinto por dentro, tóres e colunas, os fundos alicerces plantados na rocha. Construído aos pedaços, alargando-se e subindo, sua dureza fere os olhos. O ar, porém, é livre. E abriga, quando o vento não falta, os cheiros da Bahia. Os torreões aprumados, como braços erguidos, apontam o céu de estrelas e paz.

ADONIAS FILHO, *O Forte*, Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira, 1965, págs. 15-16.

Arte: CILDO MEIRELLES



Pareceis de tênué sêda,  
sem peso de ação nem de hora...  
— e estais no bico das penas,  
— e estais na tinta que as molha,  
— e estais nas mãos dos juízes,  
— e sois o ferro que arrocha,  
— e sois barco para o exílio,  
— e sois Moçambique e Angola!

Ai, palavras, ai, palavras,  
ieis pela estrada afora,  
erguendo asas muito incertas,  
entre verdade e galhofa,  
desejos do tempo inquieto,  
promessas que o mundo sopra...

Ai, palavras, ai, palavras,  
mirai-vos: que sois, agora?

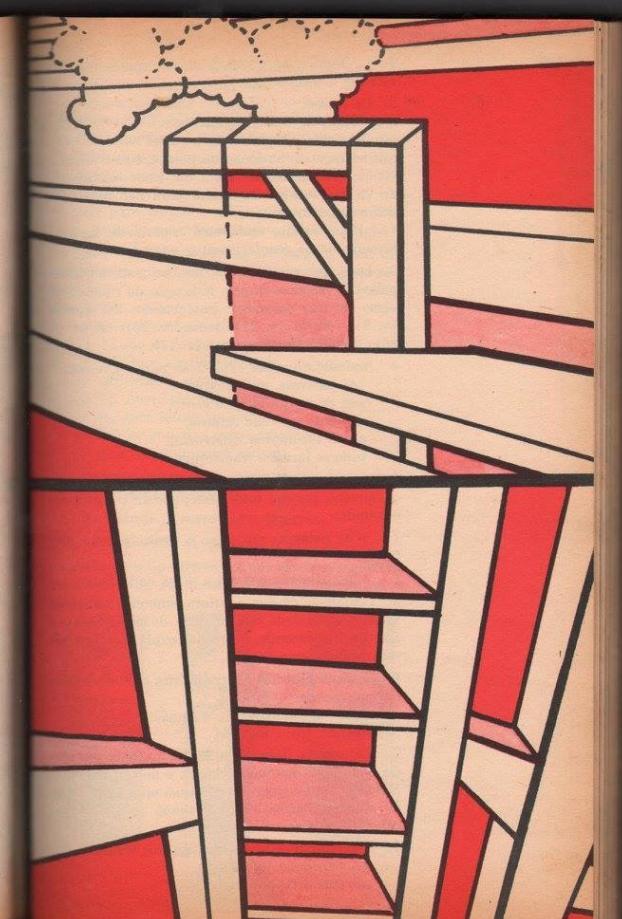
— Acusações, sentinelas,  
bacamarte, algema, escolta;  
— o olho ardente da perfidia,  
a velar, na noite morta;  
— a umidade dos presídios,  
— a solidão pavorosa;  
— duro ferro de perguntas,  
com sangue em cada resposta;  
— e a sentença que caminha,  
— e a esperança que não volta,  
— e o coração que vacila,  
— e o castigo que galopa...

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potênciâ, a vossa!  
Perdão podleis ter sido!  
— sois madeira que se corta  
— sois vinte degraus de escada,  
— sois um pedaço de corda...  
— sois povo pelas janelas,  
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,  
que estranha potênciâ, a vossa!  
Breis um sópro na aragem...  
— sois um homem que se enfoca!

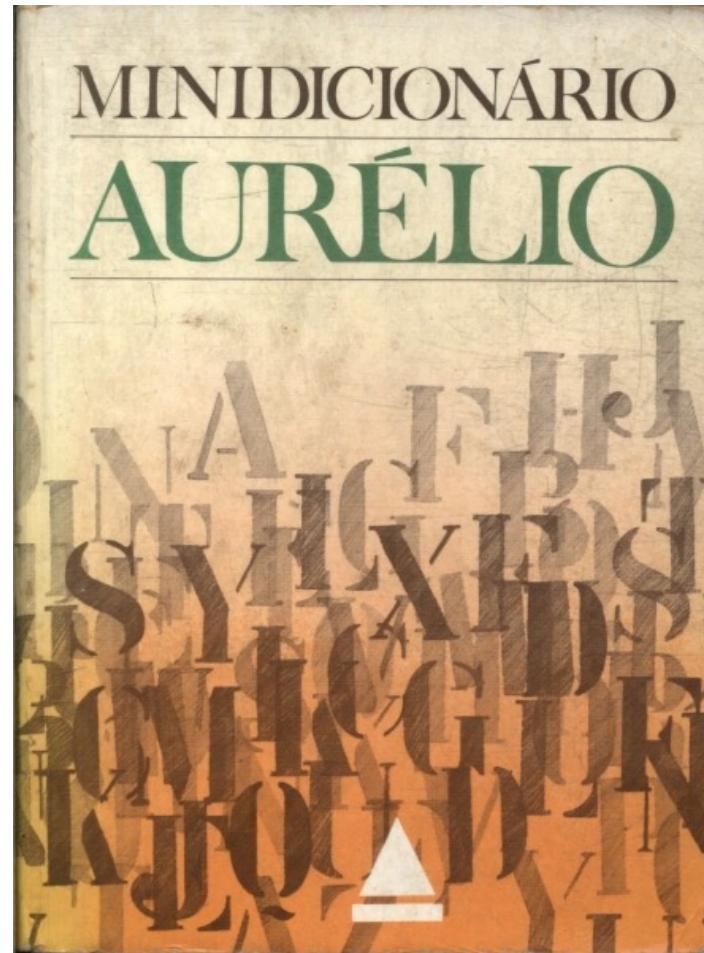
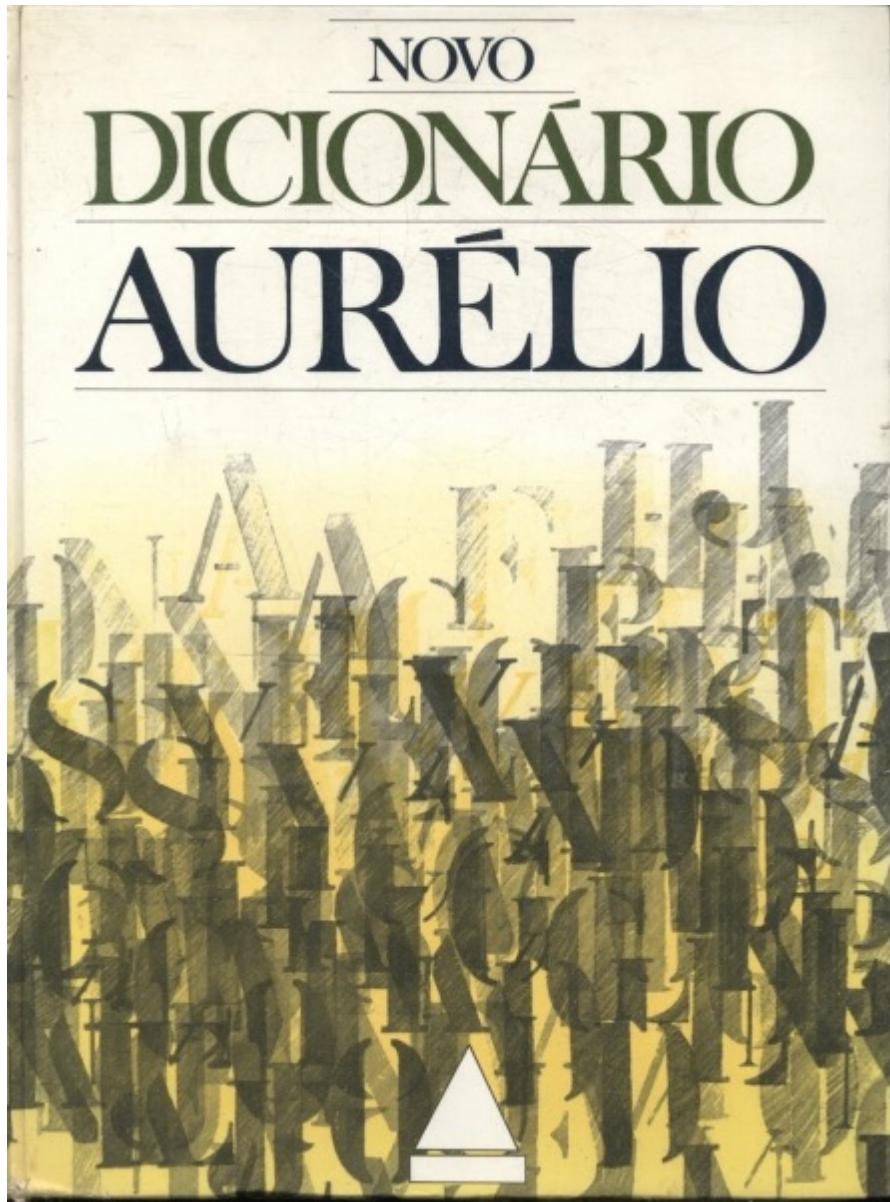
CECILIA MEIRELLES, *Romanceiro da Inconfidência*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1953, págs. 185-87.

Arte: RAYMUNDO COLLARES



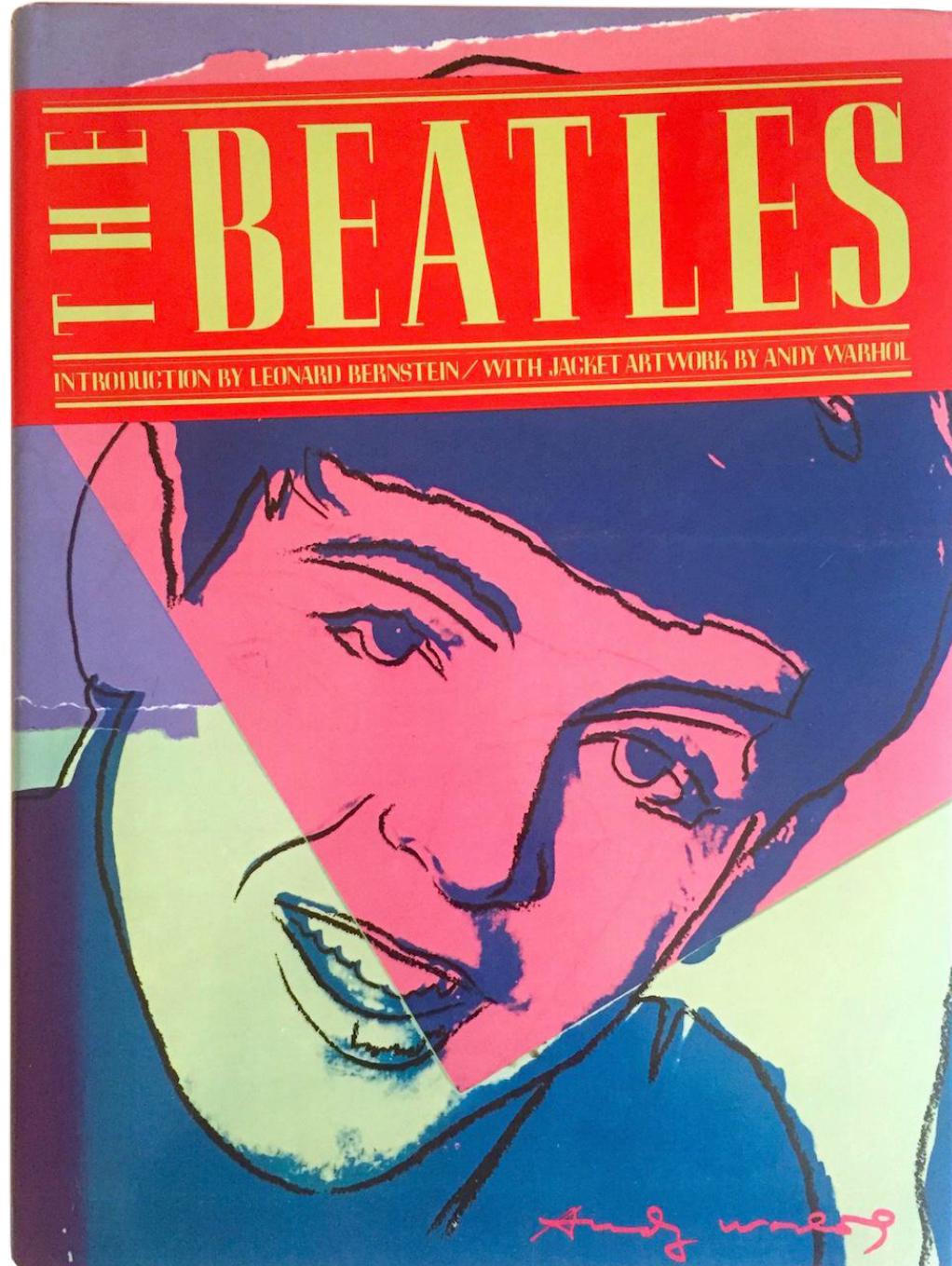
À esquerda, ilustração do artista plástico Cildo Meirelles para o texto “O Forte”, de Adonias Filho, publicado em livro didático, 1968

À direita, ilustração do artista plástico Raymundo Collares para o texto “Das Palavras Aéreas”, de Cecilia Meirelles, publicado em livro didático, provavelmente de 1968.



"Novo Dicionário Aurélio" e "Minidicionário Aurélio", de Raul Rangel Filho, ilustrações de Gian Calvi, 1975.

Foi o mais importante livro dos anos 70. Até então, não havia um dicionário de porte que registrasse de maneira sistemática o português usado no Brasil.



Bea Fleiter: capa para o livro “The Beatles”, arte de Andy Warhol, 1982.

“Bea estava na época no auge de sua carreira nos Estados Unidos. Assinar o planejamento visual daquele que é uma espécie de livro oficial dos Beatles é um atestado de seu prestígio – creditado logo abaixo do título. (...)

Bea era designer da Harper’s Bazaar, e o livro de fato respira ares de revista. (...)

A inclinação da faixa que contém o título dinamiza ainda mais o movimento sugerido pelo plano magenta que simula o efeito de papel recortado”(em A linha do tempo do design gráfico no Brasil, Homem de Melo).

# AMYR KLINK

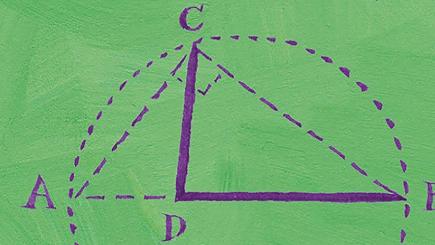
Cem dias entre  
céu e mar



COMPANHIA DE BOLSO

# EDUARDO GIANNETTI

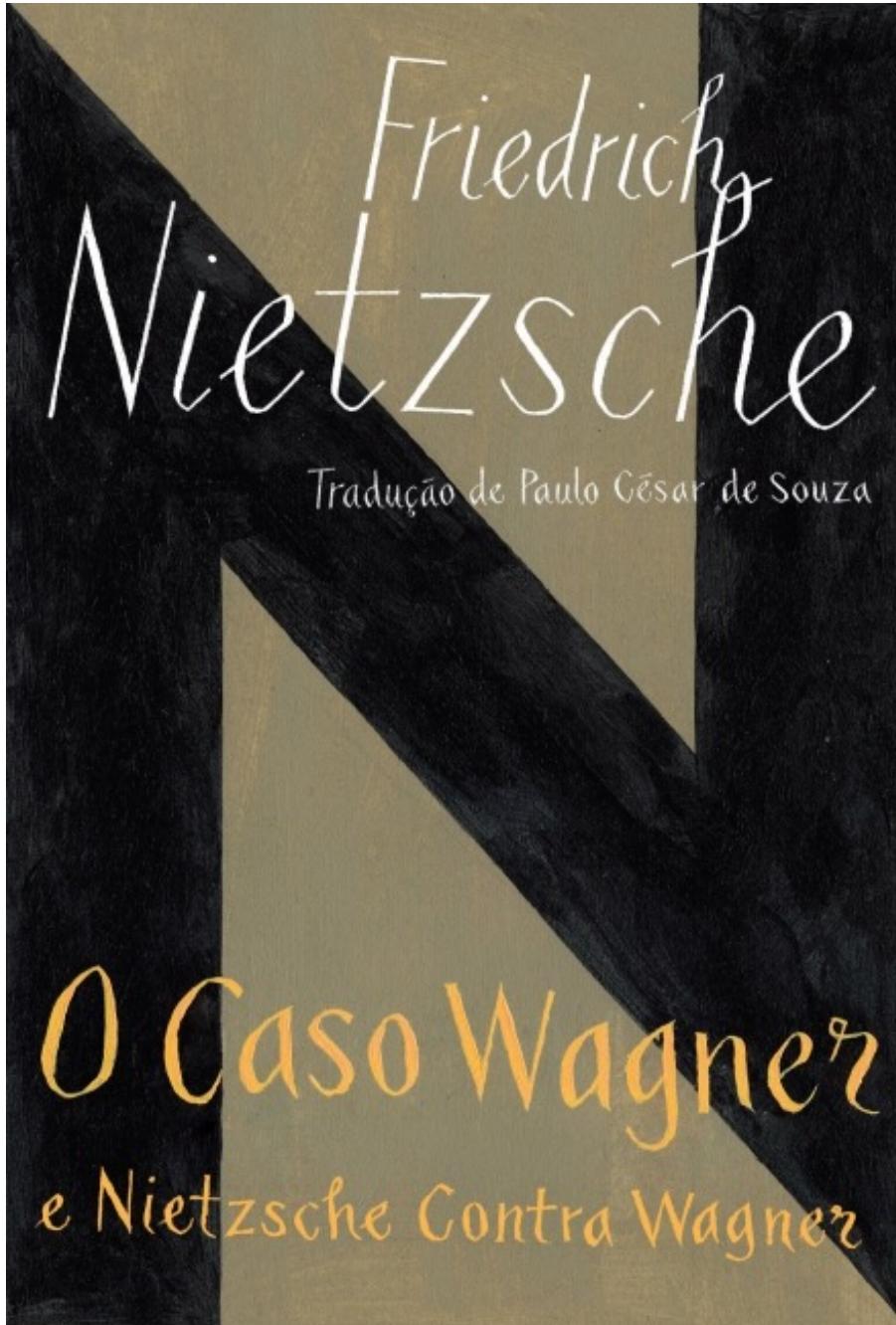
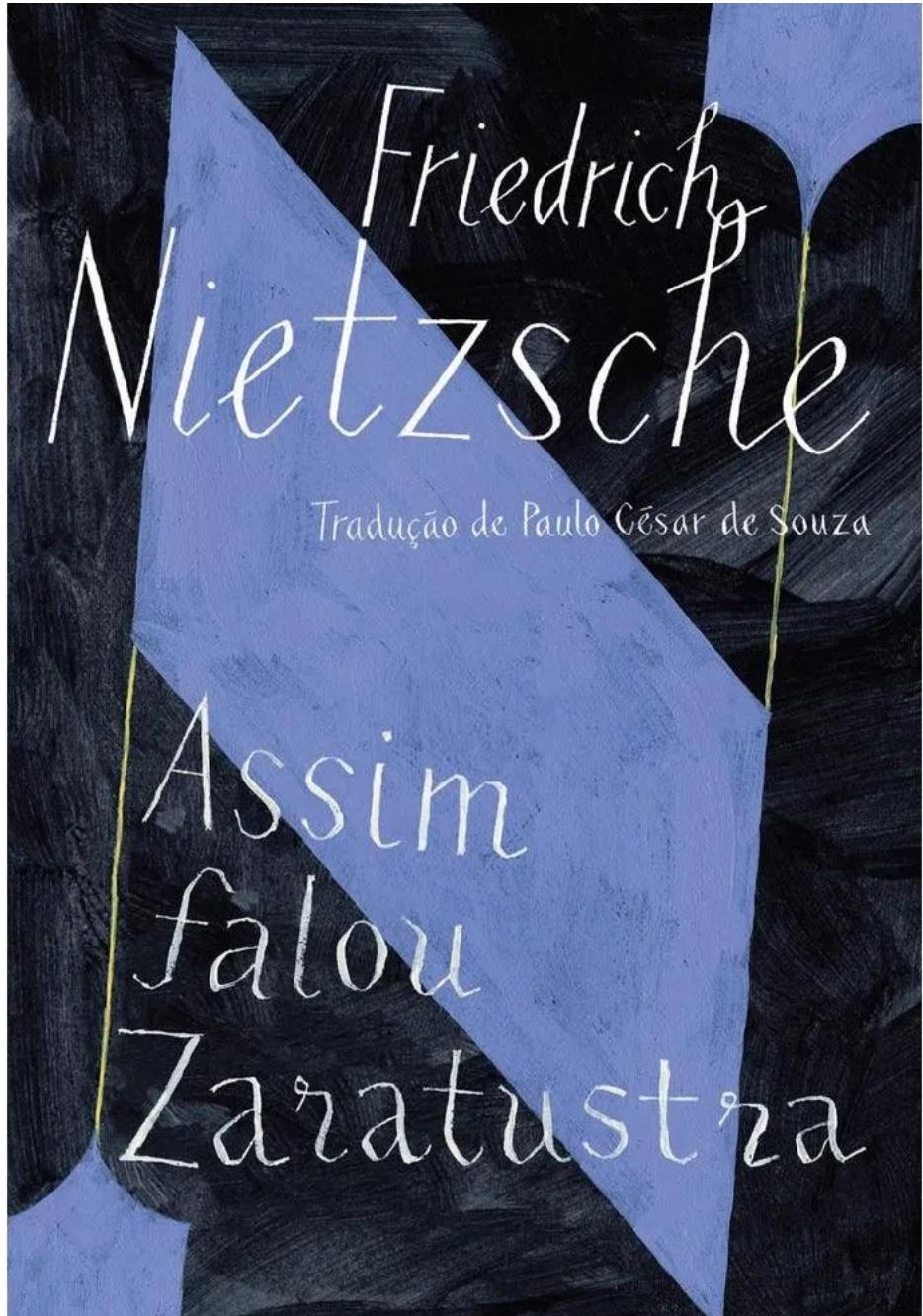
## Autoengano



COMPANHIA DE BOLSO

Capas da coleção de bolso  
da Cia. Das Letras.  
“Cem dias entre o céu e o  
mar”, 2005.  
“Autoengano”, 2005.

As capas da Cia. De Bolso  
são feitas pelo ilustrador  
Jeffrey Fisher.



Capas da coleção de bolso da Cia. Das Letras, ambas do filósofo Friedrich Nietzsche.

As capas da Cia. De Bolso são feitas pelo ilustrador Jeffrey Fisher.

KARL MARX

# o capital

LIVRO II



Capas de Cassio Loredano para livros da editora Boitempo.

# ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Livro didático infantil: ABC



T

VERSED BY  
MARY MILLS LYALL

PICTURED BY  
EARL HARVEY LYALL

H

E

E

U

S

I

S

S

, G.P. PUTNAM'S SONS  
NEW YORK AND LONDON



A

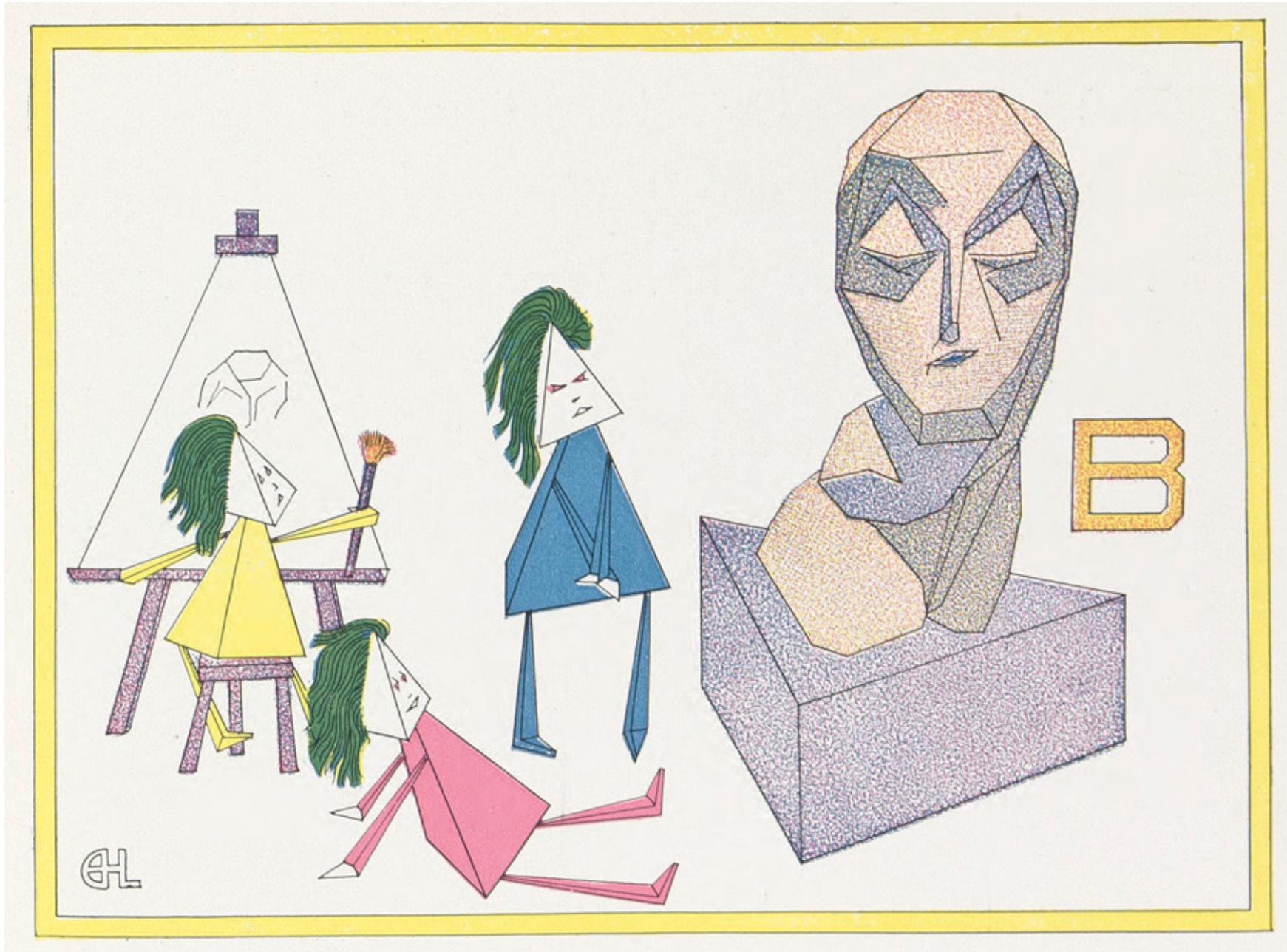
B

C

"The Cubies' ABC",  
por Mary Mills Lyall e  
Earl Harvey Lyall, G. P.  
Putnam's Sons, 1913.

Trata-se de um bem-humorado ataque ao Cubismo sob a forma de um abecedário e livro infantil.

Brancusi, Duchamp, Kandinsky, Picasso e outros são gentilmente atacados em ordem alfabética.



"The Cubies' ABC",  
por Mary Mills Lyall e  
Earl Harvey Lyall, G. P.  
Putnam's Sons, 1913.

"B is for Beauty as  
Brancusi views it".



"The Cubies' ABC",  
por Mary Mills Lyall e  
Earl Harvey Lyall, G. P.  
Putnam's Sons, 1913.

"E is for Ego, intense  
and Exotic".



"The Cubies' ABC", por  
Mary Mills Lyall e Earl  
Harvey Lyall, G. P.  
Putnam's Sons, 1913.

"K's for Kandinsky's  
Kute "improvisations"".



Ist hier der Goldel, der Gänselfaß,  
und braue große Opern.  
Puff, puff, wie ja es ist, gründet auf,  
sonst fällt dir was' aus dem  
Ritterstiel, Ritterstiel,  
was' Pfeuer und puff dir nie!



He, heft mir auf den Hängelmann,  
wie der so lustig für den Raum!  
Weiß steh' ein frohles Gesicht  
und weinen und trocken, daß man es nicht.

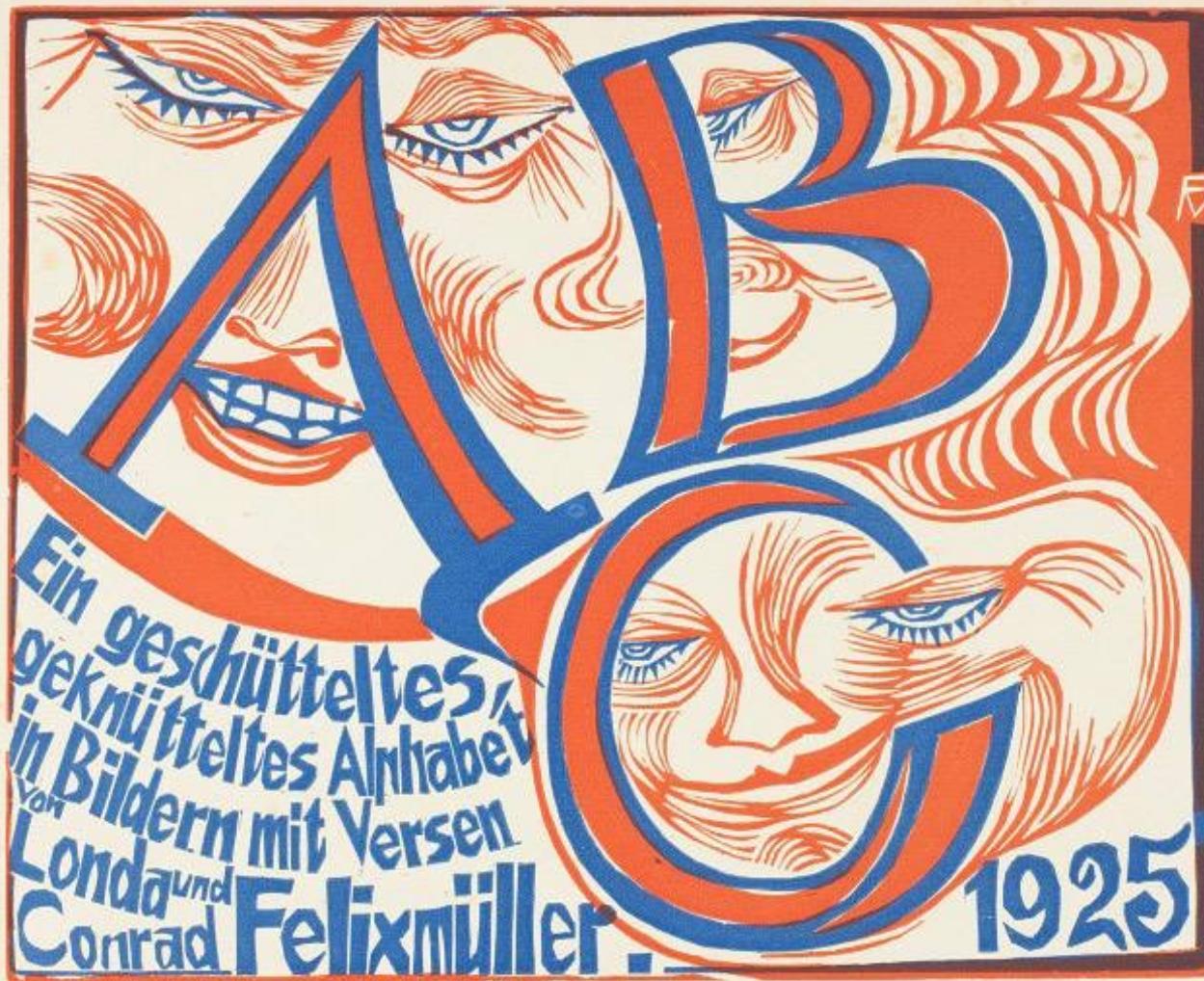


Los zu dem faulen, bösen Rini,  
da kommt der Rauhig's ganz gefaust!  
Es steht der böse Zwerg zusammen  
und faulig in den Rüttel und Raum.  
Das Rini, es ist freit, o' Janine,  
säfft' ich gelemt das A. B. C!"

32674

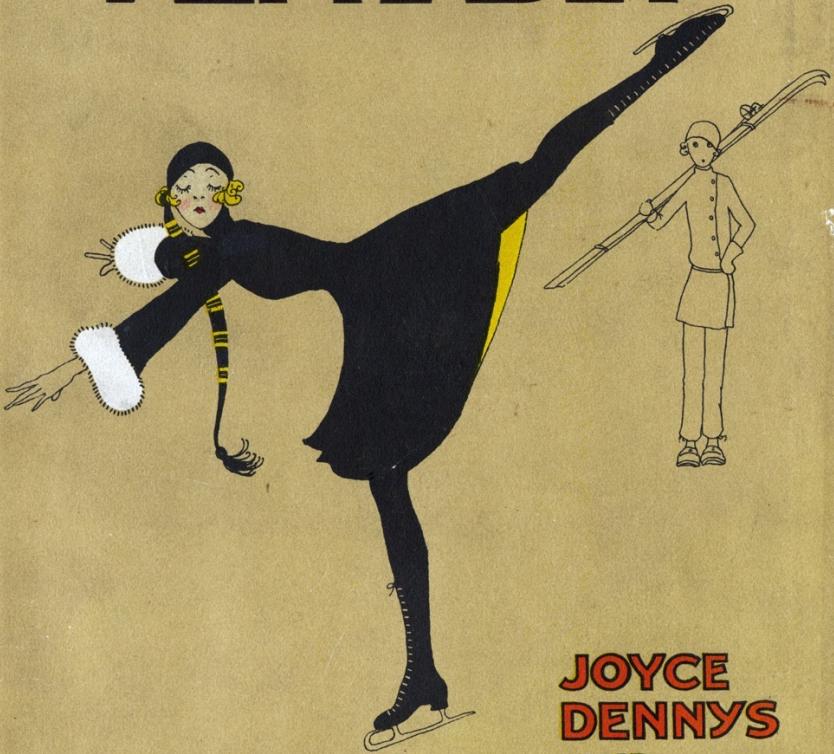
folg folg  
25. 11. 3/3. 94

Olga Kopetzky: "Das Nürnberger ABC", 1912.



Conrad Felixmüller: "ABC – Ein geschütteltes, geknütteltes Alphabet in Bildern", 1925.

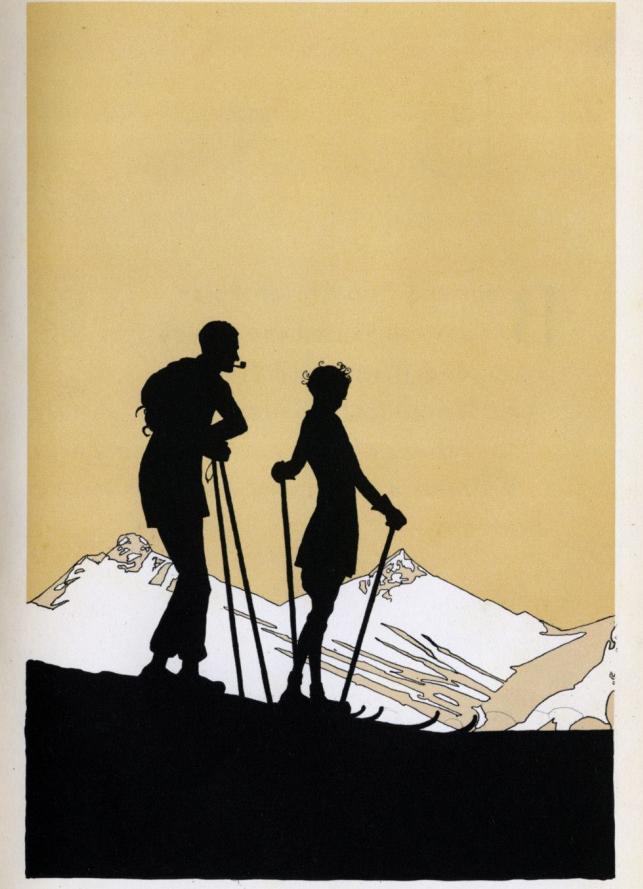
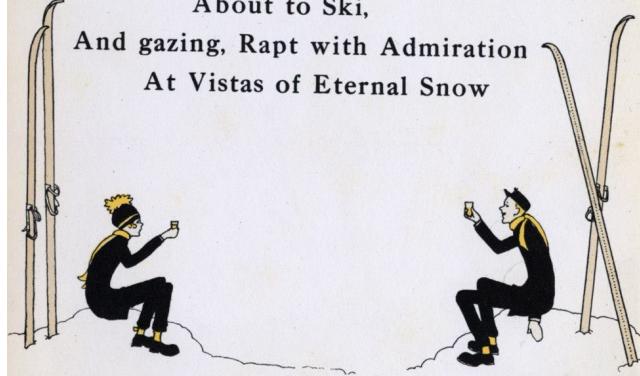
# A WINTER SPORTS ALPHABET



JOYCE  
DENNYS  
AND  
EVOE

# A

**A** for the Wild Anticipation  
(Before we started out, you know)  
Of You and Me  
About to Ski,  
And gazing, Rapt with Admiration  
At Vistas of Eternal Snow



Joyce Dennys: "A Winter Sports Alphabet", John Lane, Londres, 1926.  
Abecedário relacionado a esportes de inverno.

# D



D sets us Dancing. For this Art  
There'll be no other free time  
Till Dinner do us Rudely Part.

“What what?”

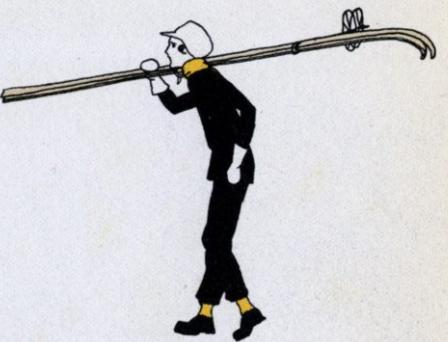
“Right-o!”

“We'd better start  
Directly after tea-time.”



Joyce Dennys: “A  
Winter Sports  
Alphabet”, John  
Lane, Londres,  
1926.

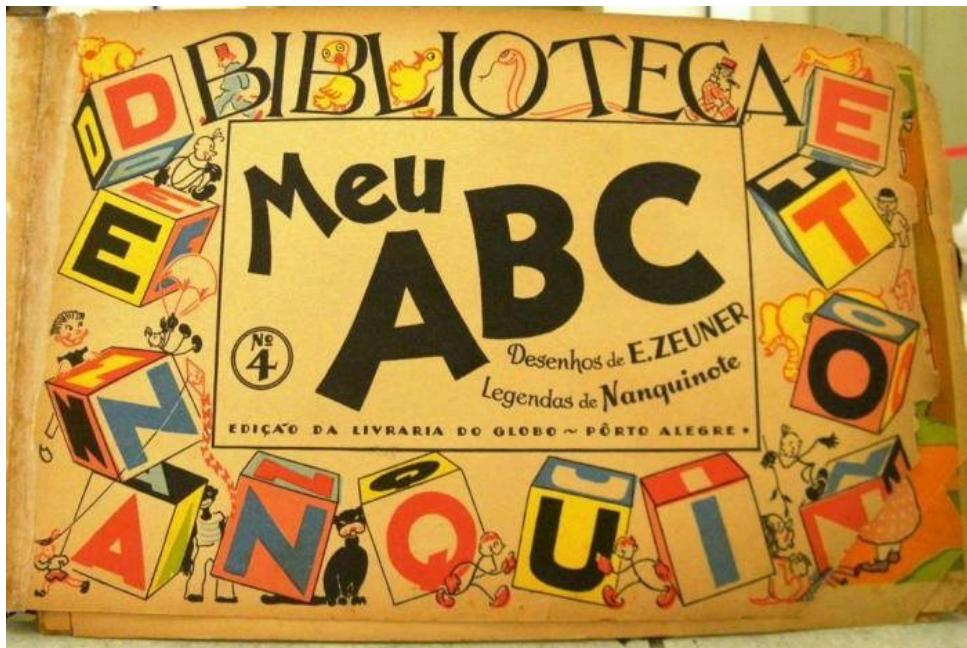
# E



**E** stands for Energy. This Martyr  
Perspiring upwards with such Zest  
(A Civil Servant, Mr. Carter :)  
Went out, as Planned,  
To Switzerland  
For a Complete and Thorough Rest.



Joyce Dennys: "A  
Winter Sports  
Alphabet", John  
Lane, Londres,  
1926.



"Abecedário Meu ABC", escrito por Érico Veríssimo e ilustrado por Ernst Zeuner, Editora Globo, 1936-1939.

Na capa, nem a assinatura é de Erico, mas de Nanquincote, um boneco feito de nanquim que aparece em outras publicações infantis do escritor e que servia como pseudônimo.



# É?



Não É? Pois É,  
— É? Não É? Pois É,  
— eu faço Exercício, deitado e de pé!

— É? Não É? Pois É:  
todo o mundo fica pasmo  
com este E do Entusiasmo!

E de Escola  
e de Estudante,  
que Entende  
e que aprende!

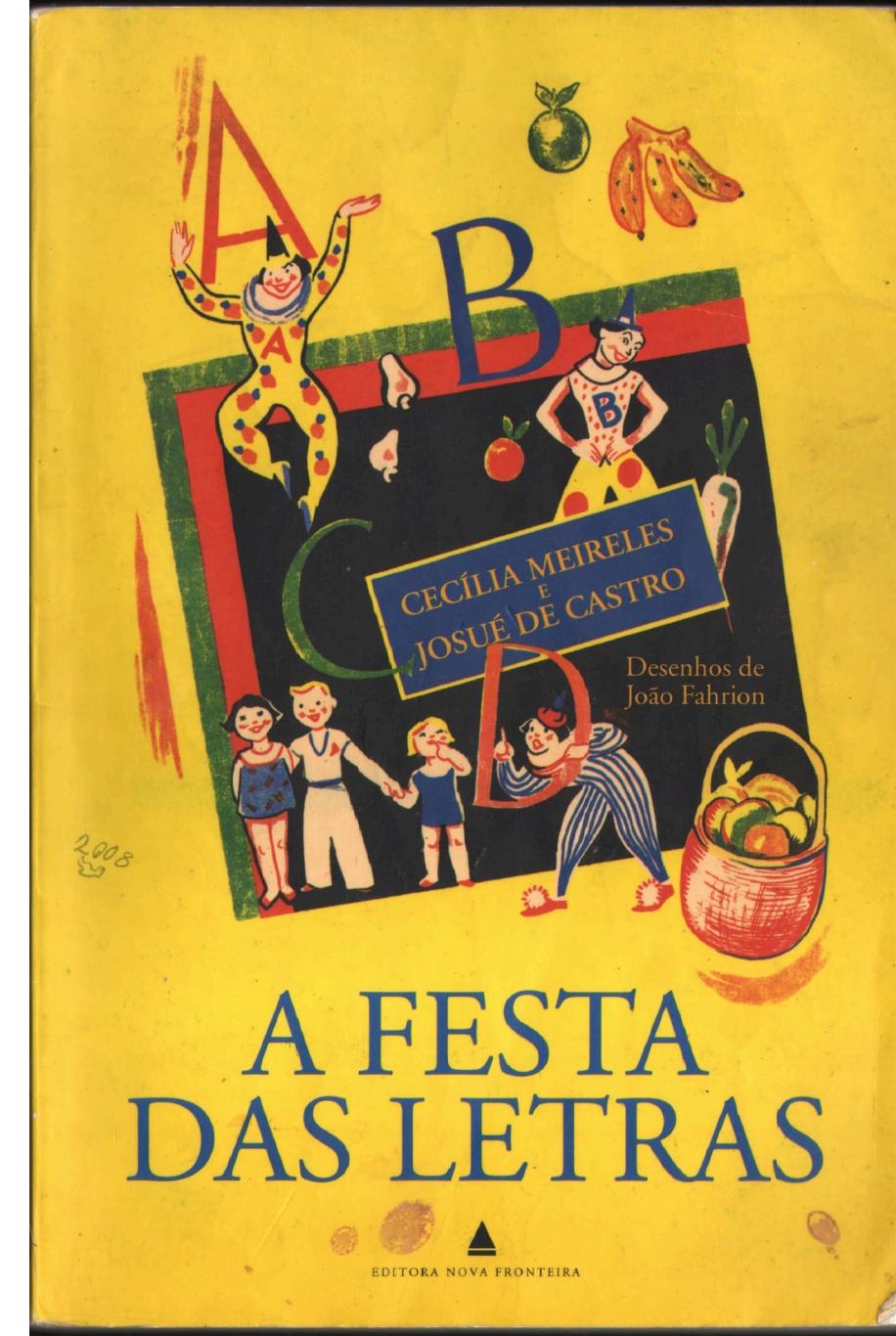


E — que Estuda bem!  
E — que faz Exame!  
E — que tira 100!



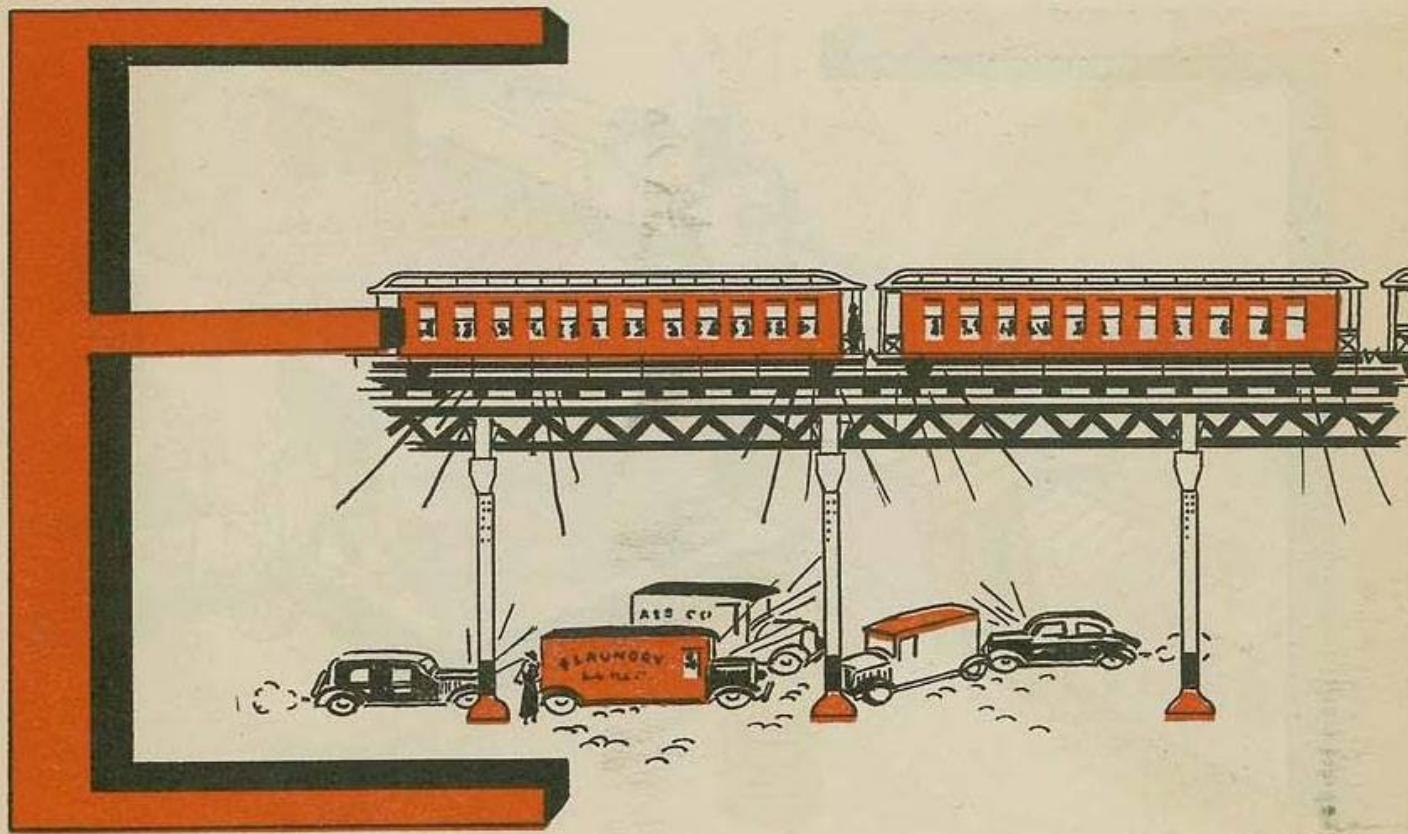
# A FESTA DAS LETRAS

EDITORA NOVA FRONTEIRA

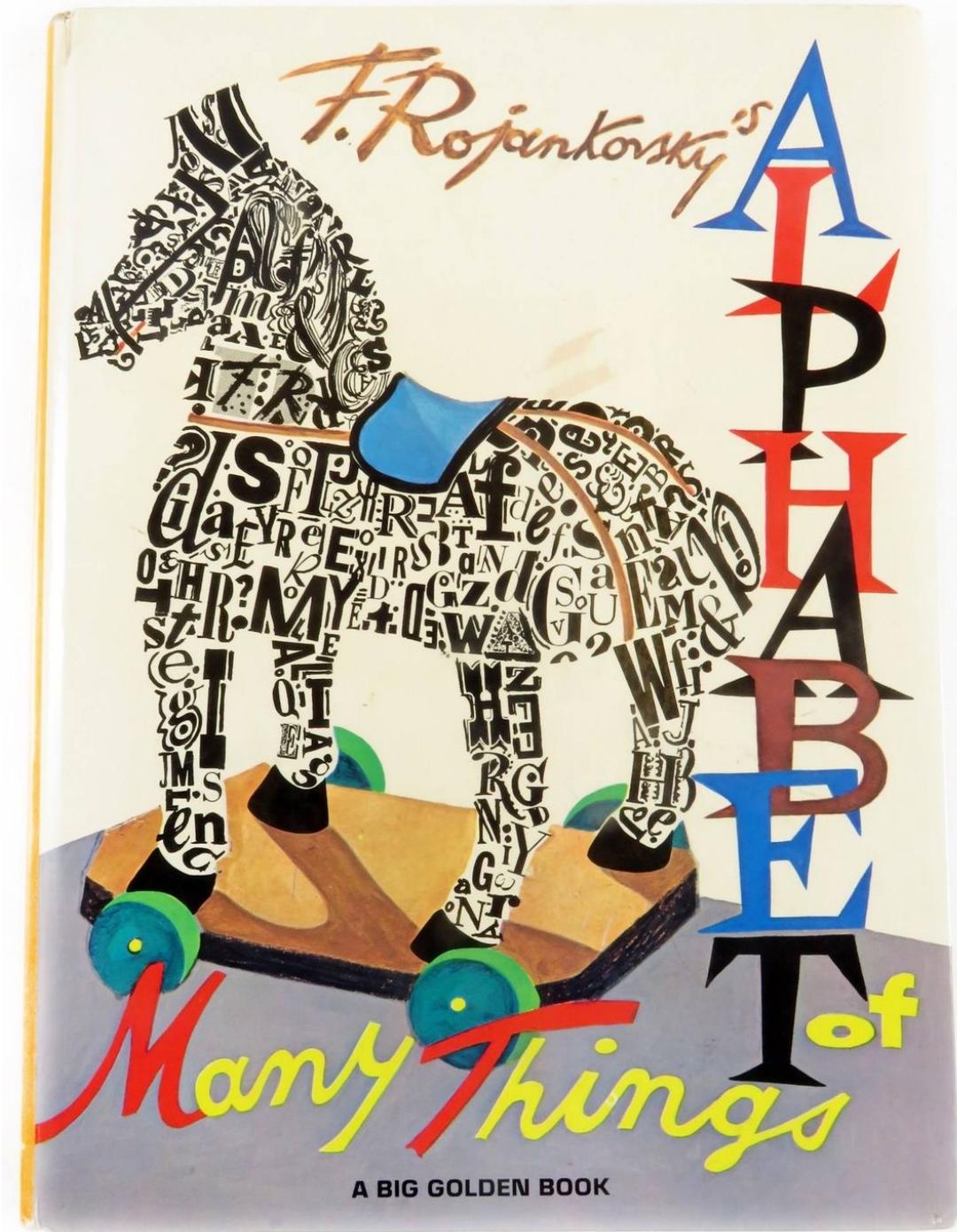


"A Festa das Letras", de  
Cecília Meireles,  
ilustrações de João Fahrion.

Data da primeira  
publicação: 1937.



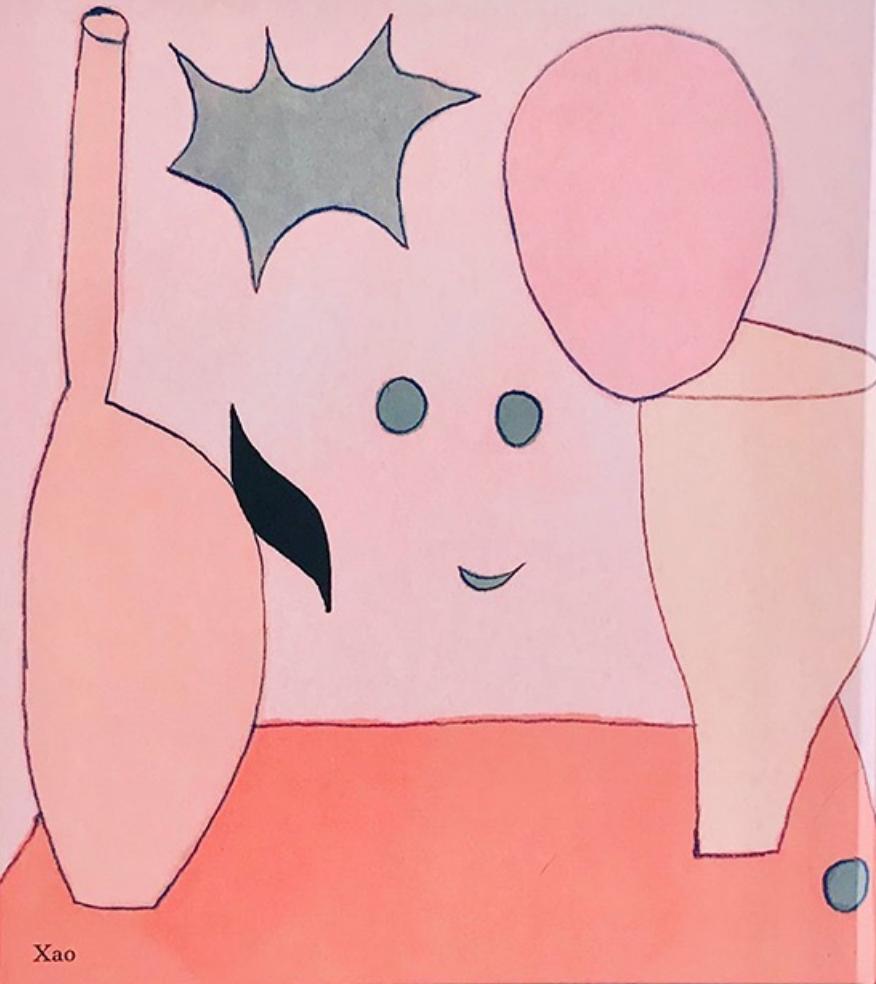
**E**—is the **ELEVATED**  
That must be torn down.  
The nuisance it creates  
Isn't good for our town.



"F. Rojankovsky's Alphabet of Many Things", A Big Golden Book, 1970.

# ALEF, BET, TEĎ!

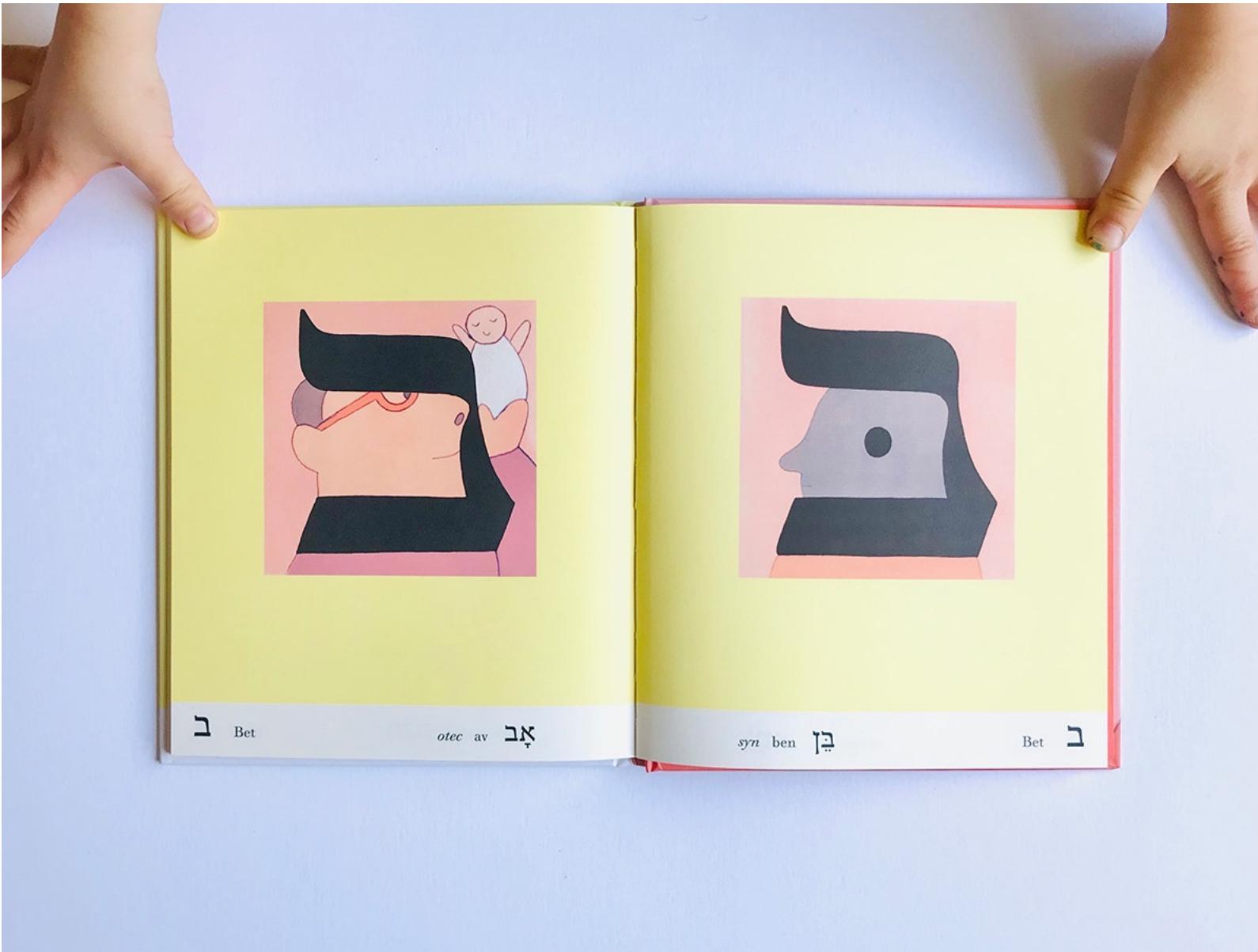
Alžběta Glancová  
Lucie Lučanská



Capa de “Alef, Bet, Ted!”,  
texto de Lucie Lučanská e  
ilustrações de Alžběta  
Glancová, 2019.

O livro funciona como um  
primeiro contato de crianças e  
leitores adultos com o  
hebraico e levará o leitor a ler  
passo a passo palavras  
selecionadas. São explorados  
conceitos que estão  
profundamente ligados ao  
hebraico.

Nas páginas do livro, o leitor  
encontrará Davi e Golias,  
jogadores de gamão, uma  
baleia gigante, etc.

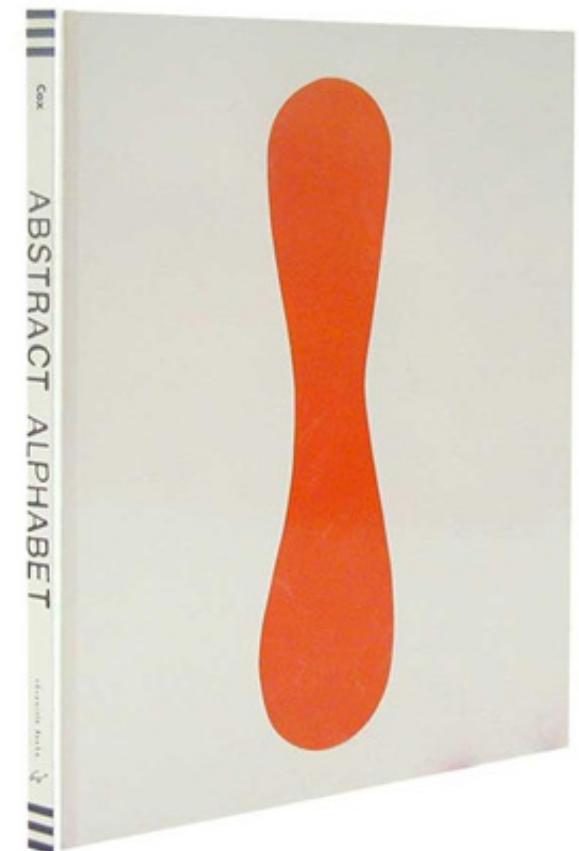
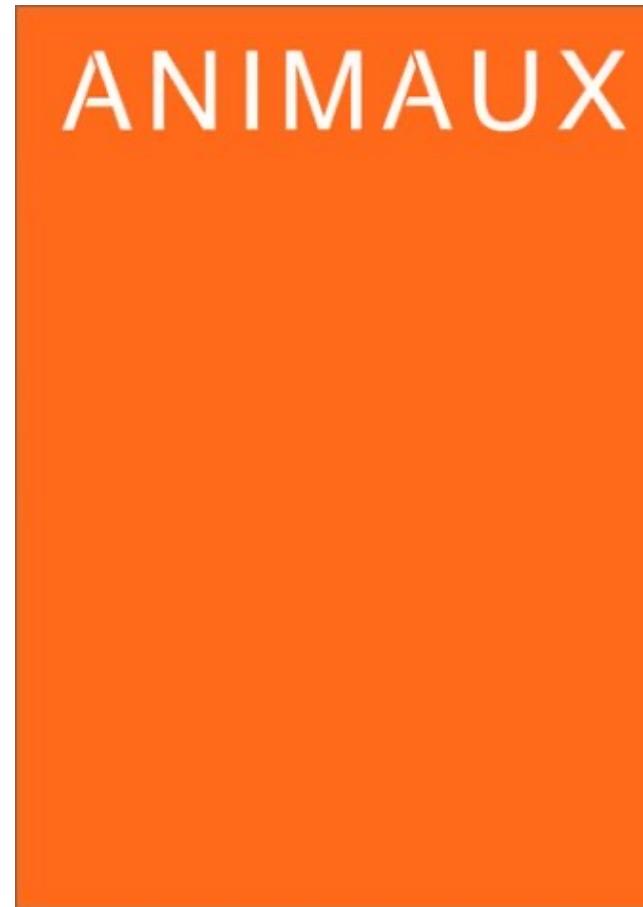
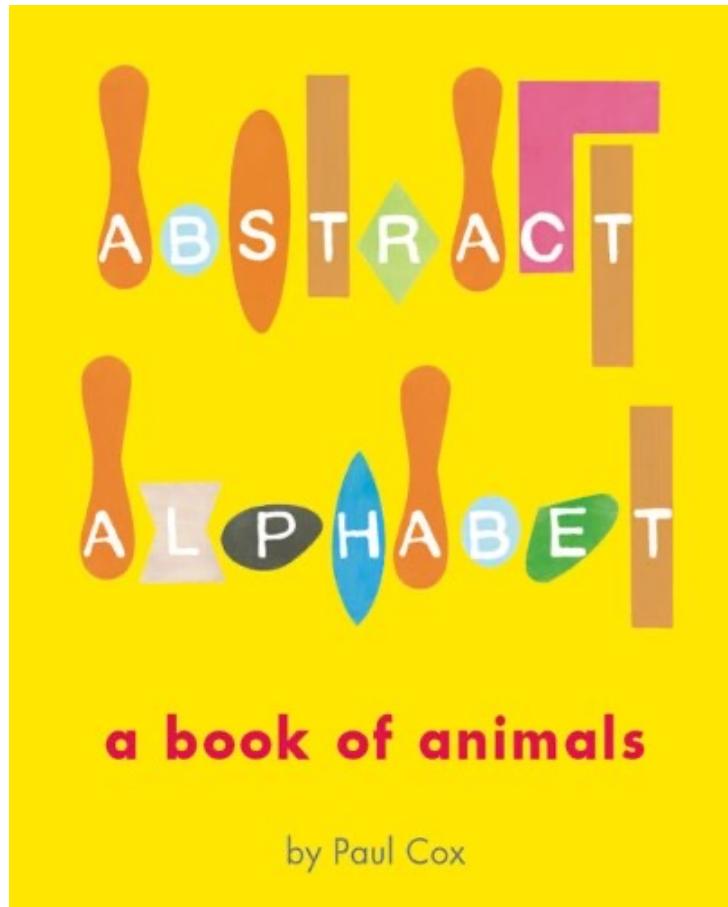


Página dupla de “Alef, Bet, Ted!”, texto de Lucie Lučanská e ilustrações de Alžběta Glancová, 2019.

Repare como as letras estão integradas às cenas nas ilustrações.



“Alef, Bet, Ted!”, texto de Lucie Lučanská e ilustrações de Alžběta Glancová, 2019.



Paul Cox: "Animaux / Abstract Alphabet", Ed. Du Seuil, 1997: Abecedário sobre animais para ensinar a ler. Cada forma colorida representa uma letra e o leitor deve decifrar o código para descobrir o nome do animal.



Paul Cox: "Animaux / Abstract Alphabet"

# ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Ilustração de livro didático infantil



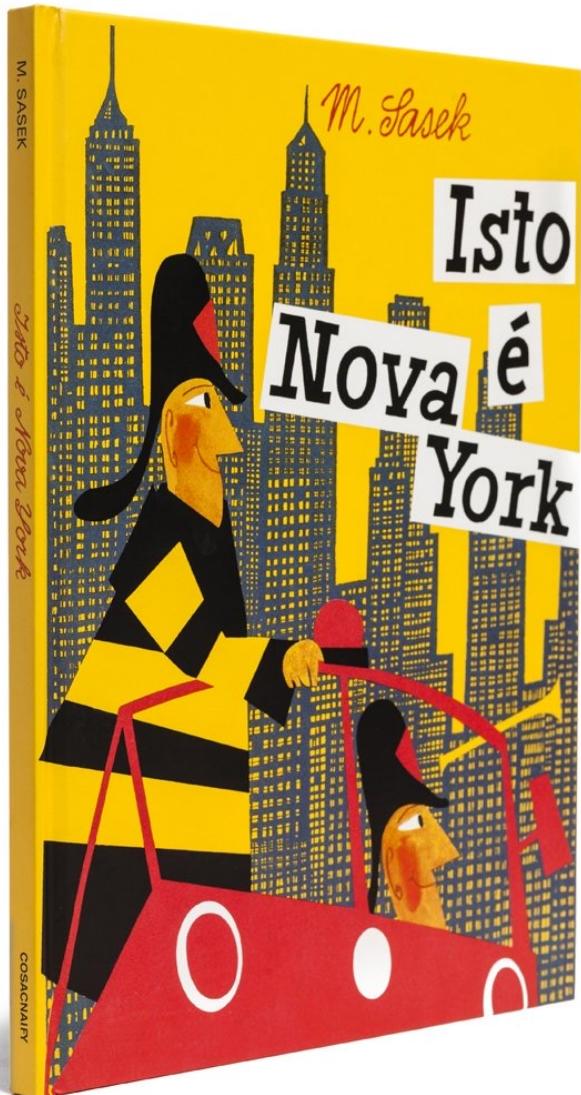
escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

# Ilustração de Não-Ficção e Didático

Vamos observar agora soluções criativas para livros de não-ficção e livros didáticos.

Vale prestar atenção e perceber como o caráter didático e informativo não exclui sedução, elementos lúdicos e fantasia nas ilustrações.

# ISTO É NOVA YORK



Capa do livro “Isto é Nova York”, de M. Sasek, Cosac Naiyf, 2011.  
Publicado originalmente em 1960.



Grande umidade e calor atacam Nova York no verão,  
os nova-iorquinos contra-atacam com ares-condicionados.

O maior carnívoro de todos os tempos – o tiranossauro –  
pode ser visto no Museu de História Natural de Nova York.



Quando todos os ares-condicionados  
estão ligados ao mesmo tempo,  
ocorrem curtos-circuitos e  
"cavar é preciso".



Página dupla do livro  
"Isto é Nova York",  
de M. Sasek, Cosac  
Naify, 2011.



Bem-vindo a Chinatown!

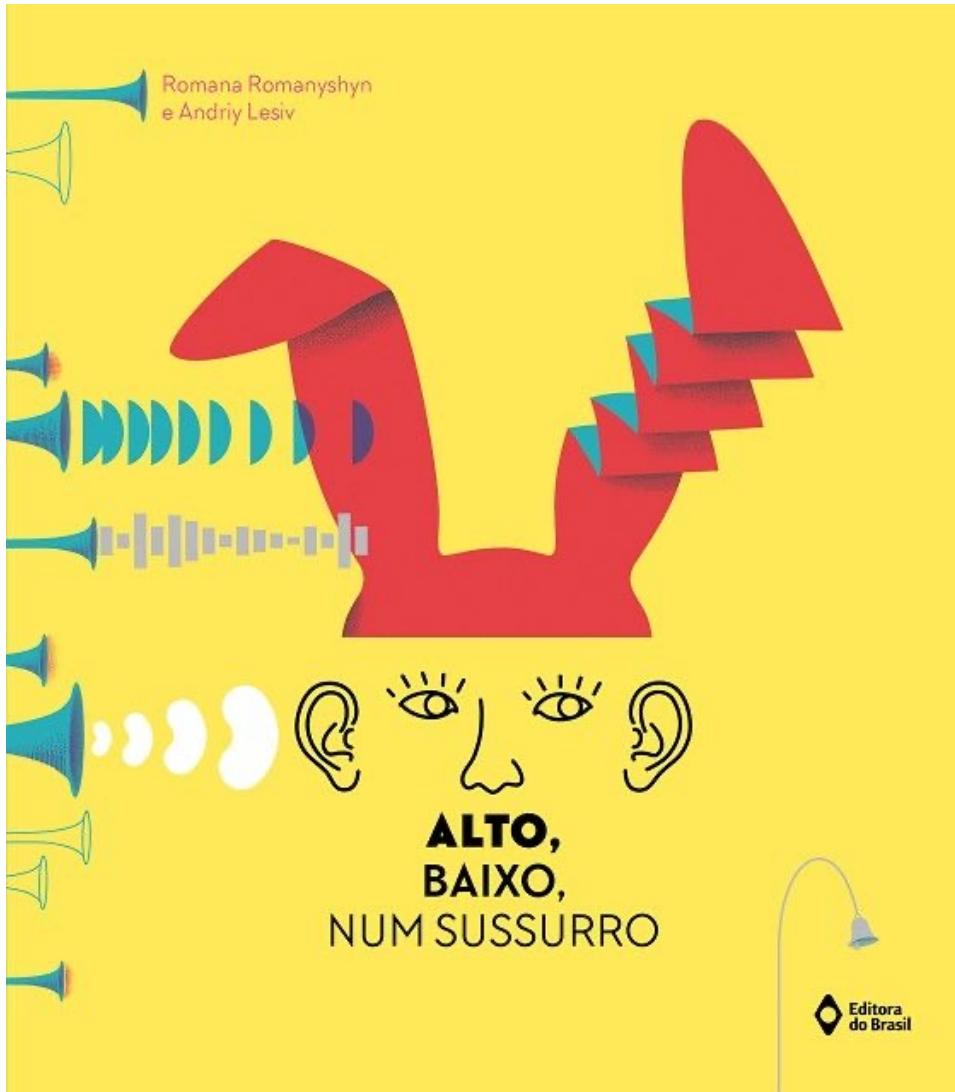


O Harlem fica na parte alta da cidade.

A polícia fecha muitas ruas de Nova York  
para que as crianças possam brincar nelas.

Página dupla do livro  
"Isto é Nova York",  
de M. Sasek, Cosac  
Naify, 2011.

# ALTO, BAIXO, NUM SUSSURRO



Capa do livro “Alto, baixo, num sussurro”, de Romana Romanynshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2017.

O mundo dos sons é o assunto principal desse livro rico em informações, que explica conceitos relacionados às ondas sonoras e à audição.

Música, intensidade do som, silêncio, barulhos – tanto os produzidos pelos seres humanos quanto os da natureza – são mencionados de modo a levar o leitor à reflexão sobre a riqueza desse aspecto.

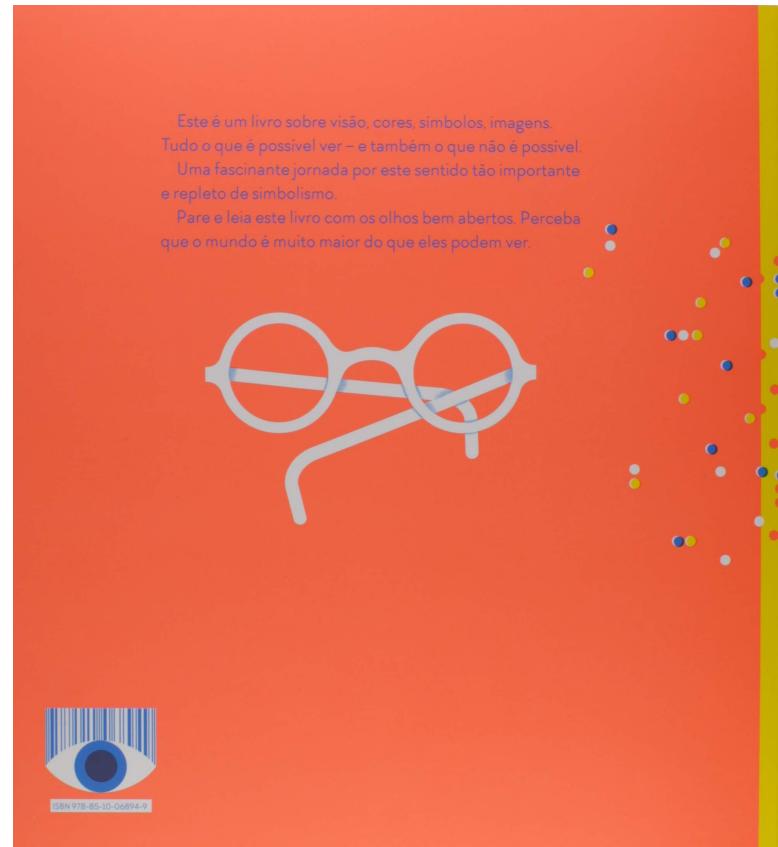
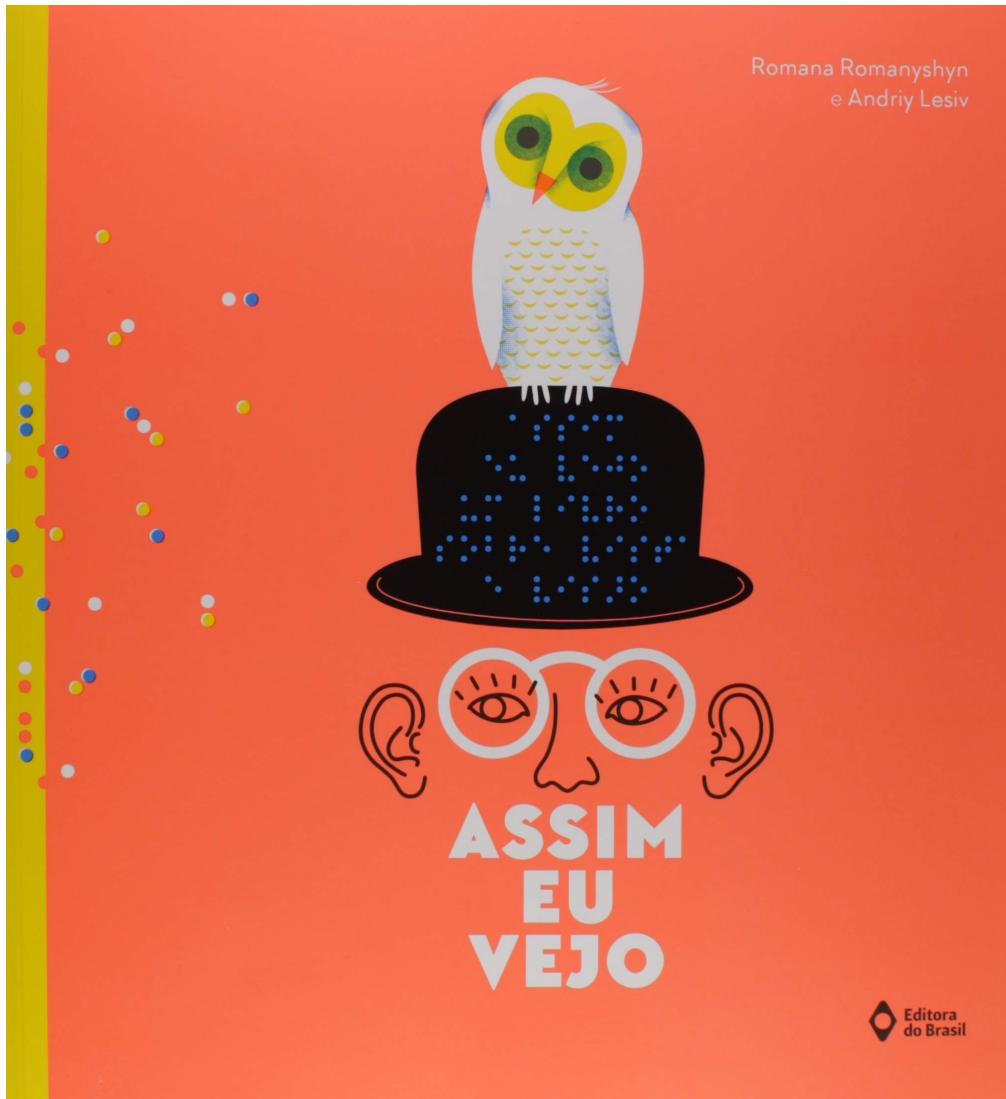


Ilustração do livro “Alto, baixo, num sussurro”, de Romana Romanyshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2017.



Profissionais do som. É graças a eles que ouvimos muito mais e muito melhor.

# ASSIM EU VEJO



Capa do livro "Assim eu vejo", de Romana Romanyshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2018.  
Obra pulicada originalmente em ucraniano pela editora Golden Lion, 2017.

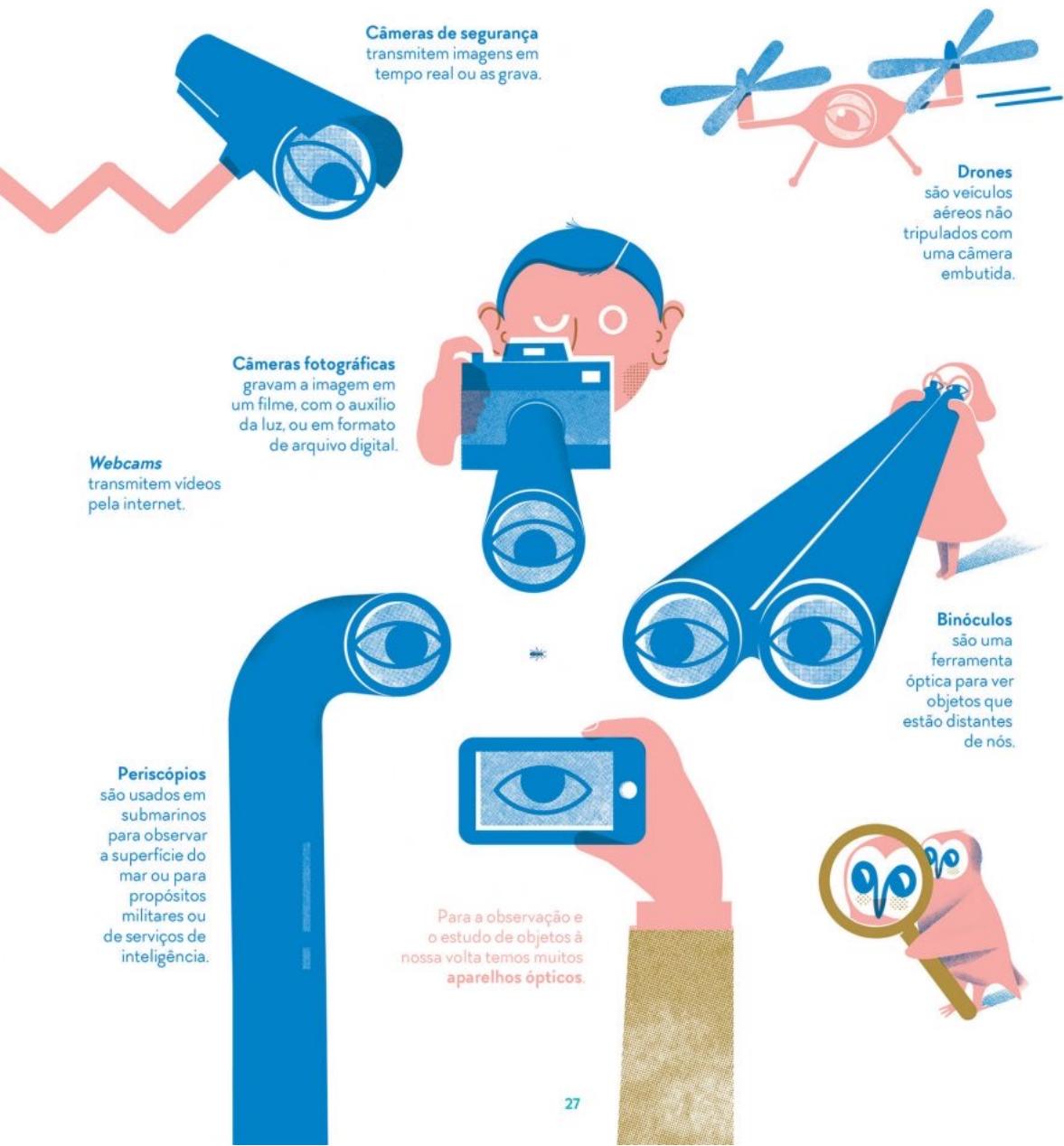


Ilustração do livro “Assim eu vejo”, de Romana Romanyshyn e Andriy Lesiv. Editora do Brasil, 2018.



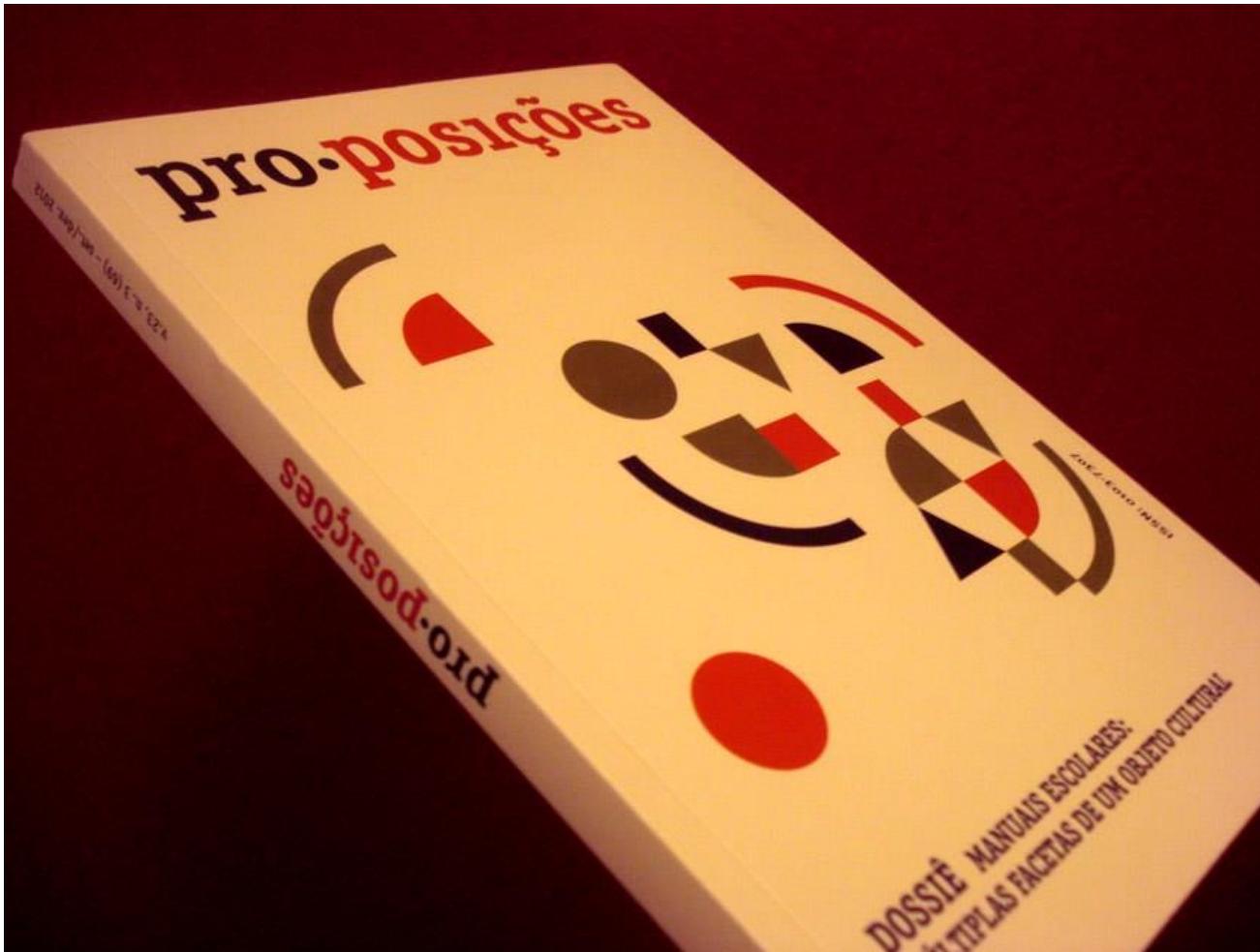
# ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Processo Criativo

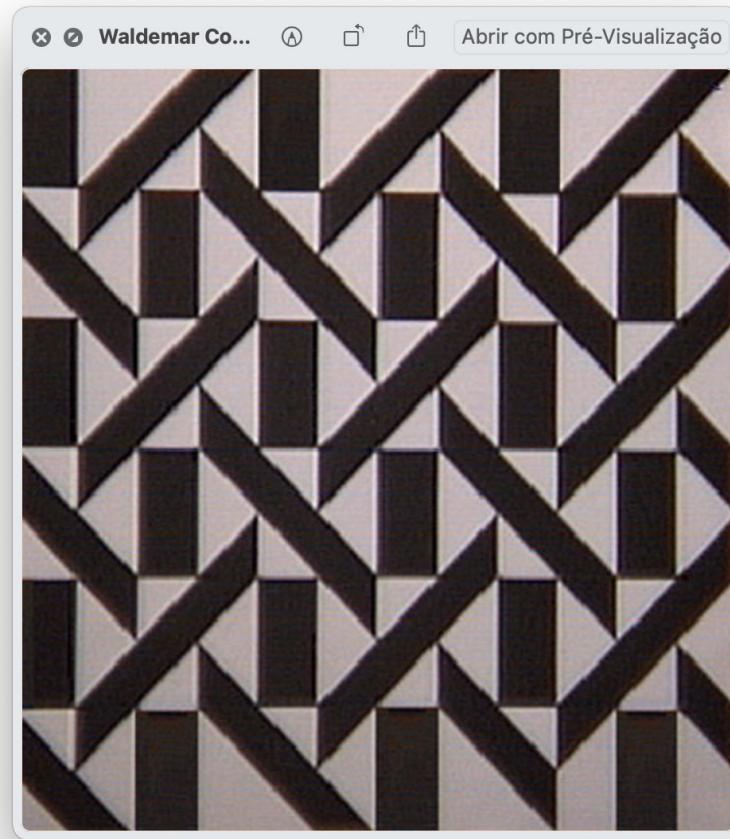
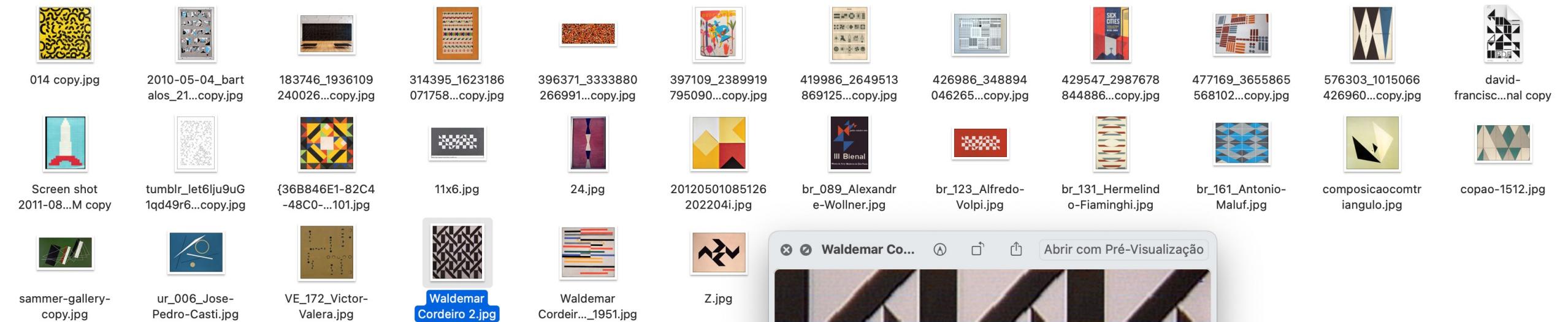


escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

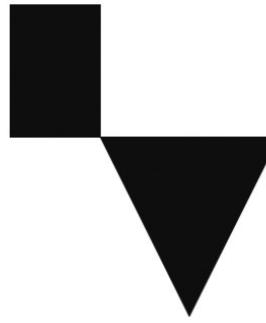
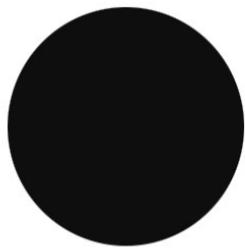
# Pro-Posições: capa de livro científico



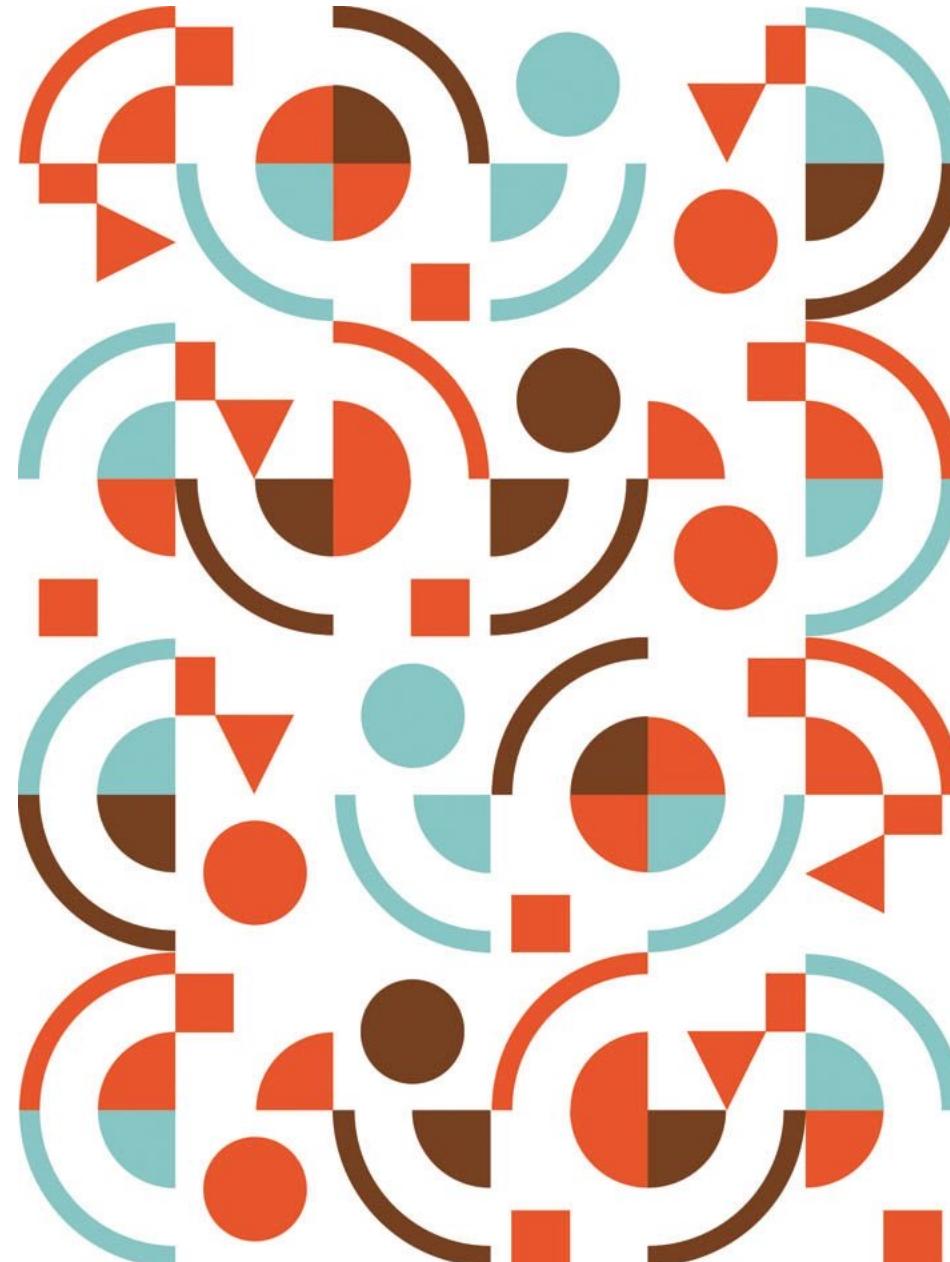
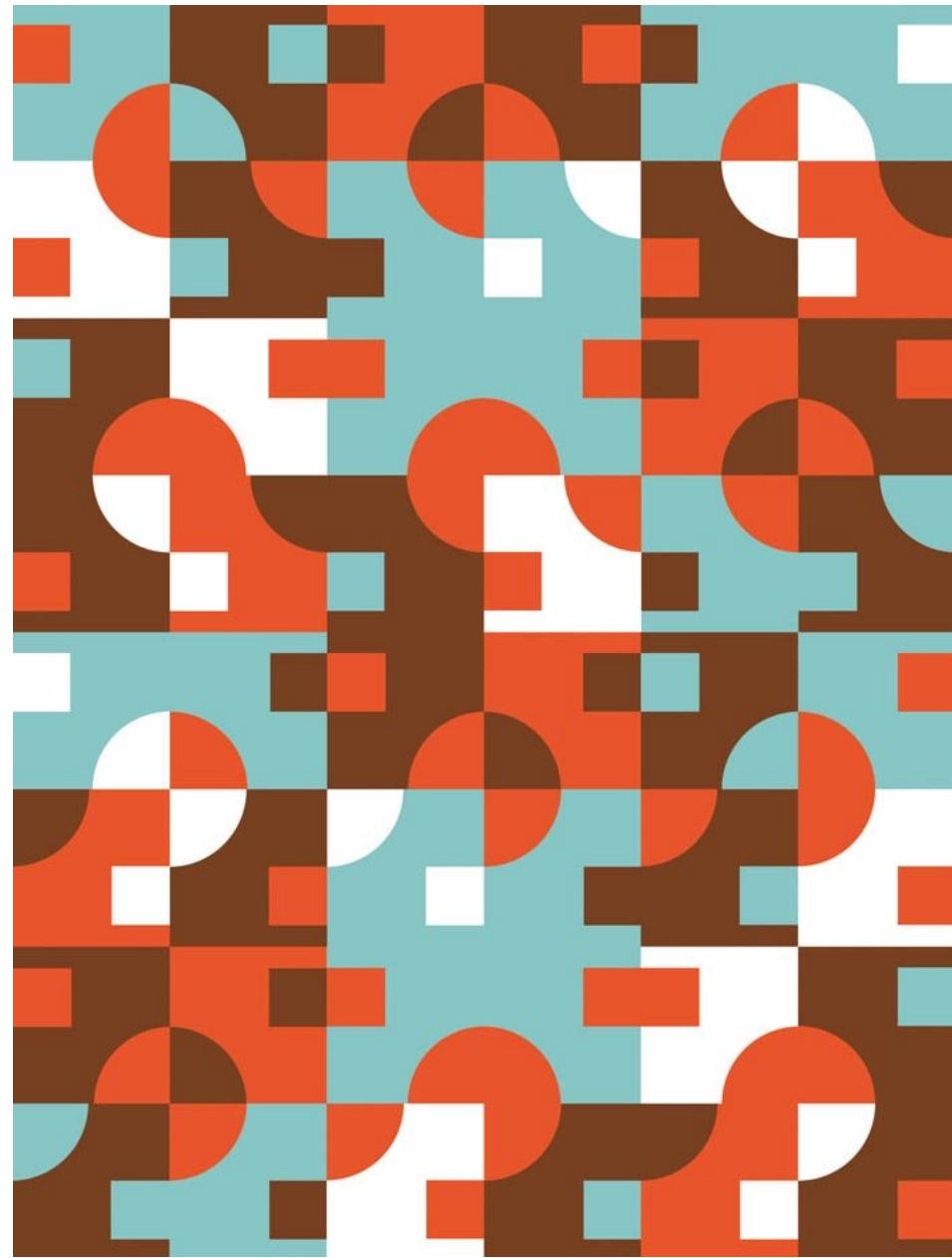
Pro-Posições: publicação científica quadrienal da Faculdade de Educação da UNICAMP, projeto gráfico de Carol Grespan e Daniel Bueno, 2012.



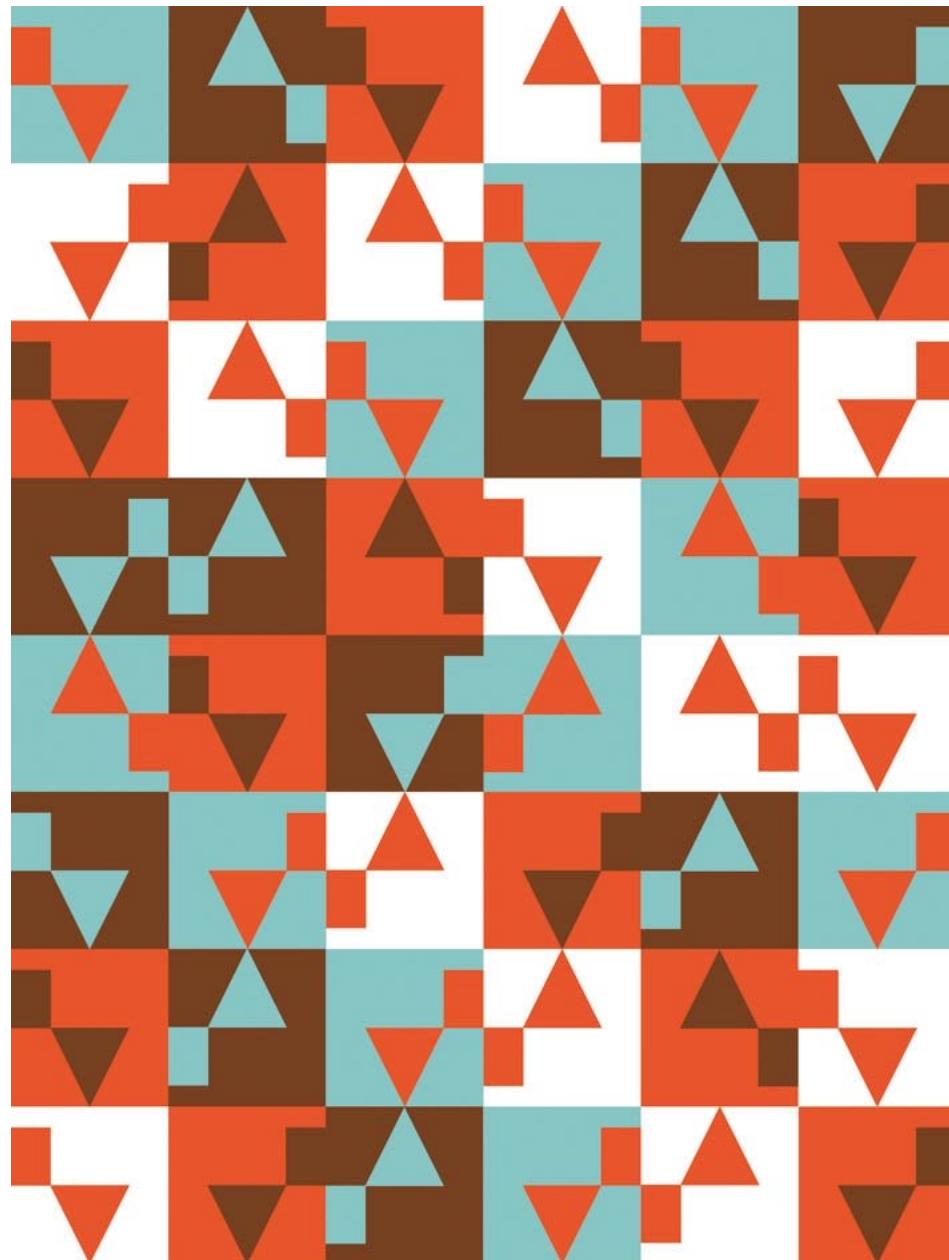
Com o intuito de trabalhar a identidade visual com padrões geométricos que seriam combinados de modos variados (pelos próprios ilustradores ou por outras pessoas da revista), foi iniciado um primeiro passo: a pesquisa de referências.



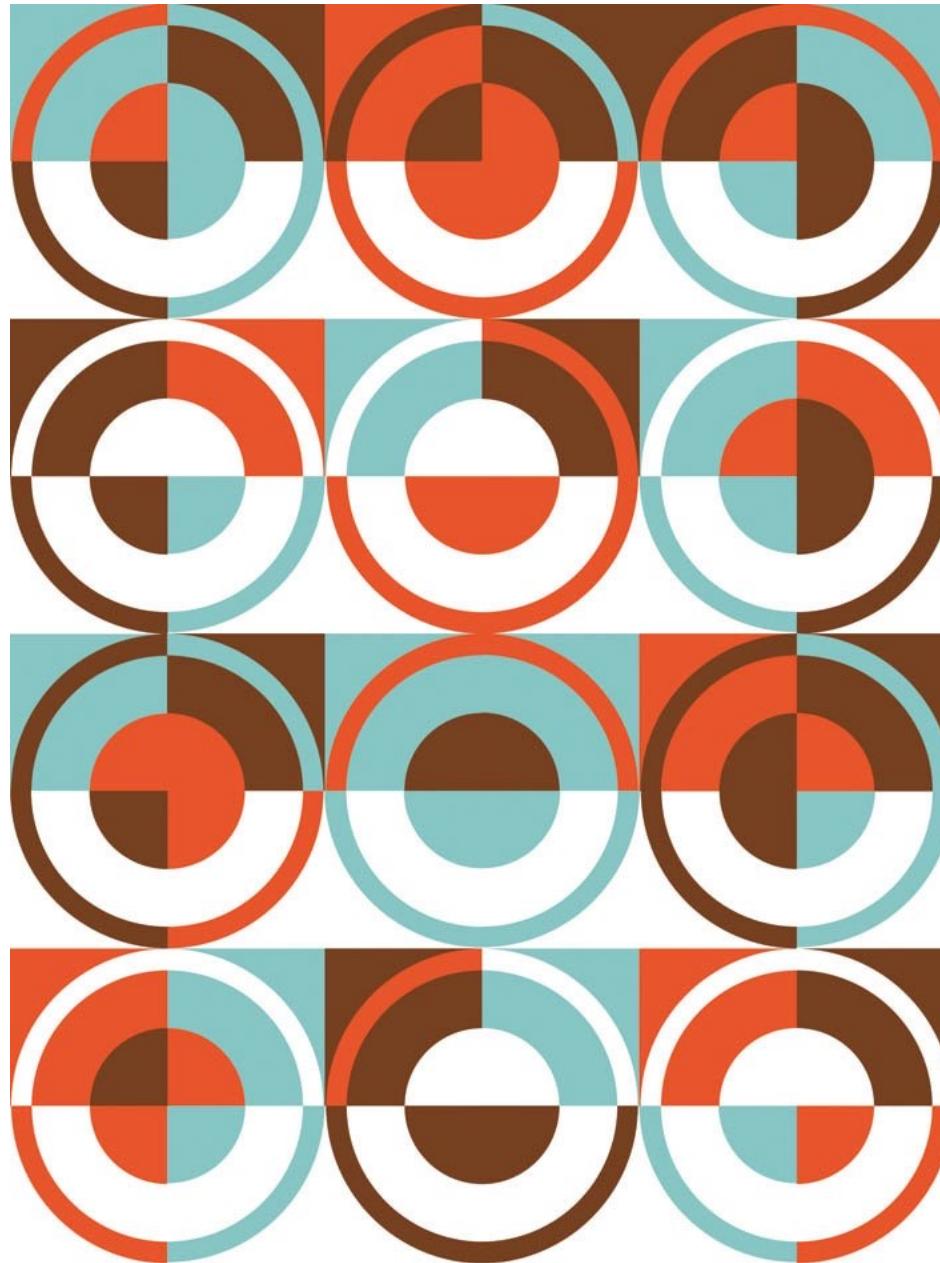
Módulos escolhidos para a  
geração das composições.



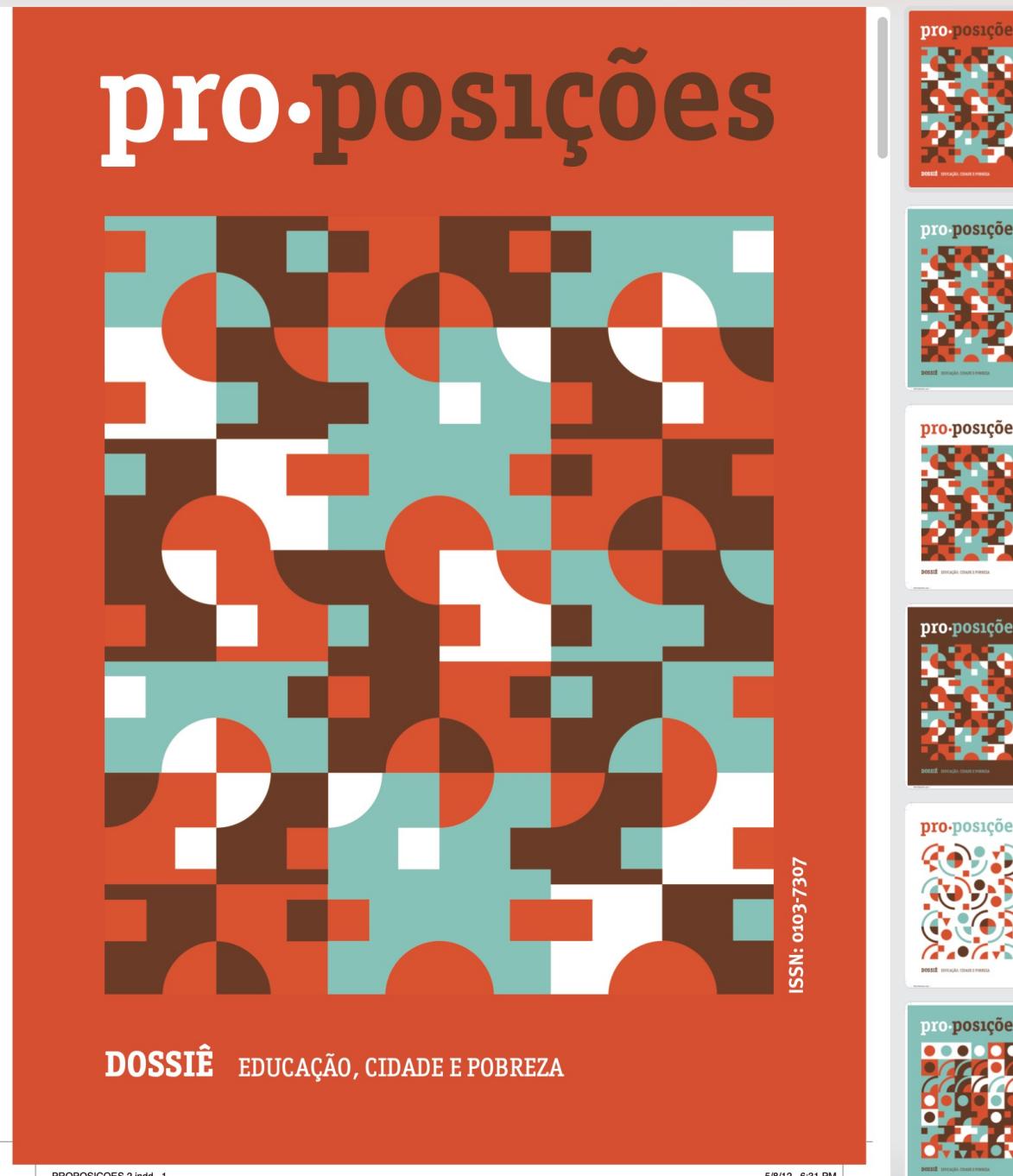
Testes de  
composições  
para capas.



Testes de  
composições  
para capas.

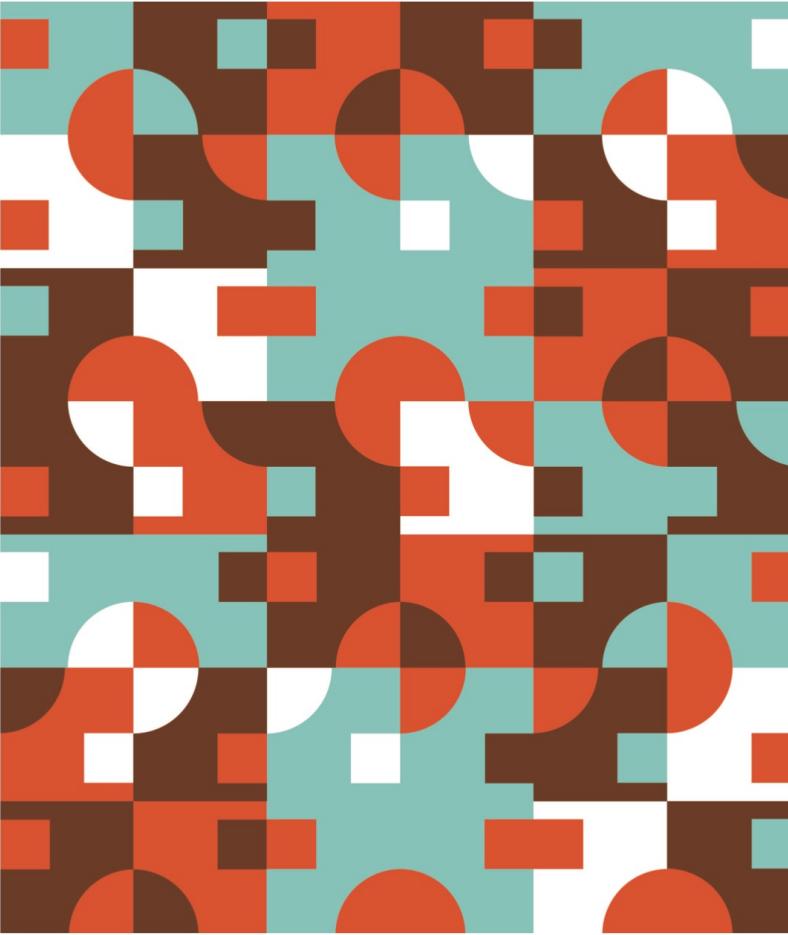


Testes de  
composições  
para capas.



Arquivo enviado para  
o cliente com os  
testes de ilustração  
inseridos na  
diagramação da capa.

# pro·posições

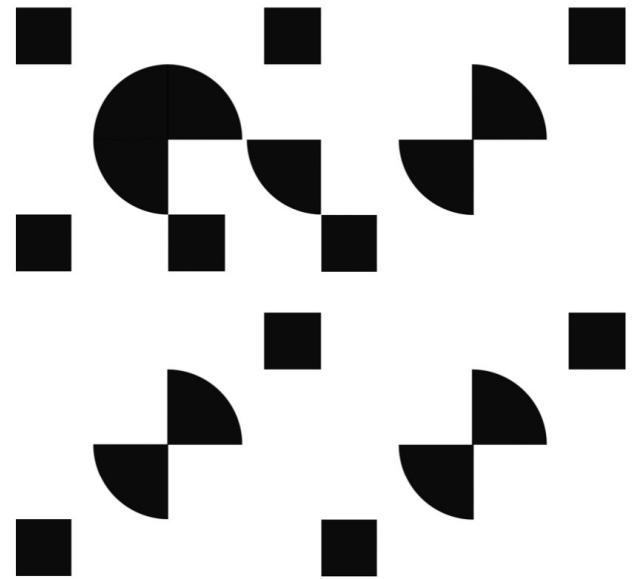


ISSN: 0103-7307

Arquivo enviado para  
o cliente com a  
diagramação de toda  
a primeira edição da  
publicação.

**DOSSIÊ** EDUCAÇÃO, CIDADE E POBREZA



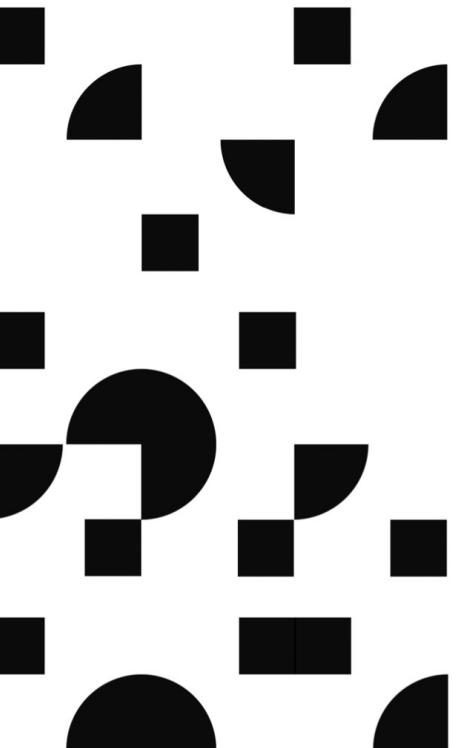


## ARTIGOS

Foram idealizadas composições diferentes para cada abertura, sempre baseadas na ilustração da capa.



## LEITURAS E RESENHAS



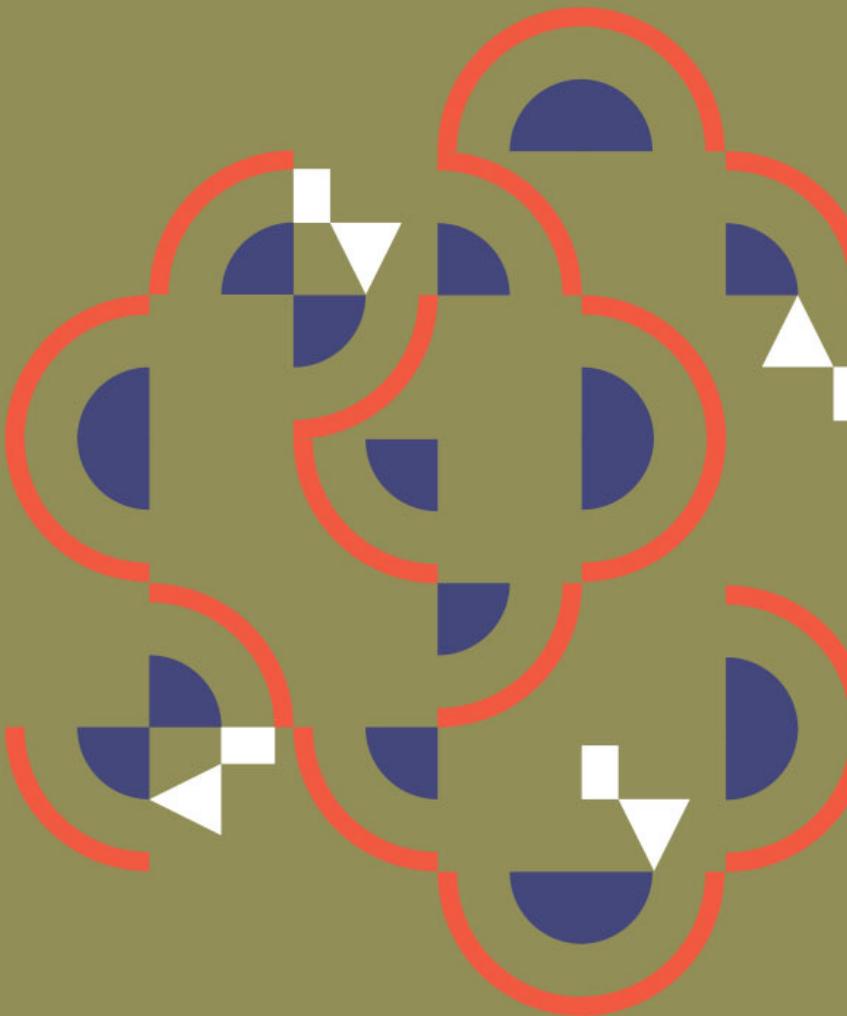
# pro·posições



**DOSSIÊ** ENTRE SABERES E PRÁTICAS DOCENTES

ISSN: 0103-7307

# pro·posições



**DOSSIÊ** “PAULO FREIRE E  
O DEBATE EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO”

ISSN: 0103-7307

Algumas  
capas da  
publicação.

# Ilustração de Livro Didático

Os trabalhos de ilustração para livros didáticos costumam apresentar algumas características:

- De modo geral, a quantidade de ilustrações e ritmo de trabalho tendem a ser altos.
- Há variedade de formato de ilustrações, mas predominam as vinhetas.

# Ilustração de Livro Didático

- O processo criativo é um pouco mais impessoal, pautado por uma dinâmica de produção mediada por uma **plataforma na internet** (ex: Vulcano) que recebe os desenhos e controla o fluxo das ilustrações, dos rascunhos até a arte final.

Após cada ilustração postada, profissionais avaliam o trabalho e podem pedir ajustes ou aprovar a imagem.

- De modo geral as propostas tendem a ser um pouco mais conservadoras e envolver um direcionamento grande por parte dos designers/Cliente, mas isso pode ser negociado.

# PROCESSO CRIATIVO: DIDÁTICO

Livro: “Entre Linhas e Pontos”, uma publicação da Fundação Getúlio Vargas / FGV

Cliente: Editora do Brasil

Quantidade de Ilustrações: 21

Prazo: curto

Estilo: vetorial com cores chapadas e paleta reduzida

Tamanho: variado, mas tendendo à vinheta

# Entre Linhas e Pontos



Ilustração de Daniel Bueno  
publicada no livro didático “Entre  
Linhas e Pontos”, FGV / Editora do  
Brasil, 2013.

Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

### Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico

Orfeu

[FGP1085] Ilustrar mapa mundi destacando os países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa). São eles: Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. O mapa pode ser estilizado, lúdico. O importante é que os países da CPLP apareçam e que estejam devidamente identificados.

Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que "quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo".

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um "crime contra a língua portuguesa", "desfigurador" da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adoptado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com exceção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecedeu, na grafia actual, às impropriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra adopção, se fosse escrita adoção, passaria a ler-se adução, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo adoptar e outra o verbo aduzir. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou vieram a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e disseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele

Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

### Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico



Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que "quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo".

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um "crime contra a língua portuguesa", "desfigurador" da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adoptado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com exceção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecedeu, na grafia actual, às impropriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra adopção, se fosse escrita adoção, passaria a ler-se adução, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo adoptar e outra o verbo aduzir. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou vieram a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e disseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele



Ao lado, página diagramada com orientações para o ilustrador. Apesar da sugestão para um mapa "lúdico", a primeira versão surge um tanto "séria".





Acima, a ilustração em sua primeira versão finalizada. Os pontos importantes aparecem demarcados em vermelho, com flechas e um círculo tracejado.

Ao lado, a ilustração inserida na página diagramada. Foi efetuado um recorte com contorno oval para deixar a ilustração mais leve.

## Contexto

Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Paises de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico



Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que "quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo".

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

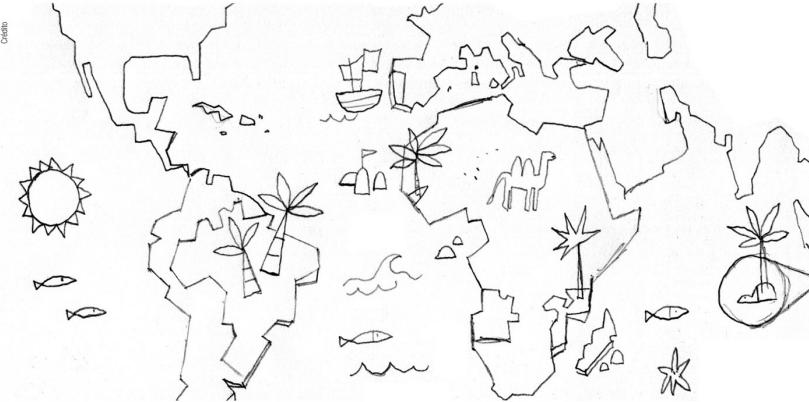
O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um "crime contra a língua portuguesa", "desfigurador" da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adoptado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com exceção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecederem, na grafia actual, as impropriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra *adopção*, se fosse escrita *adoção*, passaria a ler-se *adução*, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo *adoptar* e outra o verbo *aduzir*. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou venham a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e disseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele

Apesar de já estar em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009, o Novo Acordo Ortográfico ainda não é utilizado em todos os países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), como podemos perceber na reportagem a seguir.

### Vasco da Graça Moura explica a polêmica com o novo Acordo Ortográfico



Escritor e presidente do Centro Cultural de Belém argumenta que "quem comete a ilegalidade é quem está a aplicar o acordo".

O poeta Vasco Graça Moura é uma das mais agudas vozes contra o Acordo Ortográfico em Portugal. Na presidência do Centro Cultural de Belém desde janeiro de 2012, ele ordenou que todos os corretores ortográficos fossem retirados da instituição. Portugal começou a adotar oficialmente o acordo este ano, mas, na prática, Graça Moura tem a seu favor até 31 de dezembro de 2014, quando termina o prazo de transição de uma ortografia para outra. O escritor, entretanto, não parece disposto a mudar sua posição tão facilmente, pois, além de discordar das novas regras, afirma que sua vigência é ilegal. Apesar disso, ele ataca a visão de uma língua pura, acusando Brasil e Portugal de terem ignorado os outros países de língua portuguesa na elaboração do acordo. Seguindo o pedido do escritor, a entrevista abaixo mantém a grafia anterior ao acordo.

O senhor já afirmou que o acordo ortográfico é um "crime contra a língua portuguesa", "desfigurador" da língua. Poderia especificar quais são os principais problemas do acordo que configuram o que chama de crime?

Se o acordo fosse adoptado, em menos de uma geração a pronúncia de muitas palavras ficaria desfigurada em Portugal e nos países em que ela é falada, com exceção do Brasil. Todo o sistema de abertura das vogais que antecedeu, na grafia actual, as impropriamente chamadas consoantes mudas, seria afectado. Para dar um exemplo, a palavra adopção, se fosse escrita adoção, passaria a ler-se adução, aumentando as ambiguidades e gerando equívocos, pois uma coisa é o verbo adoptar e outra o verbo aduzir. Por outro lado, introduzir a regra da facultatividade da grafia em certos casos introduz uma desorganização caótica da maneira de escrever. Isso também é um crime. E, para não falar das confusões induzidas pelas regras relativas ao uso de maiúsculas e ao emprego do hífen, acho que no acordo também se cometeu, por omissão, um crime neo-colonialista, uma vez que não se criaram regras para a grafia de vocábulos das línguas africanas que foram ou venham a ser incorporados no português. Portugal e o Brasil puseram e dispuseram a seu bel-prazer e convenceram os representantes dos outros países a assinar praticamente de cruz.

Quando não adotou o acordo no Centro Cultural de Belém, o senhor afirmou que não cometia uma ilegalidade porque o documento não está em vigor. Mas ele



Num segundo momento aconteceu novo briefing com pedido de ajustes. Nesse caso, foram adicionadas figuras como animais e coqueiros para conferir ar mais lúdico.

Ao lado, a ilustração finalizada.

# 01 Comunicação e linguagem



## Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- identifique, no processo de comunicação, a marca essencial de nossa humanidade;
- compreenda que a comunicação ocorre na interação entre duas ou mais pessoas;
- perceba que a comunicação pode-se dar por meio de outras linguagens, além da verbal.



### Texto: Uma ideia toda azul

Marina Colasanti

Neste capítulo, falaremos sobre o papel da linguagem, e, para que você possa entender a importância da comunicação em nossa vida, leia o texto a seguir. Ele apresenta a história de um rei que teve uma ideia e resolveu trancá-la para não dividi-la com mais ninguém. Esta narrativa traz importantes elementos para a reflexão sobre o processo de comunicação como troca de sentimentos compartilhados.

Um dia o rei teve uma ideia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela ideia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul.

Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a ideia, para perceber o perigo. Sozinha no seu

**[FGP1295]** Ilustrar de maneira diferenciada o texto "Uma ideia toda azul", de Marina Colasanti. O ilustrador deve se inspirar, principalmente, no 8º parágrafo do texto, em que o narrado descreve a cena do rei colocando a ideia para repousar na sala do sono.



Ao lado, página diagramada com orientações para o ilustrador. O formato da ilustração acaba sendo um desafio extra.  
Acima, rascunho inicial.



# 01 Comunicação e linguagem

## Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- identifique, no processo de comunicação, a marca essencial de nossa humanidade;
- compreenda que a comunicação ocorre na interação entre duas ou mais pessoas;
- perceba que a comunicação pode-se dar por meio de outras linguagens, além da verbal.

## Texto: Uma ideia toda azul

Marina Colasanti

Neste capítulo, falaremos sobre o papel da linguagem, e, para que você possa entender a importância da comunicação em nossa vida, leia o texto a seguir. Ele apresenta a história de um rei que teve uma ideia e resolveu trancifiá-la para não dividi-la com mais ninguém. Esta narrativa traz importantes elementos para a reflexão sobre o processo de comunicação como troca de sentimentos compartilhados.

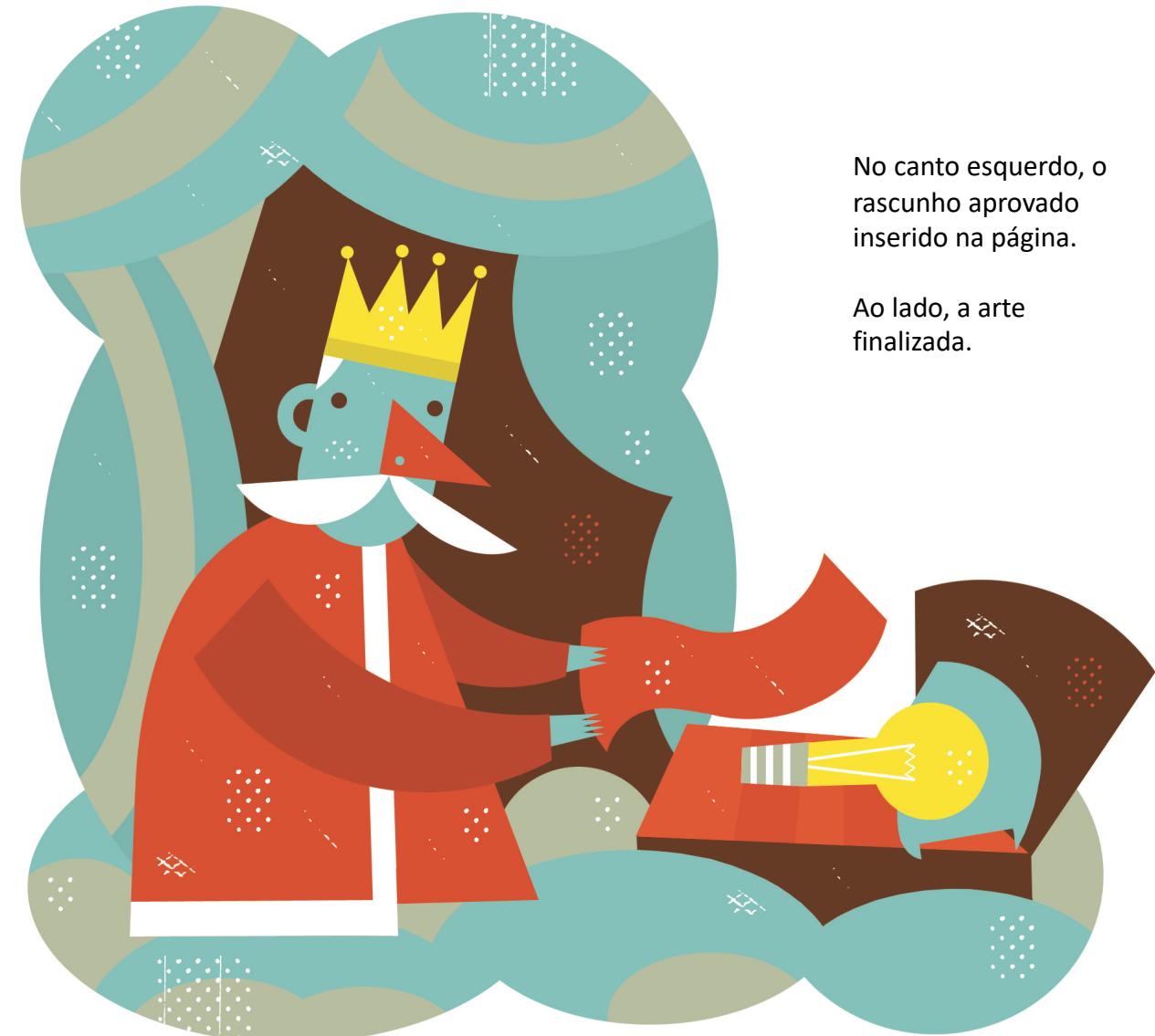


Um dia o rei teve uma ideia.

Era a primeira da vida toda, e tão maravilhado ficou com aquela ideia azul, que não quis saber de contar aos ministros. Desceu com ela para o jardim, correu com ela nos gramados, brincou com ela de esconder entre outros pensamentos, encontrando-a sempre com igual alegria, linda ideia dele toda azul.

Brincaram até o Rei adormecer encostado numa árvore.

Foi acordar tateando a coroa e procurando a ideia, para perceber o perigo. Sozinha no seu



No canto esquerdo, o rascunho aprovado inserido na página.

Ao lado, a arte finalizada.





## Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- reconheça as circunstâncias em que o acento diferencial deve ser utilizado, segundo a variedade culta da língua;
- identifique as situações de dupla possibilidade no uso de acento gráfico segundo as diferentes possibilidades de pronúncia de palavras da língua;
- identifique quando utilizar ou não os acentos gráficos na acentuação tônica de formas verbais em êncise com pronomes átonos, ditongos abertos, bem como i e u em hiato.
- reconheça a silaba tônica de algumas palavras que provocam problemas de prosódia na língua.



## Texto: A ilegível caligrafia da vida

Moacyr Scliar

Neste capítulo, continuaremos o estudo da acentuação gráfica na língua portuguesa, um dos elementos distintivos de nossa ortografia. A palavra *ortografia*, como você já sabe, vem do grego e é formada pela junção de dois radicais: *orthós*, que significa "direito", e *graphé*, o mesmo que "escrita". Já a palavra *caligrafia* também vem do grego – de *kalós*, que significa "belo", e também de *graphé*. Ambas as palavras, pois, no âmbito da língua, juntam-se à ideia de escrever bem. Vamos ler o texto a seguir, de Moacyr Scliar, que se usa a caligrafia como metáfora para a vida.

[FGP1330] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "A ilegível caligrafia da vida", de Moacyr Scliar. O ilustrador deve se inspirar no parágrafo em que o narrador descreve o casal e no parágrafo em que o narrador descreve a reação da esposa ao receber a carta de reconciliação do marido. É importante que o antes e depois da caligrafia do médico aparece, de alguma maneira, na ilustração.

*"Gostaria de que o ministro da Saúde, José Serra, exigisse dos senhores médicos a prescrição de receitas escritas a máquina, pois existem receitas ininteligíveis."*

Painel do Leitor (Alegrete Danon Schubsky. 1º out. 2001)

Aparentemente, o casamento tinha tudo para dar certo. Eram pessoas charmosas, elegantes, cultas. E bem-sucedidas: ele, médico famoso; ela, professora universitária, com doutorado na França e livros publicados.



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing. Sugestões de ideias e direcionamentos consideráveis são comuns no contexto dos livros didáticos – isso acontece mais nesse meio do que em trabalhos pra livros e revistas.



# 07 Acentuação Gráfica II



## Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- reconheça as circunstâncias em que o acento diferencial deve ser utilizado, segundo a variedade culta da língua;
- identifique as situações de dupla possibilidade no uso de acento gráfico segundo as diferentes possibilidades de pronúncia de palavras da língua;
- identifique quando utilizar ou não os acentos gráficos na acentuação tônica de formas verbais em ênclide com nomes átonos, ditongos abertos, bem como i e u em hiato.
- reconheça a sílaba tônica de algumas palavras que provocam problemas de prosódia na língua.



## Texto: A ilegível caligrafia da vida

Moacyr Scliar

Neste capítulo, continuaremos o estudo da acentuação gráfica na língua portuguesa, um dos elementos distintivos de nossa ortografia. A palavra *ortografia*, como você já sabe, vem do grego e é formada pela junção de dois radicais: *orthós*, que significa "direito", e *graphé*, o mesmo que "escrita". Já a palavra *caligrafia* também vem do grego – de *kalós*, que significa "belo", e também de *graphé*. Ambas as palavras, pois, no âmbito da língua, juntam-se à ideia de escrever bem. Vamos ler o texto a seguir, de Moacyr Scliar, que se usa a caligrafia como metáfora para a vida.



*"Gostaria de que o ministro da Saúde, José Serra, exigisse dos senhores médicos a prescrição de receitas escritas a máquina, pois existem receitas ininteligíveis."*

Painel do Leitor (Alegretto Danon Schubsky, 1º out. 2001)

Aparentemente, o casamento tinha tudo para dar certo. Eram pessoas charmosas, elegantes, cultas. E bem-sucedidas: ele, médico famoso; ela, professora universitária, com doutorado na França e livros publicados.



Ao lado, página com rascunho aprovado inserido.  
Acima, a arte finalizada.

# 04 Elementos do ato de comunicação



## Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- diferencie o processo de produção de recepção de mensagens;
- identifique os elementos que constituem o ato comunicativo;
- entenda como podemos nos comunicar de forma mais eficaz.

## Texto: Em código

Fernando Sabino

Problemas de comunicação não são raros. Em cada célula de nossa sociedade, o sucesso de nossas relações de trabalho, afetivas e familiares depende, essencialmente, da eficácia dos processos de comunicação, pelos quais procuramos compreender e sermos compreendidos. Tendo em mente tais considerações, leia o texto a seguir.

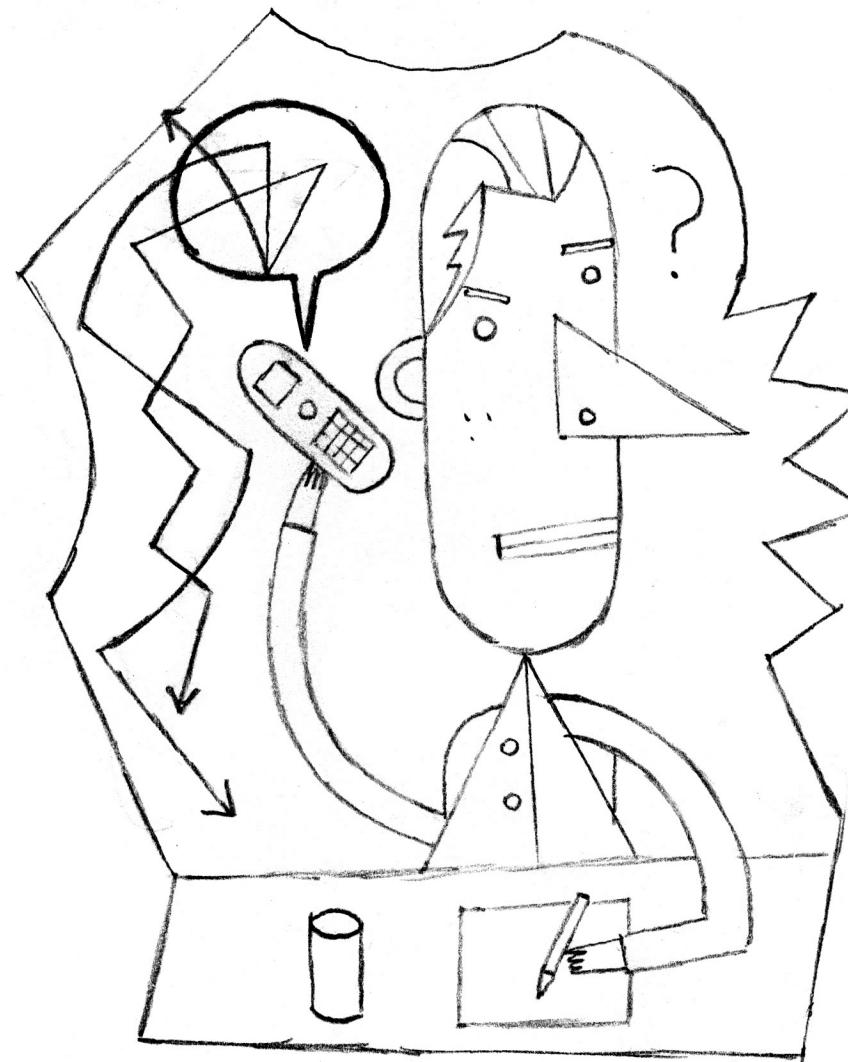
Fui chamado ao telefone. Era o chefe de es-  
critório de meu irmão:

– Recebi de Belo Horizonte um recado dele  
para o senhor. É uma mensagem meio esquisita,  
com vários itens, convém tomar nota: o se-  
nhor tem um lápis aí?

– Tenho. Pode começar.  
– Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa  
de uma nora.  
– Precisa de quê?  
– De uma nora.  
– Que história é essa?  
– Eu estou dizendo ao senhor que é um re-  
cado meio esquisito. Posso continuar?  
– Continue.  
– Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro:  
não chora, morena, que eu volto.  
– Isso é alguma brincadeira.  
– Não é não, estou repetindo o que ele escre-  
veu. Tem mais. Quarto: sou amarelo, mas não  
**opilado**. Tomou nota?  
– Mas não opilado – repeti, tomando nota.  
– Que diabo ele pretende com isso?  
– Não sei não, senhor. Mandou transmitir o  
recado, estou transmitindo.

[FGP1316] Ilustrar de maneira diferenciada  
o texto "Em código", de Fernando Sabino.  
O ilustrador pode se basear na figura do  
próprio Fernando Sabino para compor a  
ilustração. Ele deve estar atendendo ao  
telefone e tomando nota das frases passadas  
pelo irmão. Suas feições devem estar de  
acordo com o que é descrito na crônica.

1316



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing.  
Acima, o rascunho. Reparem que algumas sugestões não foram consideradas, como  
desenhar Fernando Sabino.

# 04 Elementos do ato de comunicação



## Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

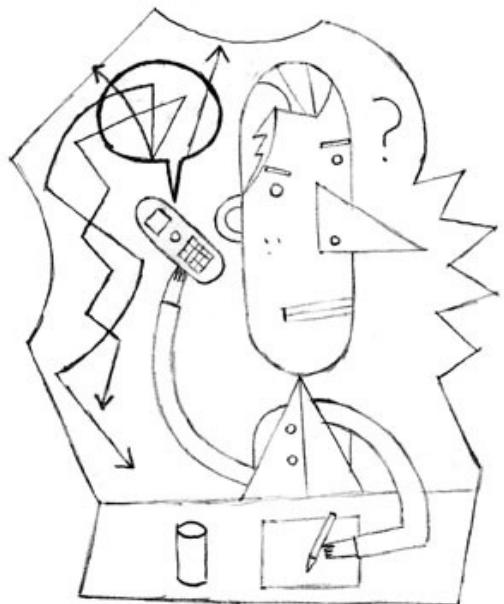
- diferencie o processo de produção do de recepção de mensagens;
- identifique os elementos que constituem o ato comunicativo;
- entenda como podemos nos comunicar de forma mais eficaz.



## Texto: Em código

Fernando Sabino

Problemas de comunicação não são raros. Em cada célula de nossa sociedade, o sucesso de nossas relações de trabalho, afetivas e familiares depende, essencialmente, da eficácia dos processos de comunicação, pelos quais procuramos compreender e sermos compreendidos. Tendo em mente tais considerações, leia o texto a seguir.



Fui chamado ao telefone. Era o chefe de escritório de meu irmão:

- Recebi de Belo Horizonte um recado dele para o senhor. É uma mensagem meio esquisita, com vários itens, convém tomar nota: o senhor tem um lápis aí?
- Tenho. Pode começar.
- Então lá vai. Primeiro: minha mãe precisa de uma nora.
- Precisa de quê?
- De uma nora.
- Que história é essa?
- Eu estou dizendo ao senhor que é um recado meio esquisito. Posso continuar?
- Continue.
- Segundo: pobre vive de teimoso. Terceiro: não chora, morena, que eu volto.
- Isso é alguma brincadeira.
- Não é não, estou repetindo o que ele escreveu. Tem mais. Quarto: sou amarelo, mas não **opilado**. Tomou nota?
- Mas não opilado – repeti, tomando nota.
- Que diabo ele pretende com isso?
- Não sei não, senhor. Mandou transmitir o recado, estou transmitindo.



No canto esquerdo, página com rascunho aprovado inserido. Ao lado, a arte finalizada.



2 Língua Portuguesa



### Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- seja capaz de distinguir os conceitos de fonema e letra, identificando diferentes características da palavra falada e da escrita;
- identifique os diferentes tipos de fonemas vocálicos, semivocálicos e consonantais;
- identifique as diferentes combinações entre os diversos tipos de fonemas;
- reconheça o conceito de sílaba e saiba aplicar os pressupostos da silabação.



### Texto: A invenção da escrita

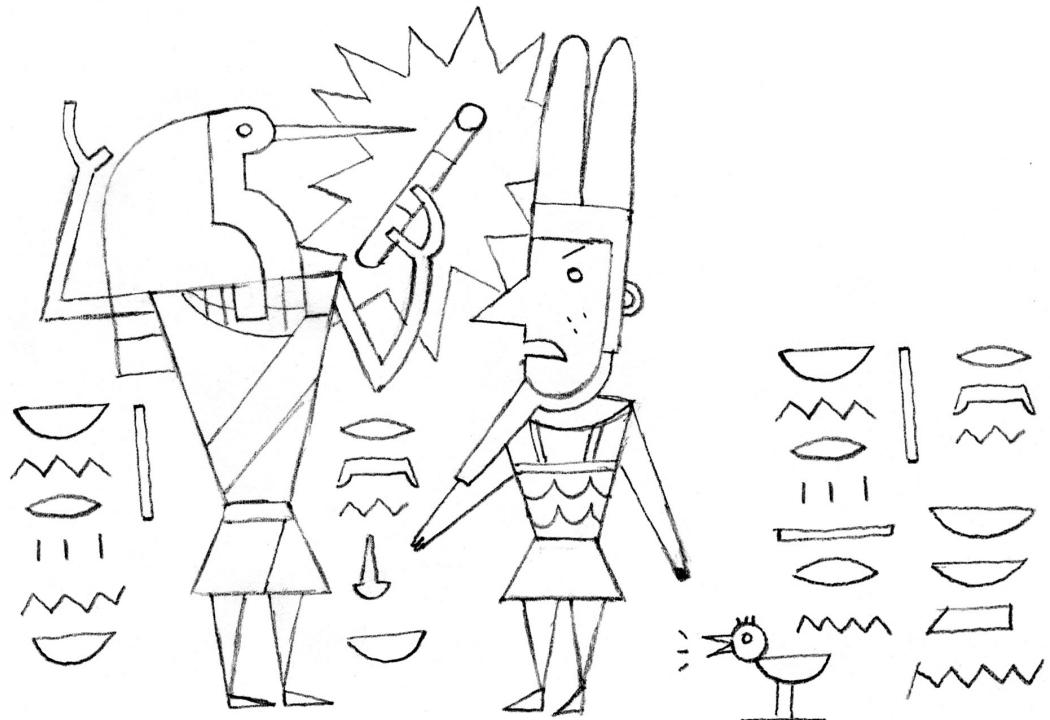
Platão

As palavras ditas e as palavras escritas são constituídas por diferentes elementos: fonemas e letras. As bases dessa diferença são históricas. Hoje, para nós, parece natural e harmônica a convivência entre a oralidade e a escrita, mas nem sempre foi assim. As civilizações antigas não conheciam a escrita e, portanto, seus registros eram orais, daí a importância da memória, para a qual os primeiros sistemas de escrita constituíram até mesmo uma ameaça, como nos mostra o texto que você lerá a seguir.

Fonte:

SÓCRATES – Bem, ouvi dizer que na região de Náucratis, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada íbis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números e o cálculo, a geometria, a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita.

[FGP1327] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "A invenção da escrita", de Platão. A ilustração pode ser inspirada no encontro de Thoth com Amon. Thoth pode estar explicando ao deus egípcio suas impressões sobre a escrita, enquanto Amon o retruca.



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing. Acima, pesquisa de imagens e rascunho.



# 05 Relação entre oralidade e escrita – fonemas e letras

## Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- seja capaz de distinguir os conceitos de fonema e letra, identificando diferentes características da palavra falada e da escrita;
- identifique os diferentes tipos de fonemas vocálicos, semivocálicos e consonantais;
- identifique as diferentes combinações entre os diversos tipos de fonemas;
- reconheça o conceito de sílaba e saiba aplicar os pressupostos da silabização.

## Texto: A invenção da escrita

Platão

As palavras ditas e as palavras escritas são constituídas por diferentes elementos: fonemas e letras. As bases dessa diferença são históricas. Hoje, para nós, parece natural e harmônica a convivência entre a oralidade e a escrita, mas nem sempre foi assim. As civilizações antigas não conheciam a escrita e, portanto, seus registros eram orais, daf a importância da memória, para a qual os primeiros sistemas de escrita constituíram até mesmo uma ameaça, como nos mostra o texto que você lerá a seguir.



2 Lingua Portuguesa

SÓCRATES – Bem, ouvi dizer que na região de Náucratis, no Egito, houve um dos velhos deuses daquele país, um deus a que também é consagrada a ave chamada ibis. Quanto ao deus, porém, chamava-se Thoth. Foi ele que inventou os números e o cálculo, a geometria, a astronomia, o jogo de damas e os dados, e também a escrita.



Ao lado, página com rascunho aprovado inserido.  
Acima, a arte finalizada.





### Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- reconheça a diferença entre acento tônico e acento gráfico;
- compreenda a importância do acento gráfico para a correta leitura das palavras;
- saiba aplicar as regras de acentuação gráfica segundo a norma culta da língua;
- identifique as mudanças que o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa trouxe para a acentuação gráfica.



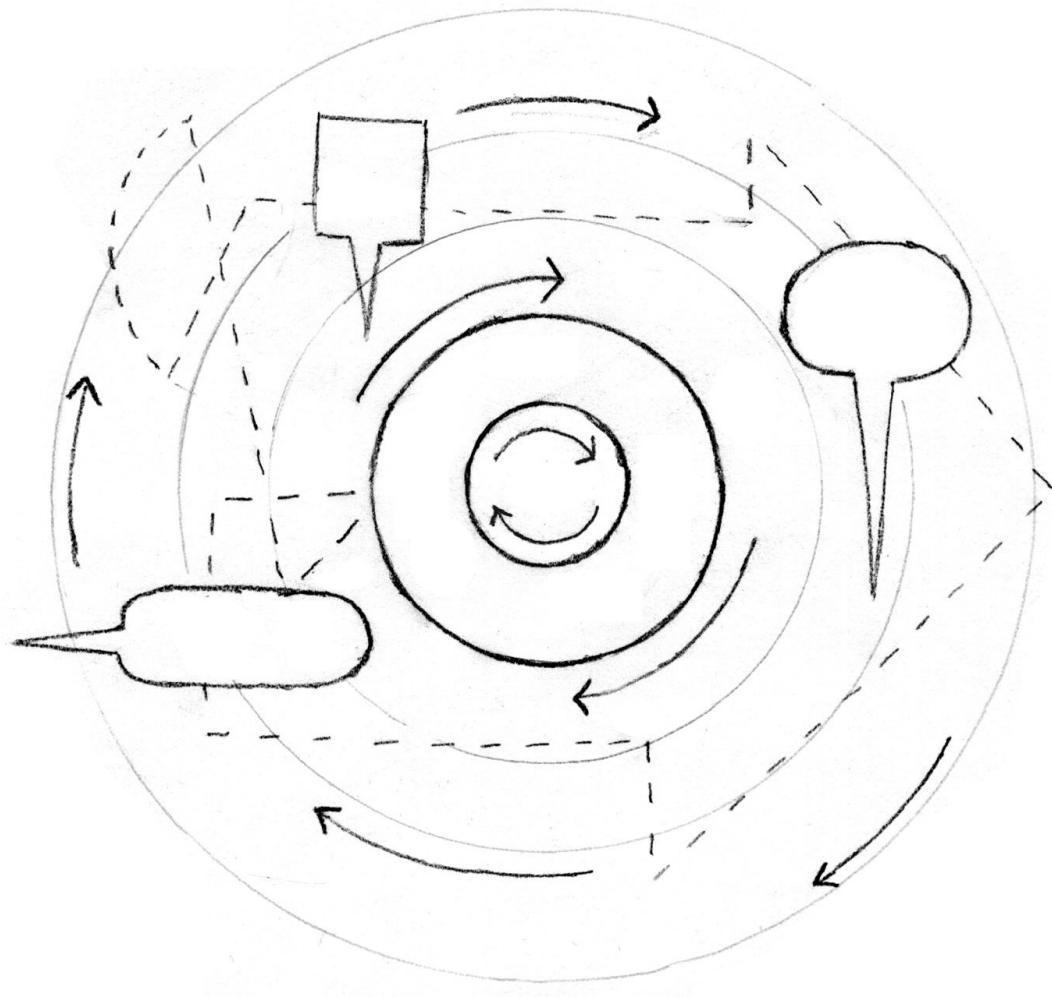
### Texto: A invenção do "o"

Luis Fernando Verissimo

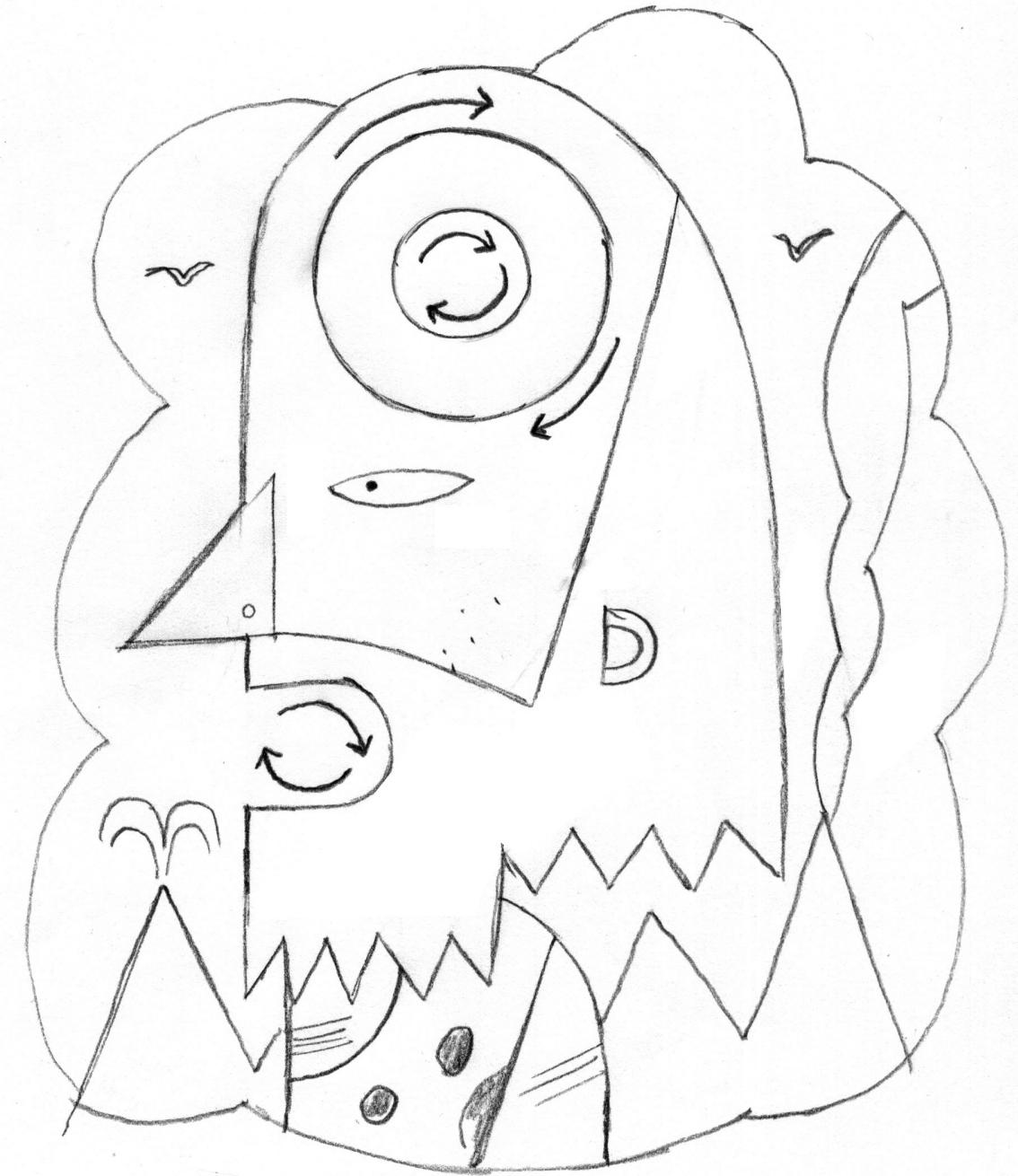
Você já parou para pensar que língua e musicalidade têm elementos afins? Da mesma forma que nossos aparelhos de som apresentam controles para equilíbrio de sons graves e agudos, a língua tem mecanismos para identificação desses elementos nas palavras. Neste capítulo, entenderemos em que consiste a acentuação gráfica das palavras em nossa língua. Para começar, vamos ler um texto de Verissimo que nos mostra como um acento gráfico pode realmente fazer muita diferença.

Na era da pedra lascada  
da língua falada  
antes de inventarem a letra  
que imitava a lua  
as palavras diziam nada  
e nada levava a nada  
(aliás, nem precisava rua).  
A frase ficava estática  
de maneira **majestática**  
a grandes falas presumíveis  
permaneciam indizíveis  
– imagens invisíveis  
a distâncias invencíveis.  
Vivia-se em cavernas mentais  
numa inércia dramática.  
Ir e vir, nem pensar  
ninguém mudava de lugar  
que dirá de sintática.  
Aí inventaram o "O"  
e foi algo portentoso.  
Assombroso, maravilhoso.  
Tudo começou a rolar

[FGP1328] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "A invenção do 'o'", de Luis Fernando Verissimo. Por se tratar de um poema, o ilustrador pode abstrair e criar algo lúdico.



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing – que nesse caso confere liberdade ao ilustrador, que pode explorar abstrações e algo lúdico".



Ao lado,  
rascunho  
opcional que foi  
preterido.

# 06 Acentuação gráfica I

## Objetivos de aprendizagem

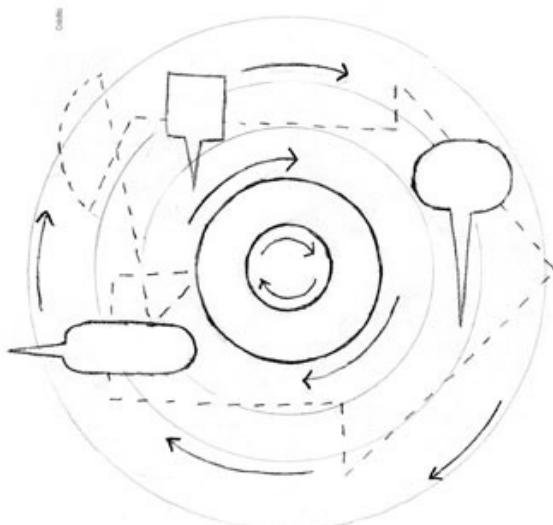
Neste capítulo, esperamos que você:

- reconheça a diferença entre acento tônico e acento gráfico;
- compreenda a importância do acento gráfico para a correta leitura das palavras;
- saiba aplicar as regras de acentuação gráfica segundo a norma culta da língua;
- identifique as mudanças que o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa trouxe para a acentuação gráfica.

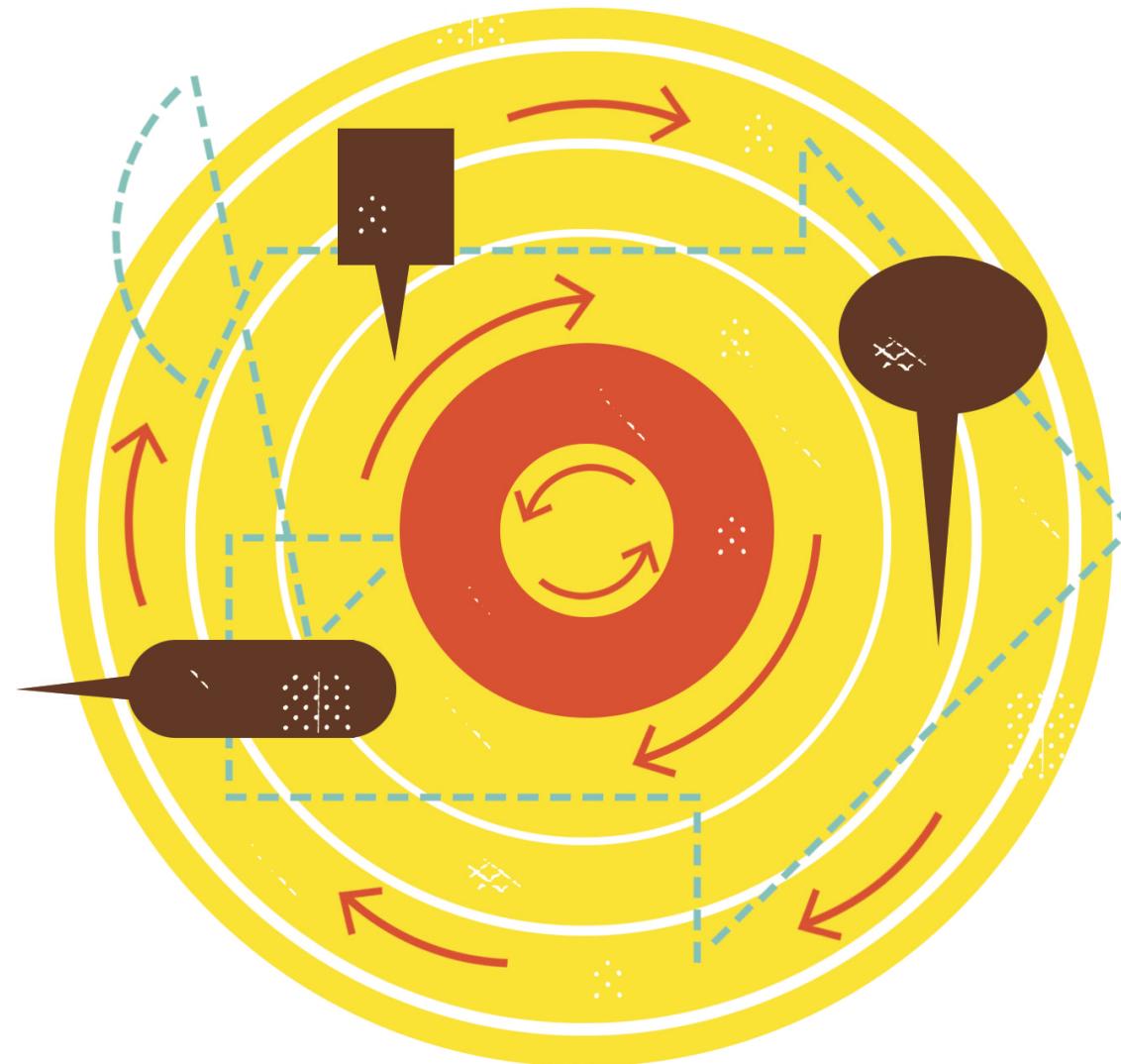
## Texto: A invenção do “o”

Luis Fernando Verissimo

Você já parou para pensar que língua e musicalidade têm elementos afins? Da mesma forma que nossos aparelhos de som apresentam controles para equilíbrio de sons graves e agudos, a língua tem mecanismos para identificação desses elementos nas palavras. Neste capítulo, entenderemos em que consiste a acentuação gráfica das palavras em nossa língua. Para começar, vamos ler um texto de Verissimo que nos mostra como um acento gráfico pode realmente fazer muita diferença.



Na era da pedra lascada  
da língua falada  
antes de inventarem a letra  
que imitava a lua  
as palavras diziam nada  
e nada levava a nada  
(aliás, nem precisava ruia).  
A frase ficava estática  
de maneira **majestática**  
a grandes falas presumíveis  
permaneciam indizíveis  
- imagens invisíveis  
a distância invencíveis.  
Vivia-se em cavernas mentais  
numa inércia dramática.  
Ir e vir, nem pensar  
ninguém mudava de lugar  
que dirá de sintática.  
Aí inventaram o “O”  
e foi algo portentoso.  
Assombroso, maravilhoso.  
Tudo começou a rolar



No canto esquerdo, página  
com rascunho inserido.  
Acima, a arte finalizada.



### Objetivos de aprendizagem

Neste capítulo, esperamos que você:

- identifique em que consiste o fenômeno da crase;
- reconheça os diferentes casos de crase obrigatória e facultativa;
- utilize a crase corretamente em suas construções textuais.

### Texto: Aforismos da crase

Ferreira Gullar

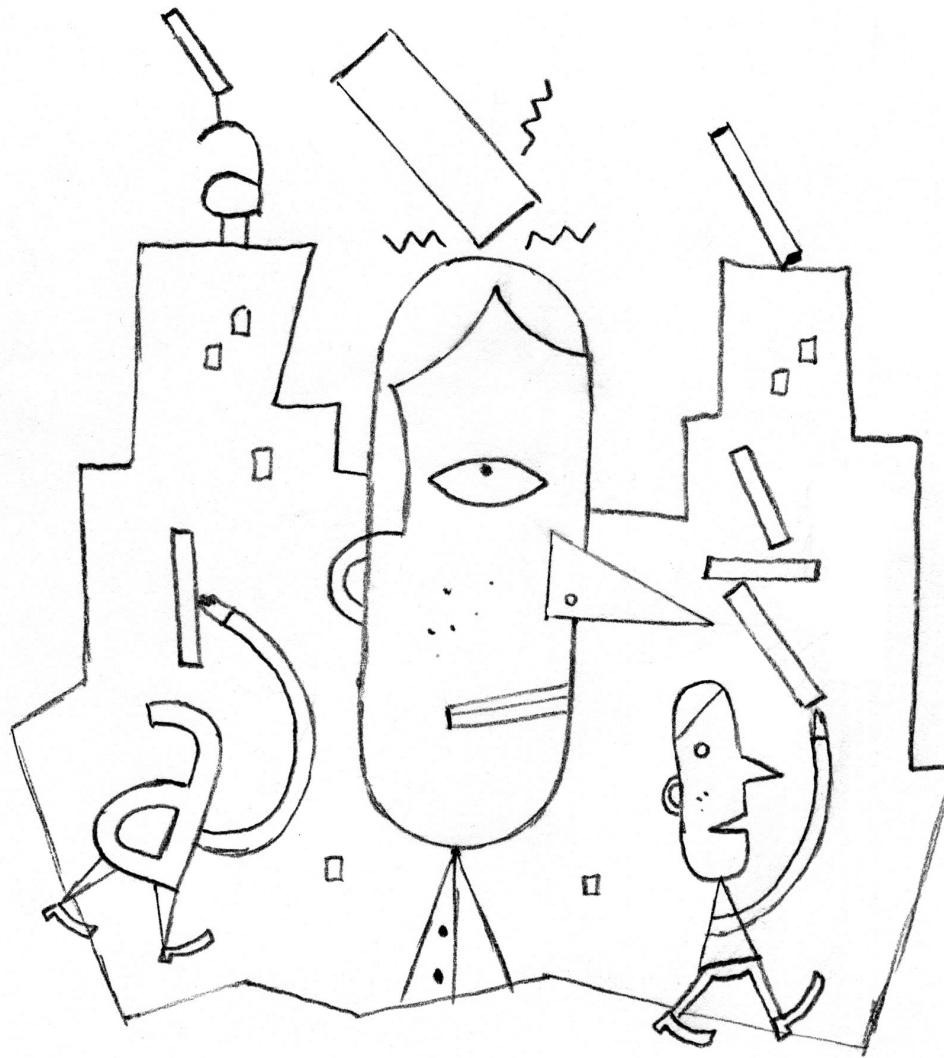
Em geral, quando se fala em crase, a maioria dos usuários da língua se sente insegura. Entretanto, como veremos neste capítulo, a crase é um interessante fenômeno de economia vocabular que se encontra a nosso dispor. Para começarmos a falar sobre esse assunto, leia o texto a seguir, que traz o ponto de vista bem-humorado de Ferreira Gullar sobre a crase.

[FGP1332] Ilustrar de maneira diferenciada o texto "Aforismos da crase", de Ferreira Gullar. O ilustrador deve se inspirar nos aforismos criados por Gullar que são citados ao longo do texto. A ilustração para este texto pode ser mais abstrata.

"A crase não foi feita para humilhar ninguém" – esse **aforismo** que escrevi em 1955 ganhou popularidade e terminou sendo atribuído a vários escritores, menos a mim: a Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Otta Lara Resende e até a Machado de Assis. E de pouco adiantou a **probidade** desses escritores (os vivos, naturalmente), apontando-me como o verdadeiro autor de aforismo que àquela altura já passava a ser atribuído a autores estrangeiros...

Nesse particular, aliás, eu não dou sorte. Num encontro aqui no Rio com García Marquez, na casa de Rubem Braga, contaram-lhe que, quando me perguntam se sou Ferreira Gullar, tenho mania de responder: "Às vezes." E o faço por uma razão simples: tenho dois nomes, o outro, de batismo, é José Ribamar Ferreira. E também porque nem sempre sou capaz de escrever os poemas que o Gullar escreve... ainda que maus. Pois bem, não é que o García Marquez chegou de Portugal e, numa entrevista, atribuiu essa frase a Jorge Luis Borges? É claro que tais confusões só me lisonjeiam.

Mas a verdade é que certo dia me vi induzido a escrever uma série de aforismos sobre a crase, esse grave problema ortográfico e existencial que boia parte dos escritores, jornalistas e escrevinhadores em geral não conseguem resolver. A crase tornou-se assim um pesadelo



Ao lado, a página com diagramação, texto inserido, espaço para ilustração e briefing – que nesse caso permite a exploração de algo mais abstrato



# 08 Crase



## Objetivos de aprendizagem

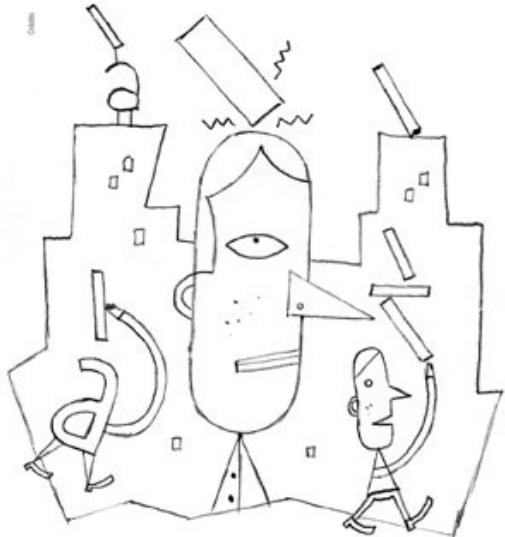
Neste capítulo, esperamos que você:

- identifique em que consiste o fenômeno da crase;
- reconheça os diferentes casos de crase obrigatória e facultativa;
- utilize a crase corretamente em suas construções textuais.

## Texto: Aforismos da crase

Ferreira Gullar

Em geral, quando se fala em crase, a maioria dos usuários da língua se sente insegura. Entretanto, como veremos neste capítulo, a crase é um interessante fenômeno de economia vocabular que se encontra a nosso dispor. Para começarmos a falar sobre esse assunto, leia o texto a seguir, que traz o ponto de vista bem-humorado de Ferreira Gullar sobre a crase.



"A crase não foi feita para humilhar ninguém" – esse **aforismo** que escrevi em 1955 ganhou popularidade e terminou sendo atribuído a vários escritores, menos a mim: a Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Otto Lara Resende e até a Machado de Assis. E de pouco adiantou a **probidade** desses escritores (os vivos, naturalmente), apontando-me como o verdadeiro autor de aforismo que àquela altura já passava a ser atribuído a autores estrangeiros...

Nesse particular, aliás, eu não dou sorte. Num encontro aqui no Rio com García Marquez, na casa de Rubem Braga, contaram-lhe que, quando me perguntaram se sou Ferreira Gullar, tenho mania de responder: "Às vezes." E o faço por uma razão simples: tenho dois nomes, o outro, de batismo, é José Ribamar Ferreira. E também porque nem sempre sou capaz de escrever os poemas que o Gullar escreve... ainda que maus. Pois bem, não é que o García Marquez chegou de Portugal e, numa entrevista, atribuiu essa frase a Jorge Luis Borges? É claro que tais confusões só me lisonjeiam.

Mas a verdade é que certo dia me vi induzido a escrever uma série de aforismos sobre a crase, esse grave problema ortográfico e existencial que boa parte dos escritores, jornalistas e escrevinhadores em geral não conseguem resolver. A crase tornou-se assim um pesadelo



No canto esquerdo, página com rascunho inserido.  
Acima, a arte finalizada.



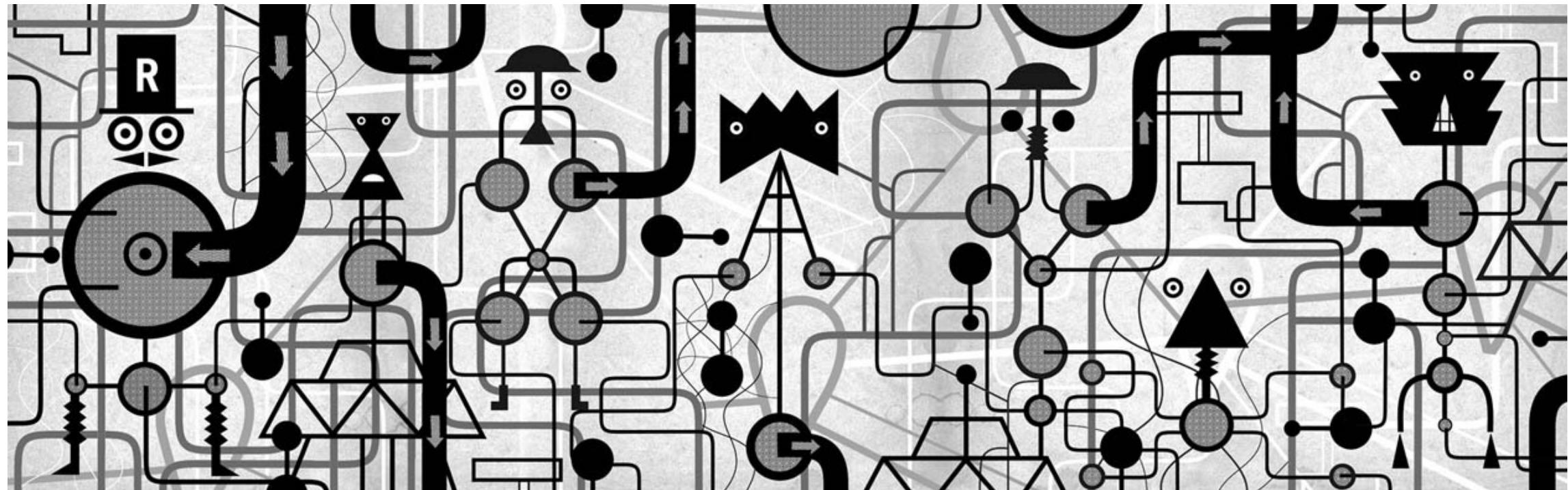
# ILUSTRAÇÃO DE LIVROS: LIVRO DE NÃO-FICÇÃO E DIDÁTICO

Imagens contínuas



escola  
britânica de  
artes criativas  
& tecnologia

# Revista Nueva Sociedad



Publicação argentina de ciências sociais distribuída no mundo todo. Era uma edição especial sobre o Brasil, o tema norteador era concentração de renda. Uma única ilustração foi concebida para aparecer fragmentada em cinco partes nas páginas da revista. Trabalho criado e publicado em 2007.

# Revista Nueva Sociedad: briefing

Tema: Era uma edição especial sobre o Brasil. “Os temas gerais da revista são os desafios em diminuir a desigualdade, aumentar o desenvolvimento, a luta contra a pobreza”.

Briefing: “Preferimos que as ilustrações sejam abstratas e não se refiram a um artigo em particular”. A revista enviou por e-mail alguns artigos para o ilustrador entender quais são os assuntos gerais. Mandou também pelo correio alguns exemplares anteriores da publicação.

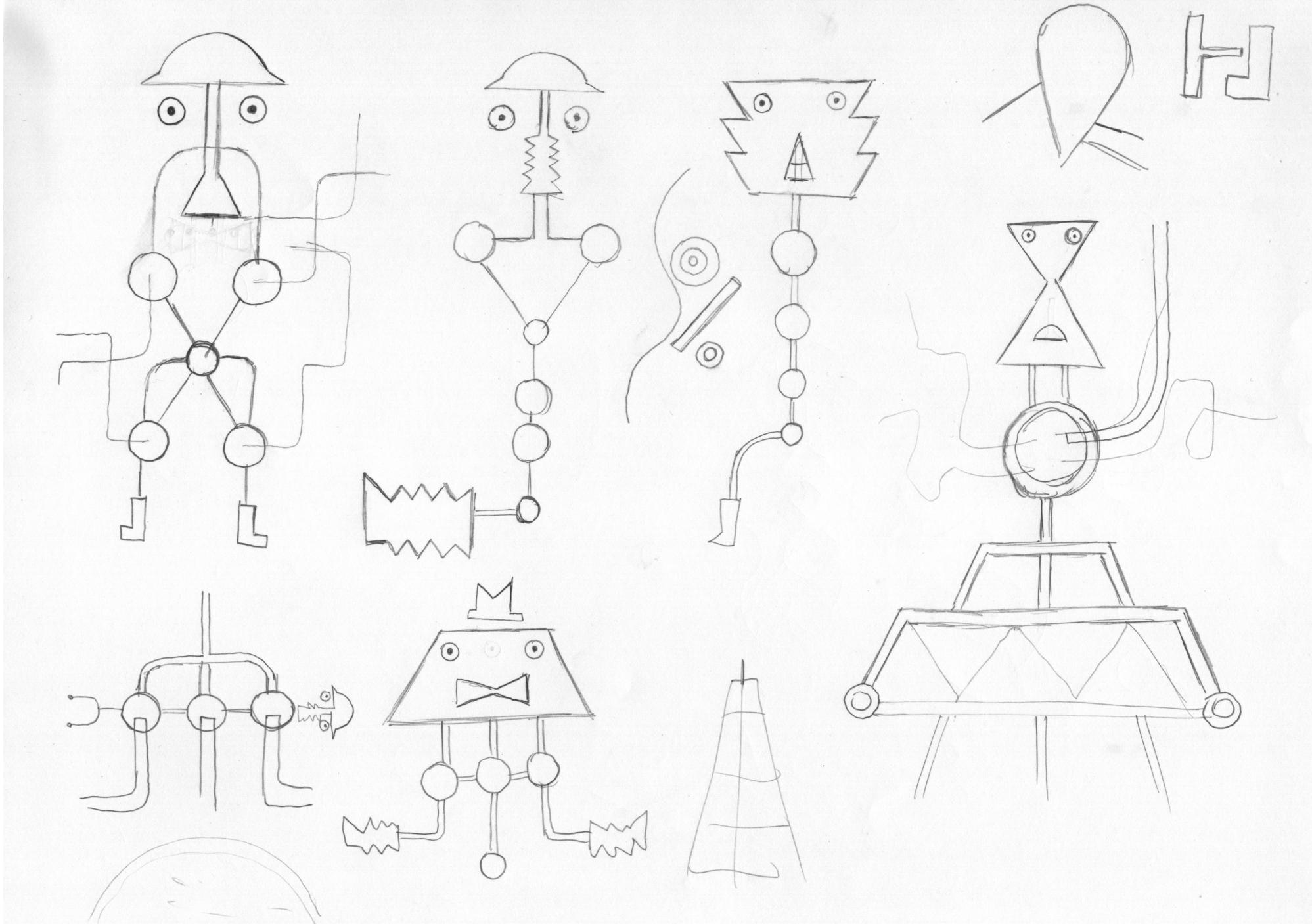
Quantidade: 5 ilustrações de página inteira

Formato da página: 11 x 18 cm

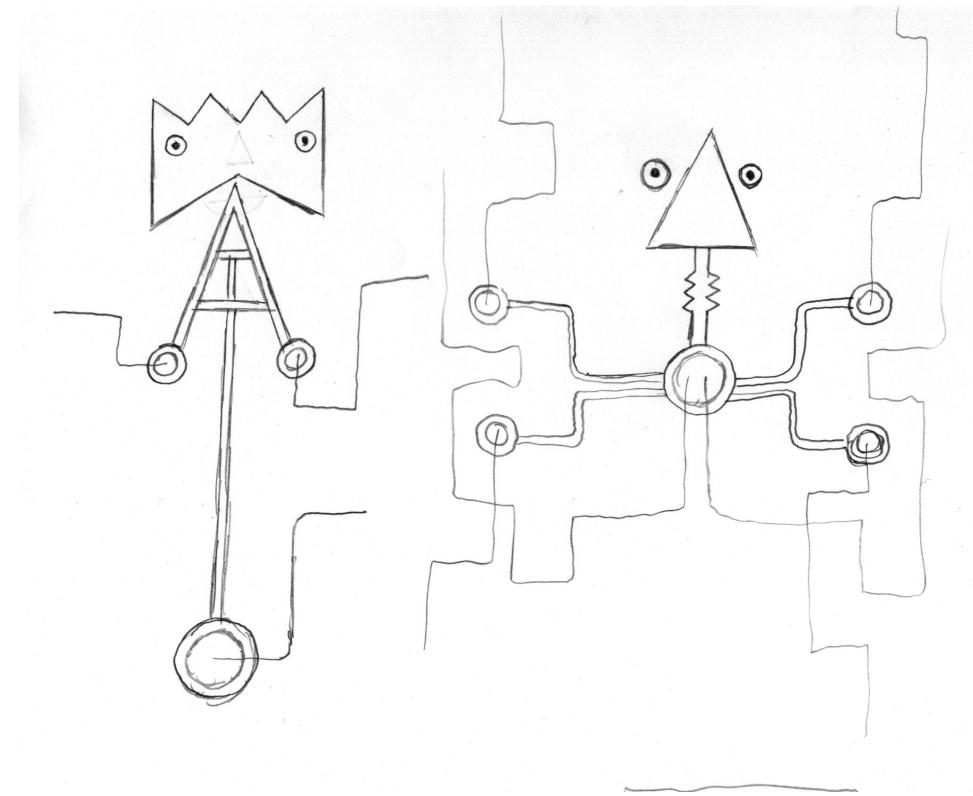
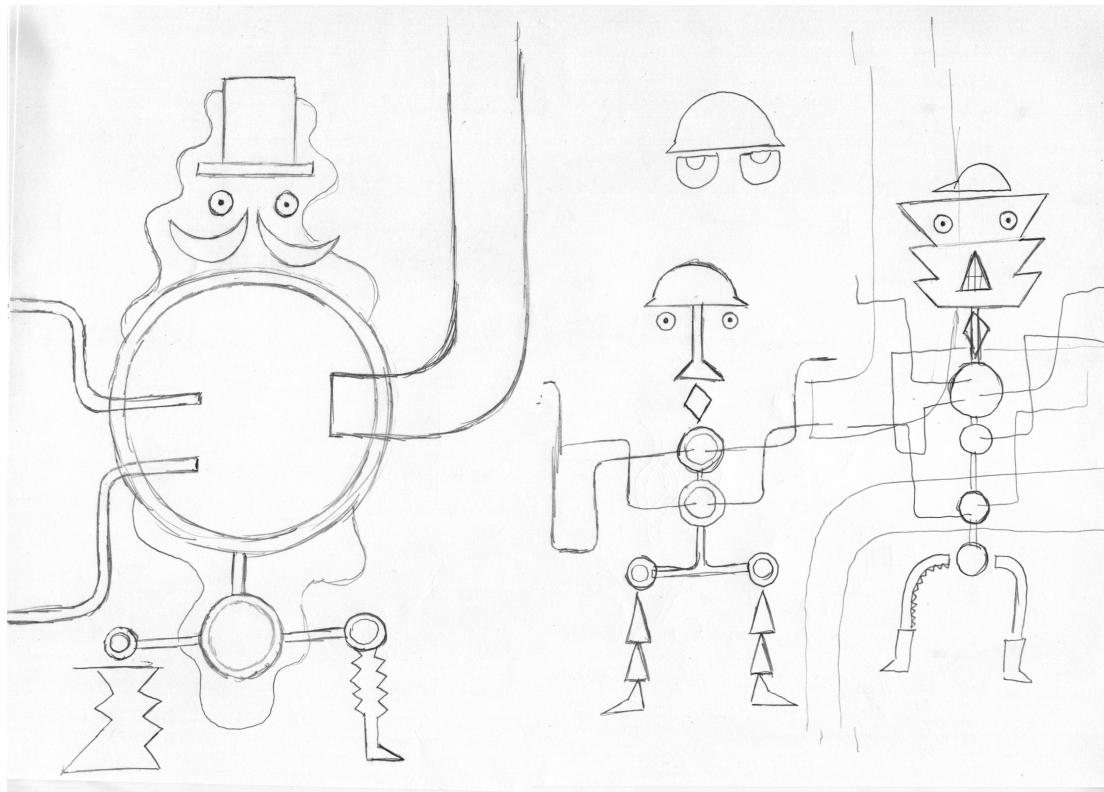
Prazo: 40 dias

Resolução: Arquivos em 300 dpi

Cor: preto e branco



Rascunhos  
iniciais,  
centrados nas  
figuras, ainda  
sem trabalho  
na composição.



Rascunhos com desenvolvimento de composição, estabelecendo conexões entre os personagens.

## Estudo de tipos de conexões.

the same time, the *lattice gas* approach to the theory of the solid-liquid transition in the *one-dimensional* case is also considered.

seb ouvidoria ouvir de pessoas que só conseguem expressar suas opiniões de forma negativa.

A comparison of two methods for estimating the prevalence of hepatitis B in the general population 119

Les deux derniers mots de ce couplet sont d'origine anglaise, mais leur sens dans le contexte de cette chanson est tout à fait français.

abscissas que se move por obtever os resultados.

"OBRIGADO" ONDE VAI? 5

Consumers can also do their own research, compare different products, and make their own decisions.

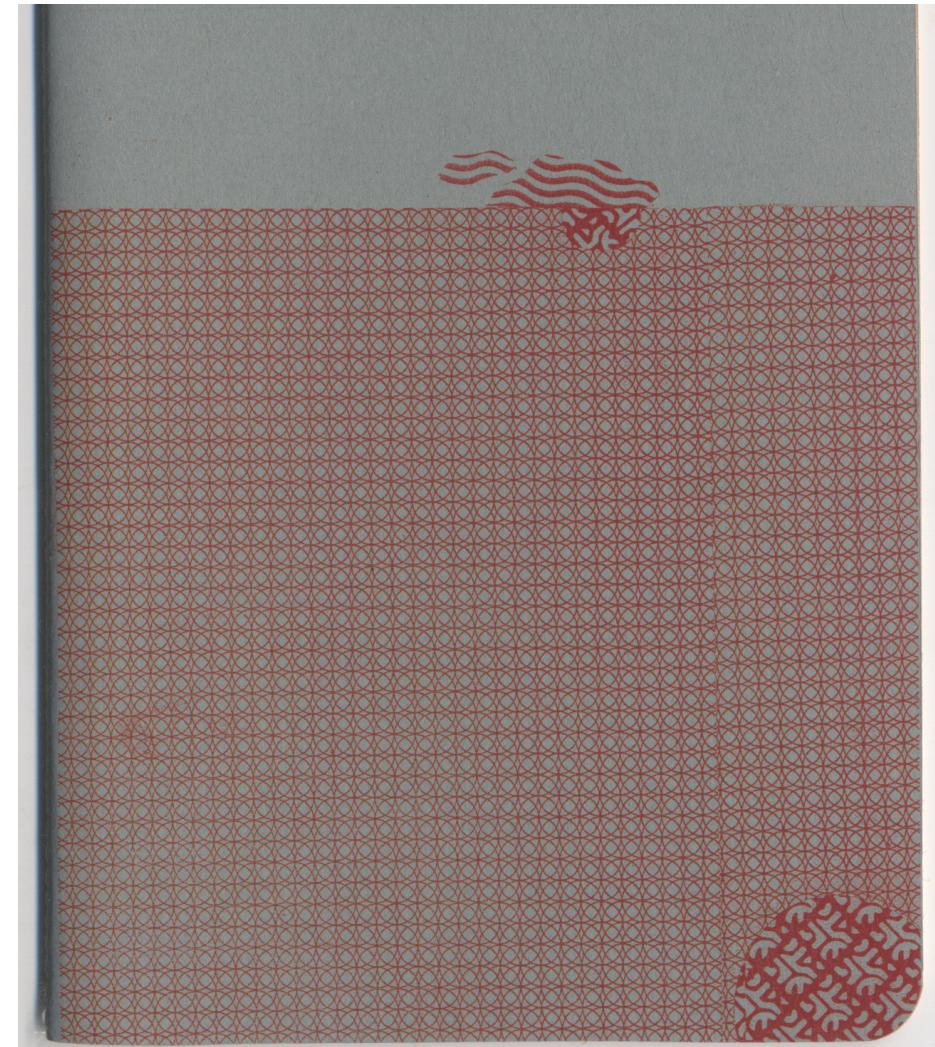
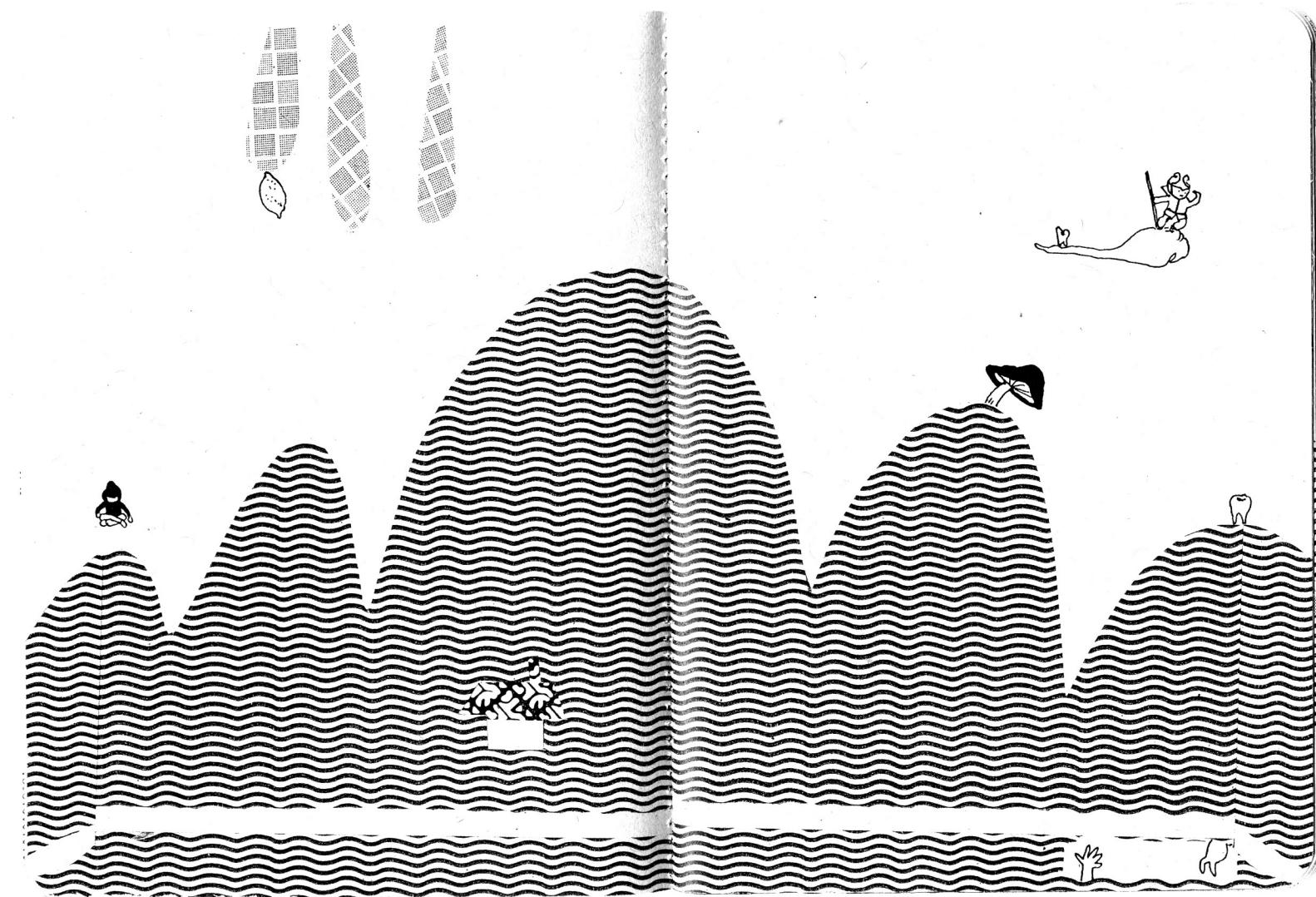
such a large age difference between the two groups, it is not surprising that the older group had a higher prevalence of hypertension.

19. *Leucosia* *leucosia* (L.) *leucosia* (L.) *leucosia* (L.) *leucosia* (L.)

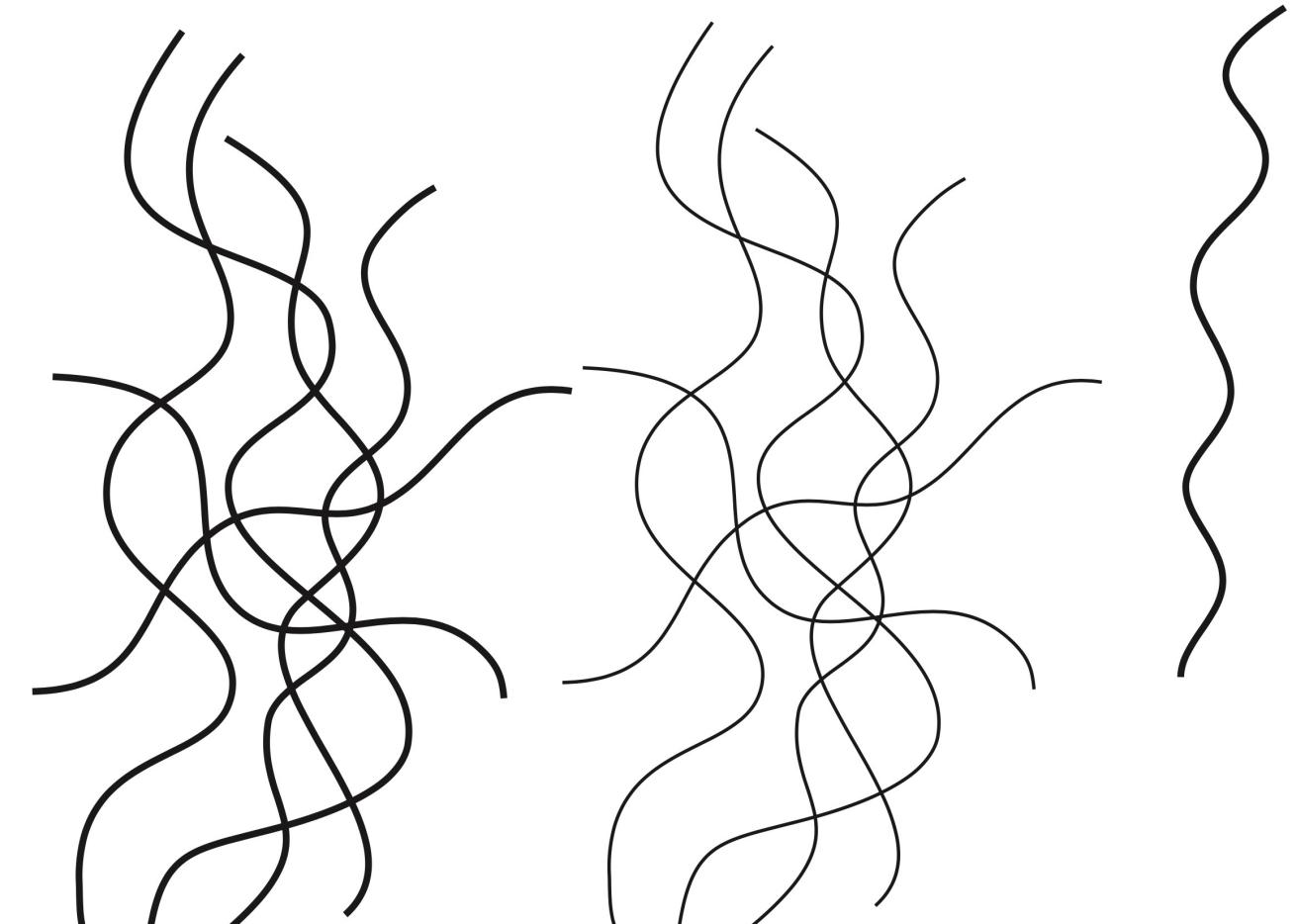
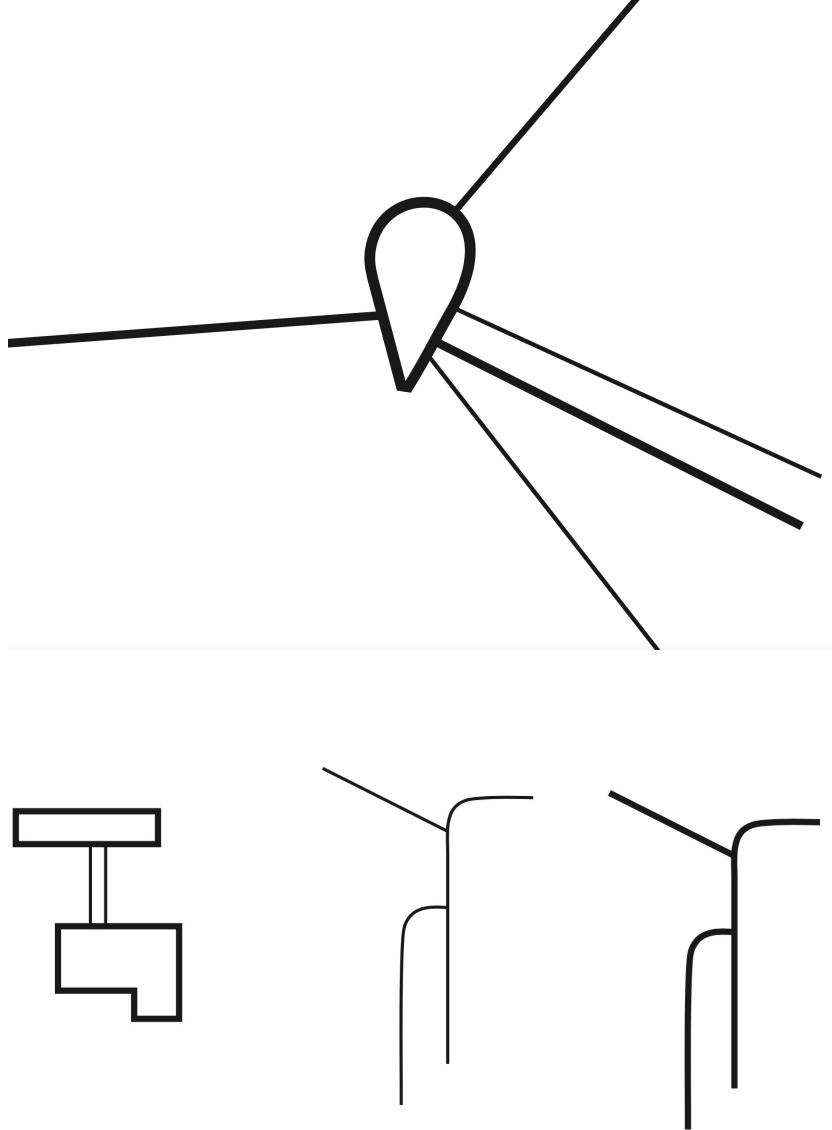
2008-09-07 10:00:00 2008-09-07 10:00:00

Yves, um dos mais famosos e respeitados fotógrafos da França, é um leitor

1. *Leucanthemum vulgare* L.



Estudo de grafismos.



Todas as formas foram redesenhadas em vetor. A ideia foi trabalhar com formas depuradas em vetor, mescladas a texturas leves de fundo (com uso de papel escaneado) e grafismos pontuais (escaneados de revistas).

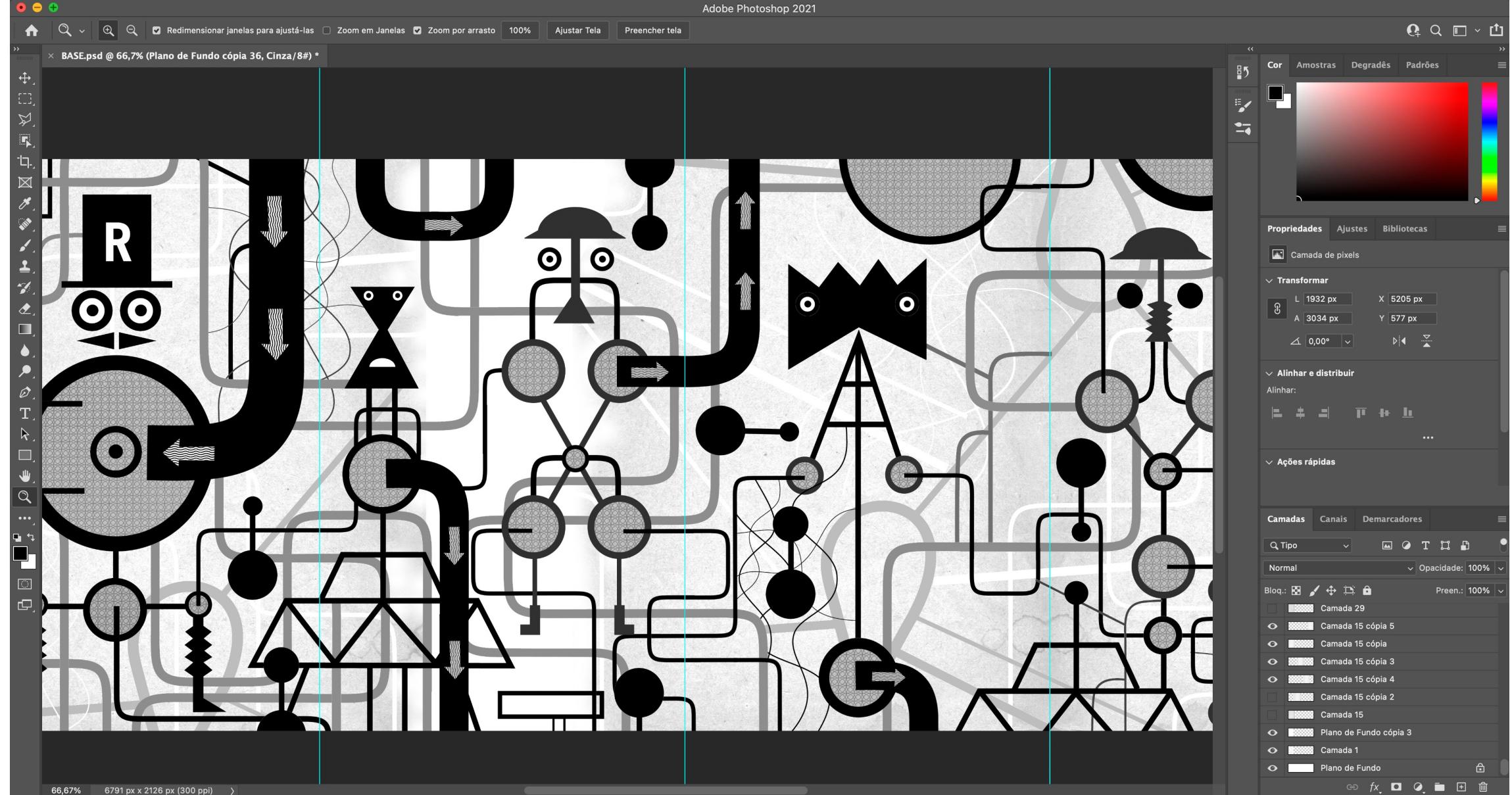
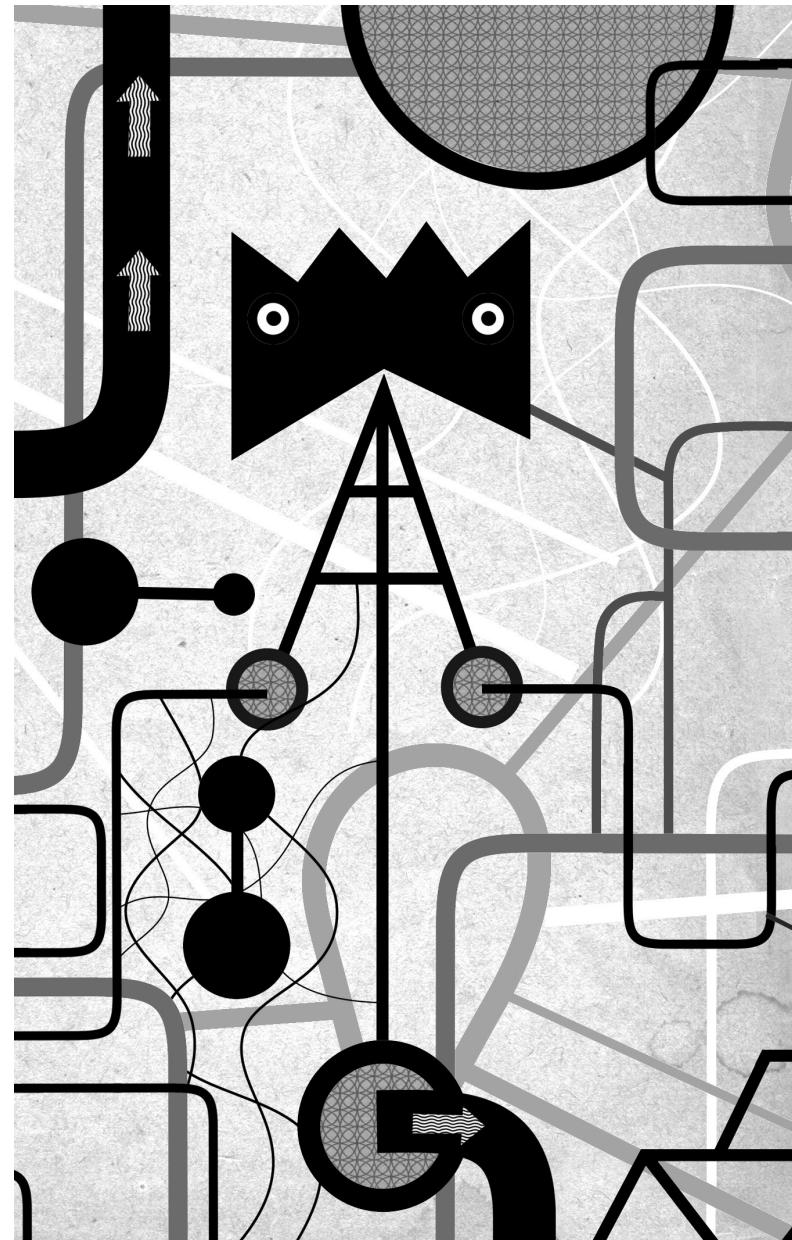
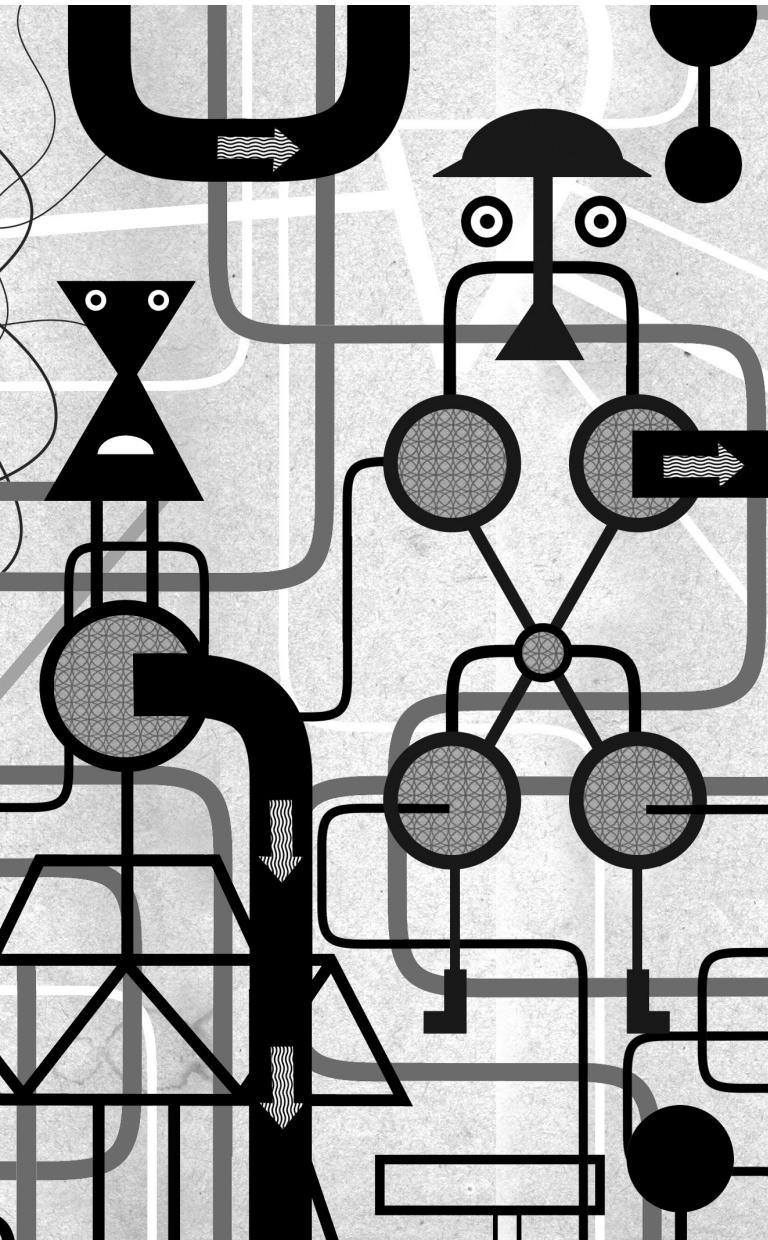
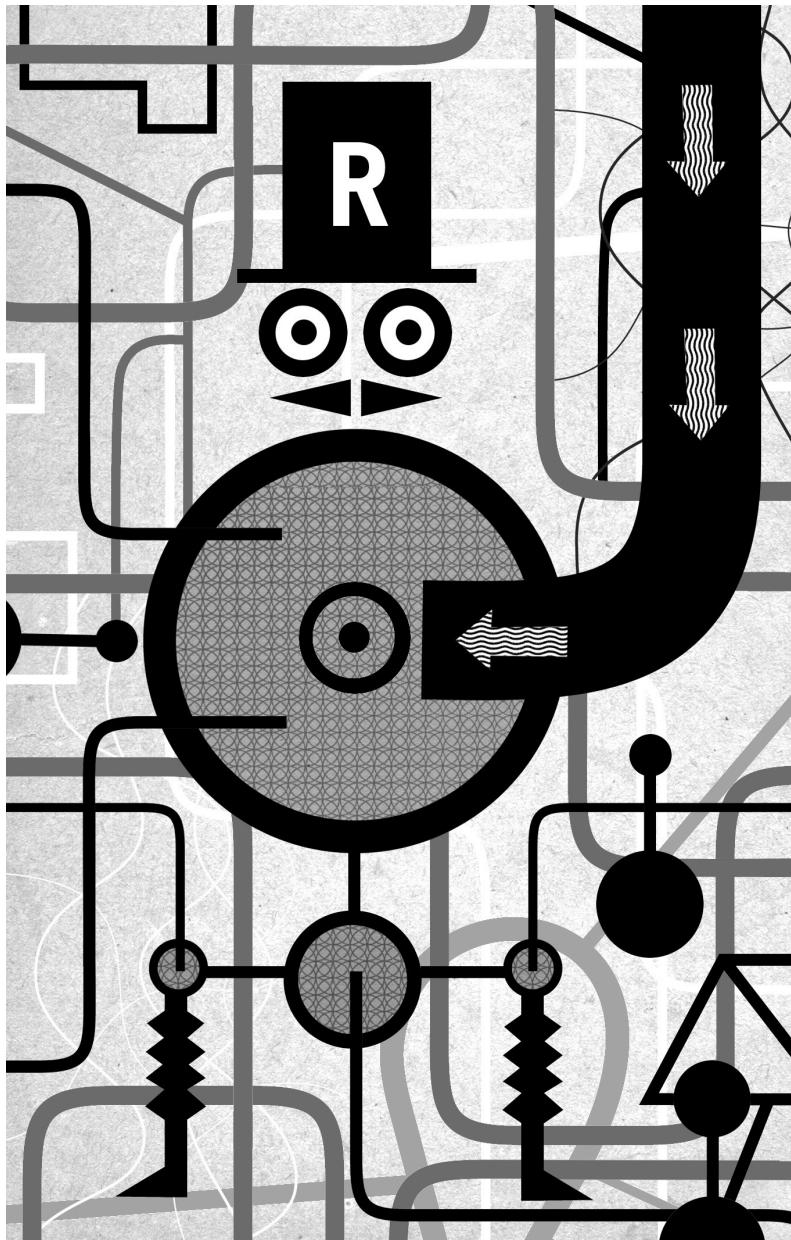
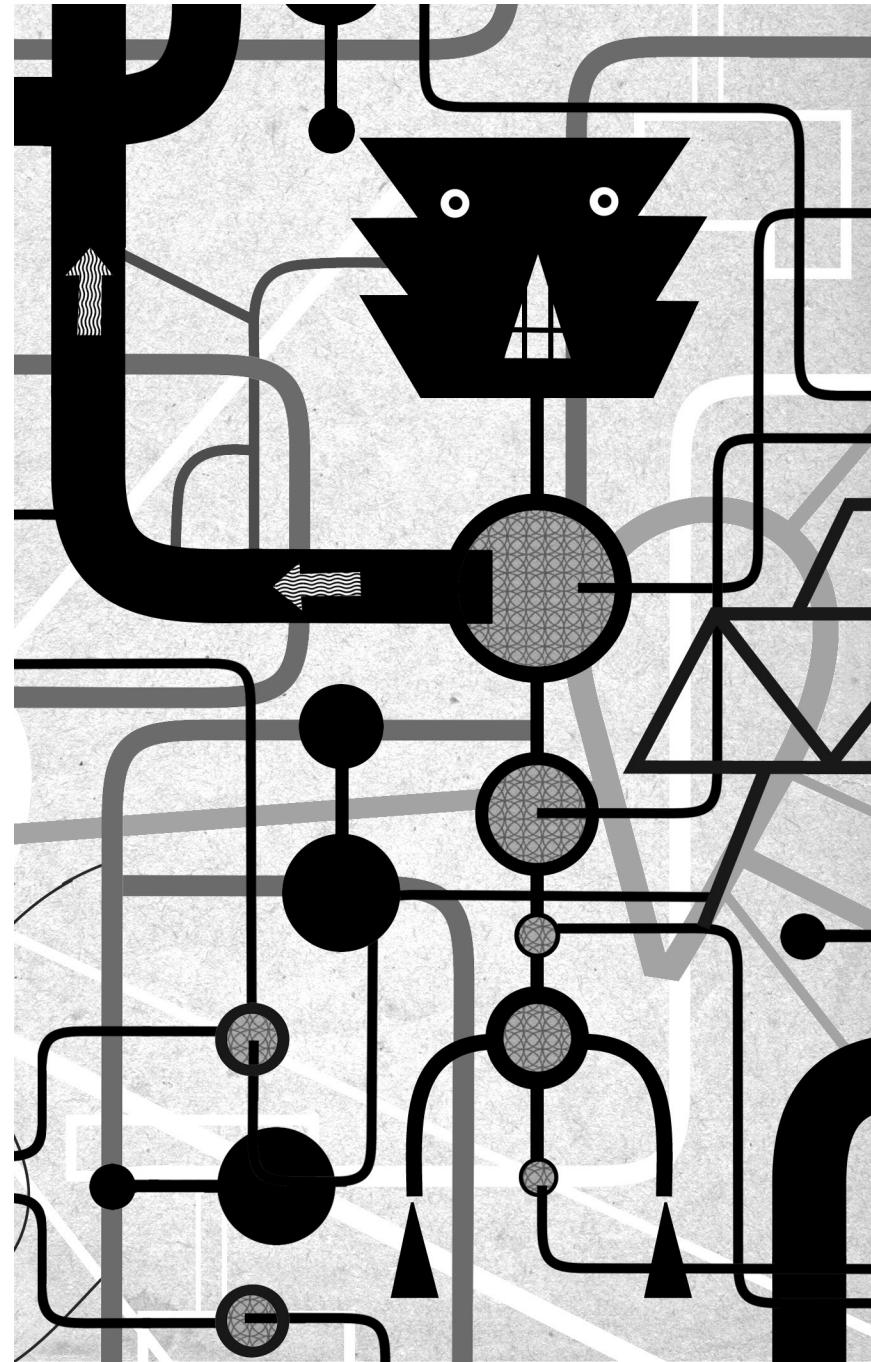
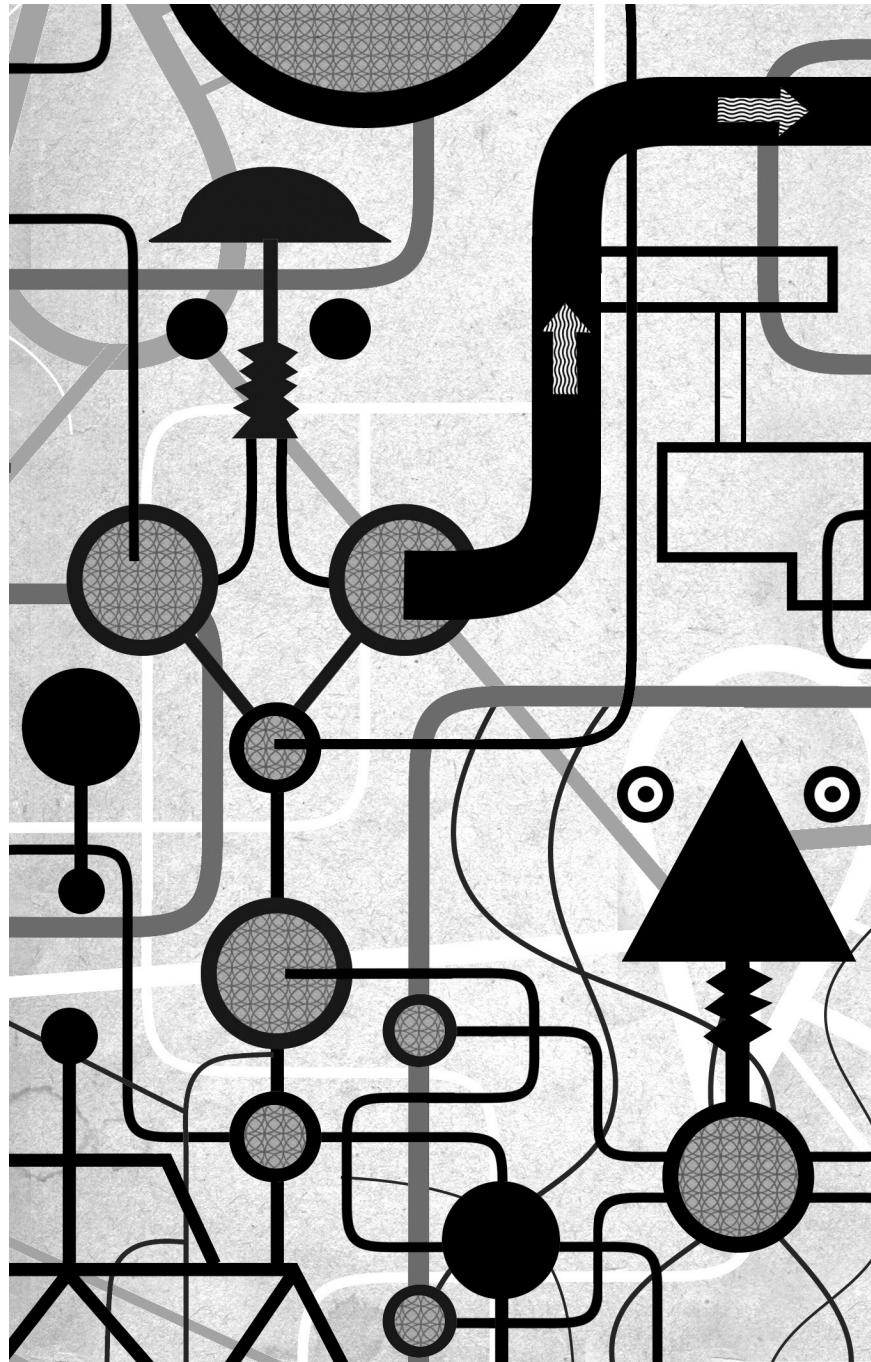


Imagen do arquivo em PSD no Photoshop, com vários layers. Nesse exemplo um layer de fundo foi apagado para que seja possível visualizar o trabalho envolvido na montagem dele. Um fragmento de textura foi usado e multiplicado, cada pedaço com as bordas suavizadas para que resultassem numa textura unificada harmonicamente.



Três páginas de ilustração: é possível perceber a conexão entre elas quando aproximadas.



As duas últimas páginas de ilustração da revista. Elas aparecem separadas ao longo da publicação, mas a conexão visual entre elas faz com que o leitor perceba coesão na revista.

# Revista Observatório / Itaú Cultural



Uma cidade contínua com mais de 4 metros de comprimento foi criada para aparecer em fragmentos nas páginas da revista Observatório do Itaú Cultural, 2015.

# Revista Observatório: briefing

Tema: Tecnologia e economia da cultura.

Briefing: “Pensamos em trabalhar apenas com algumas texturas”. 1/3 das ilustrações poderiam ser complementares e não trazer elementos muito elaborados.

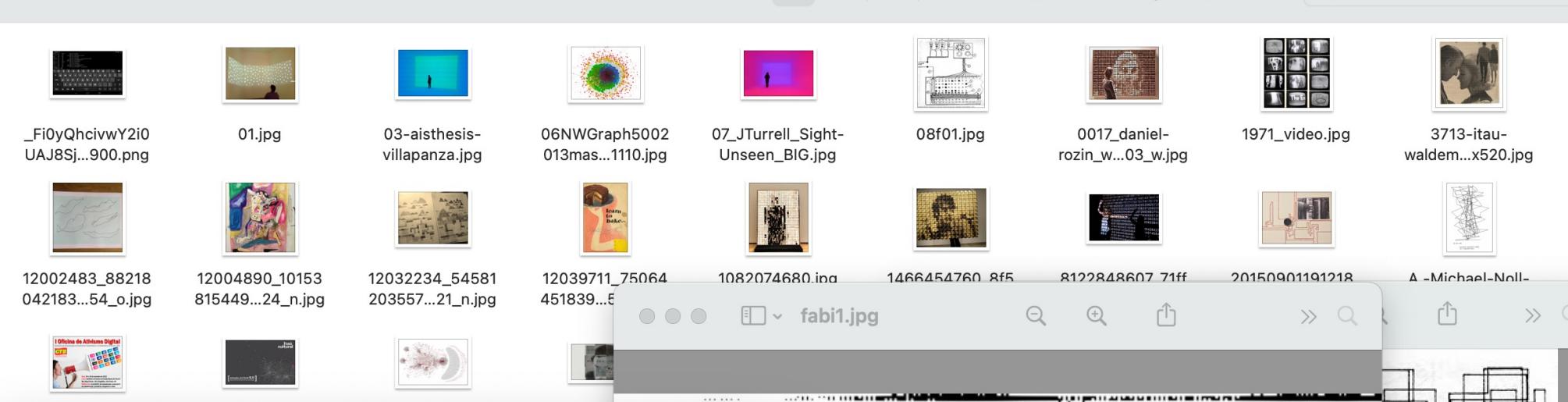
Quantidade: 25 ilustrações

Formato da página:

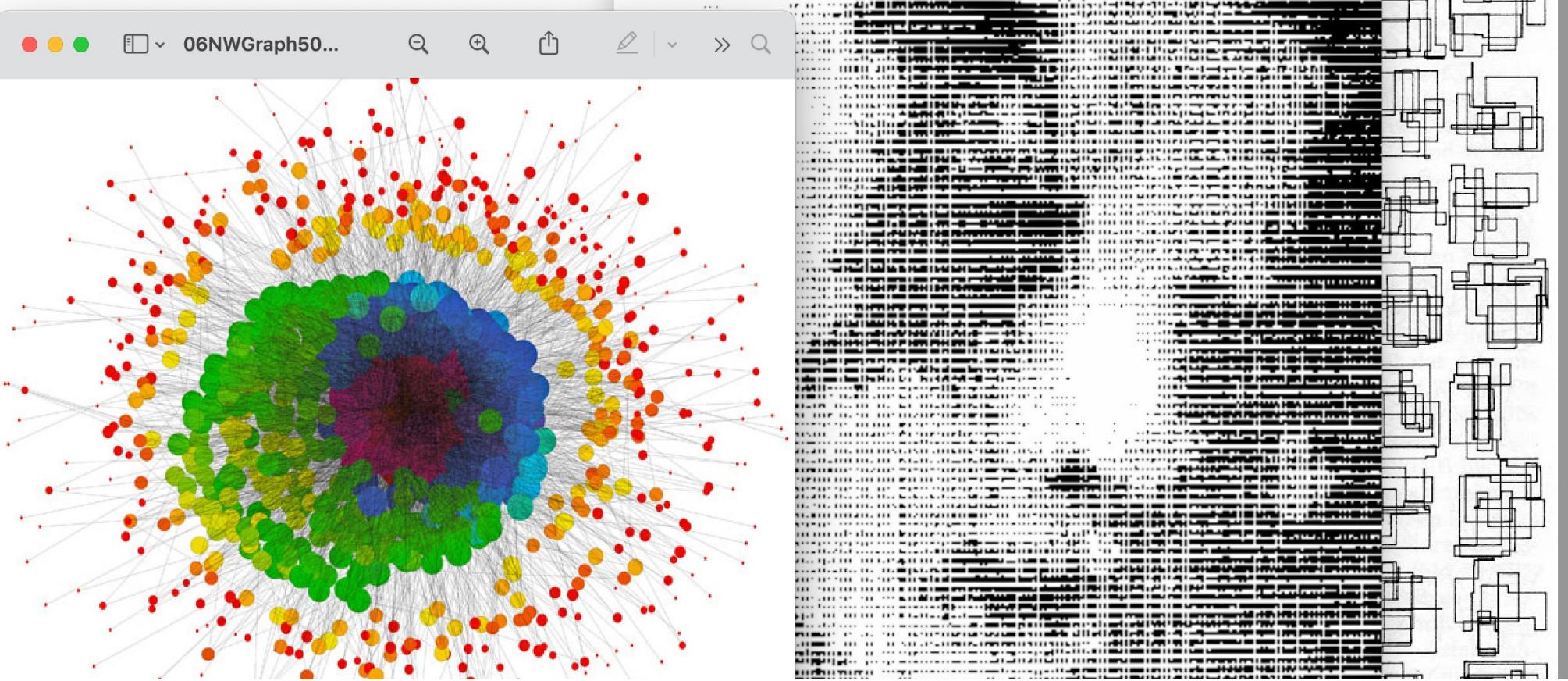
Prazo: 40 dias

Resolução: Arquivos em 300 dpi

Cor: Duotone



Pesquisa de  
elementos gráficos  
relacionados ao  
universo digital,  
arte e tecnologia.



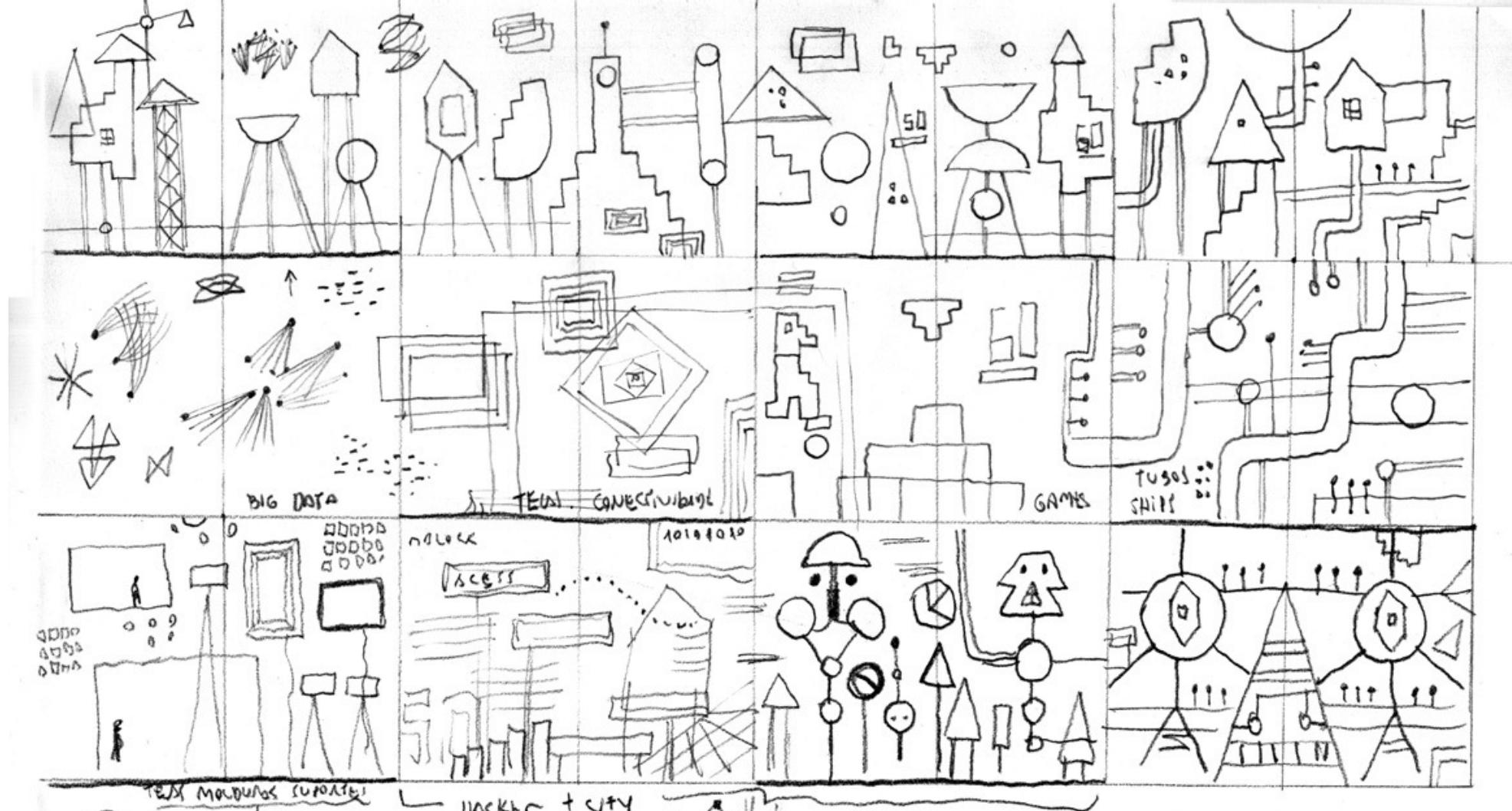
Inicialmente esbocei dois tipos de abordagem e mandei referências de trabalhos anteriores, como explico para a designer no texto abaixo:

“Planejei dois tipos de página dupla (irei fazer duplas mas não tem problema transformá-las em página simples):

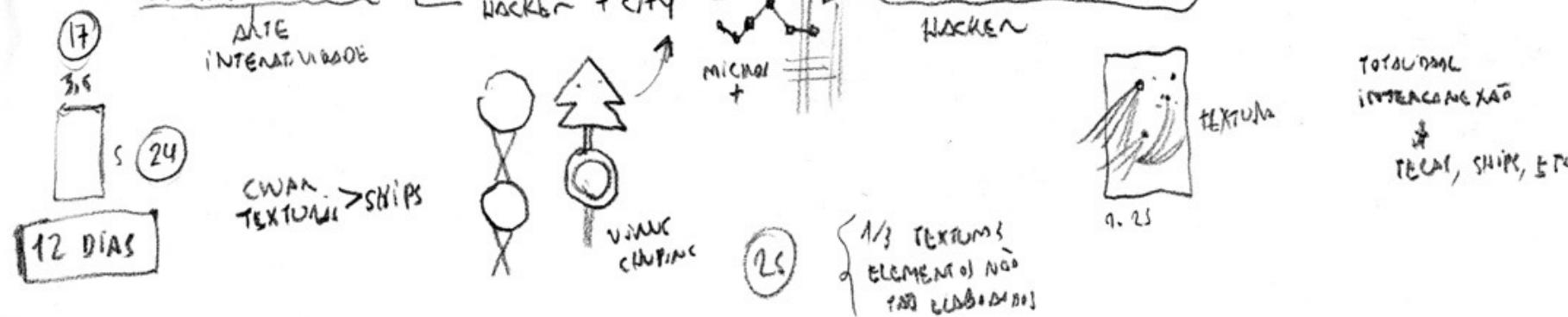
Duplas com GRAFISMOS, soltos nas páginas; um tipo de experimentação com elementos gráficos por dupla: big data, telas/ conectividade, games, tubos e ships, arte/ suportes/ interatividade, hackers/ ativismo. Imaginei 13 páginas pra essa proposta.

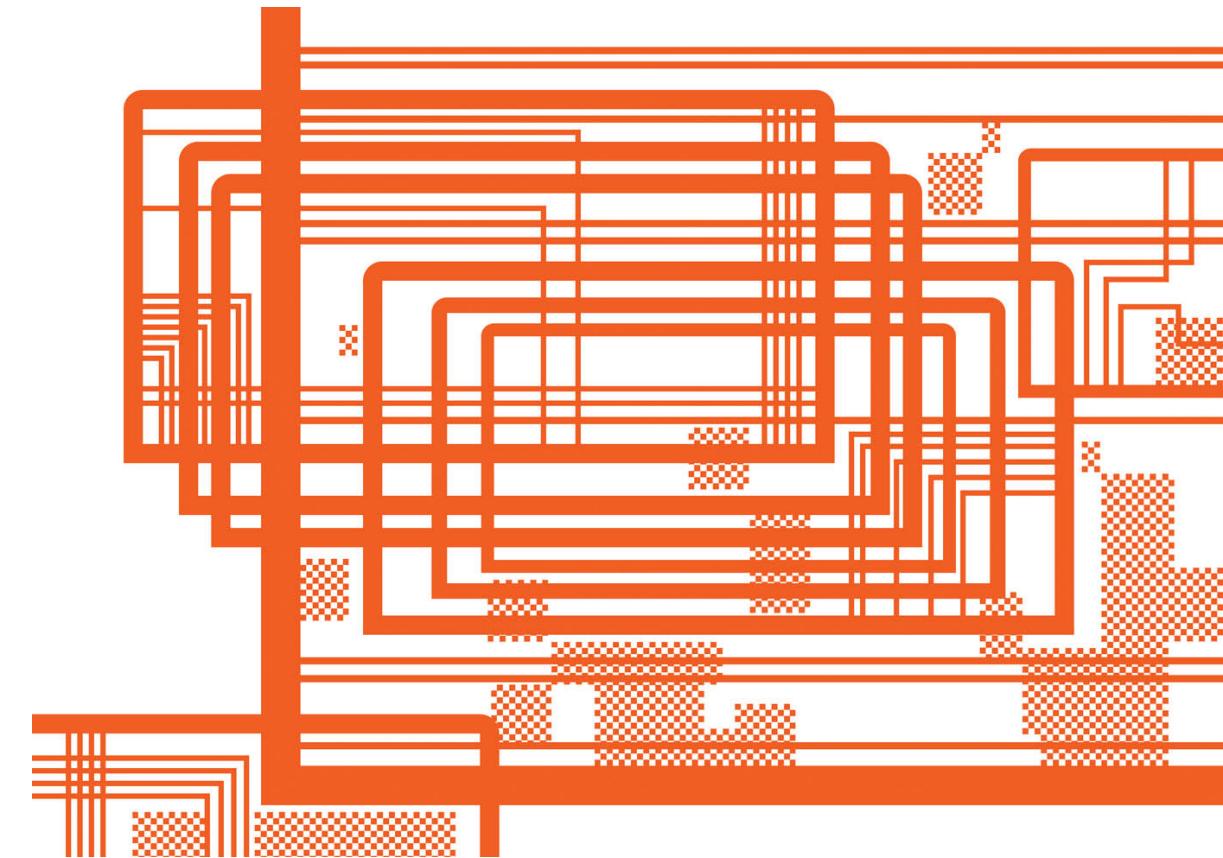
CIDADES cheias de elementos gráficos decorrentes dos temas dessa edição (aplicaria os grafismos desenvolvidos para as páginas da primeira abordagem nesse contexto das cidades). Ou seja, se faço uma dupla apenas com elementos de Bid Data, depois elaboro outra dupla com eles povoando um cenário de cidade. Para essa proposta planejei 12 páginas.

A princípio não penso em usar personagens e figuras humanas, esse tipo de coisa aparecerá pontualmente em algumas poucas duplas.”

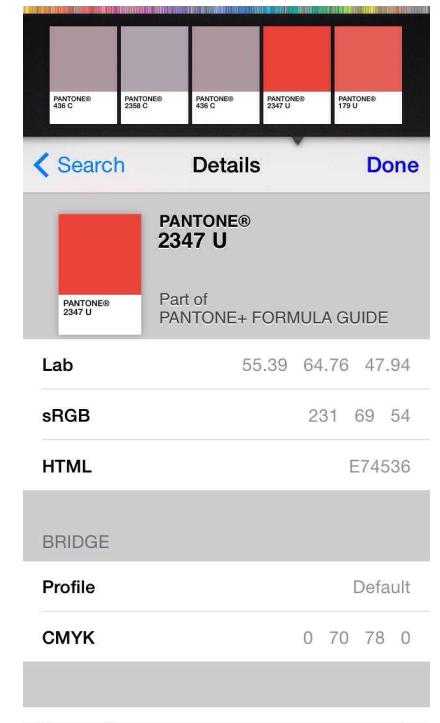


Rascunho geral com planejamento das páginas nessa primeira etapa de trabalho.



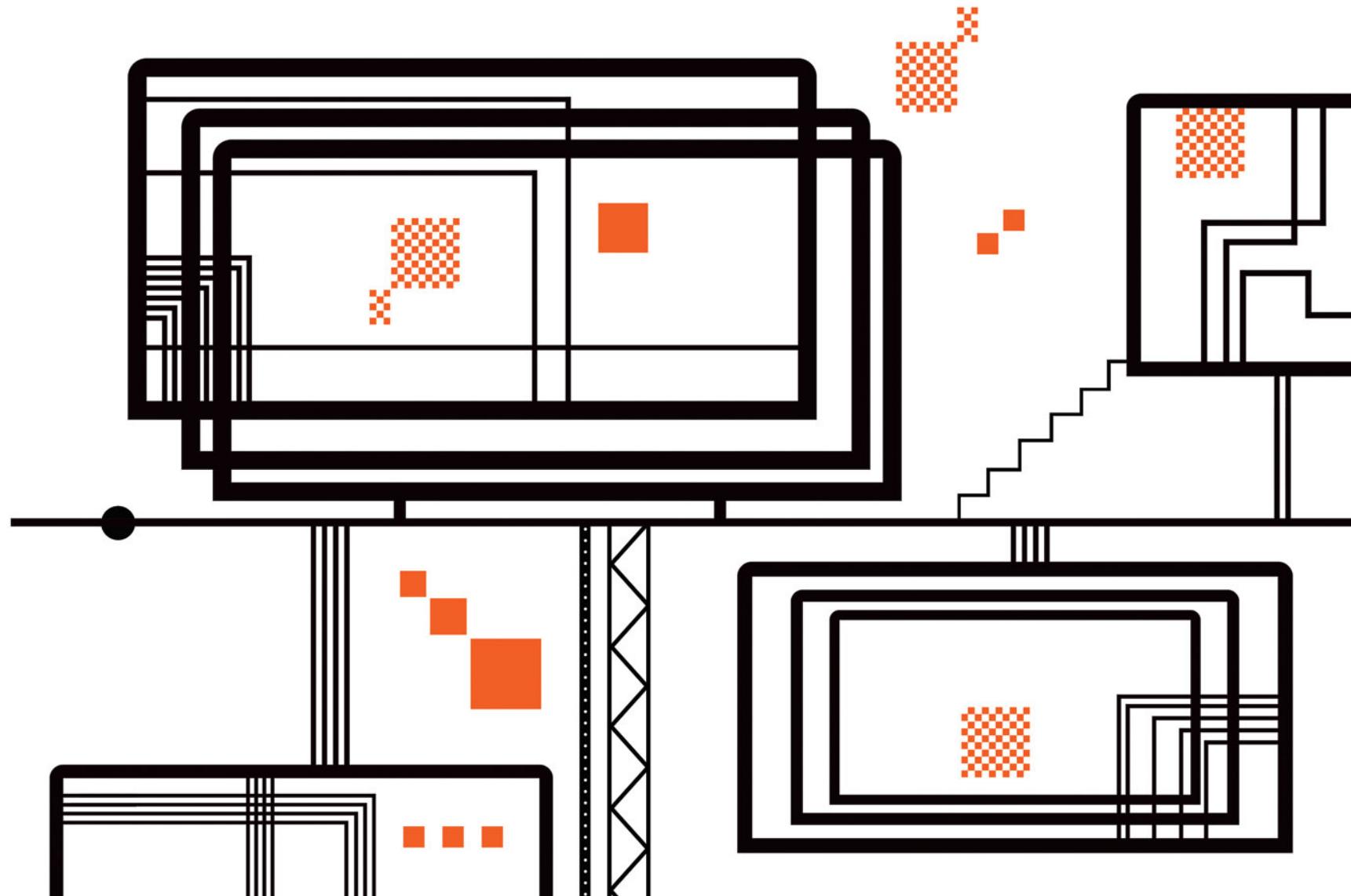


As duas abordagens propostas inicialmente: à direita, a proposta com GRAFISMOS, e à esquerda a de CIDADES.



O cliente acabou preferindo a imagem da CIDADE, mas em versão depurada, pois era mais adequada ao tom refinado da revista.

Ao lado, imagem enviada pela designer após conferir minhas suas abordagens propostas. Ela incluiu pontualmente elementos na cor Pantone escolhida, o vermelho 179U



Na sequência enviei essa versão com as telas resolvidas na estrutura da “cidade”, e de modo mais sutil – pra sentir se ela aprovava esse tipo de solução.

Houve abertura e ficou claro que a ênfase maior deveria ser na cidade mesmo.

“Acho que podemos focar nas cidades e em elementos que remetam a rede, tecnologia, interconexão”.

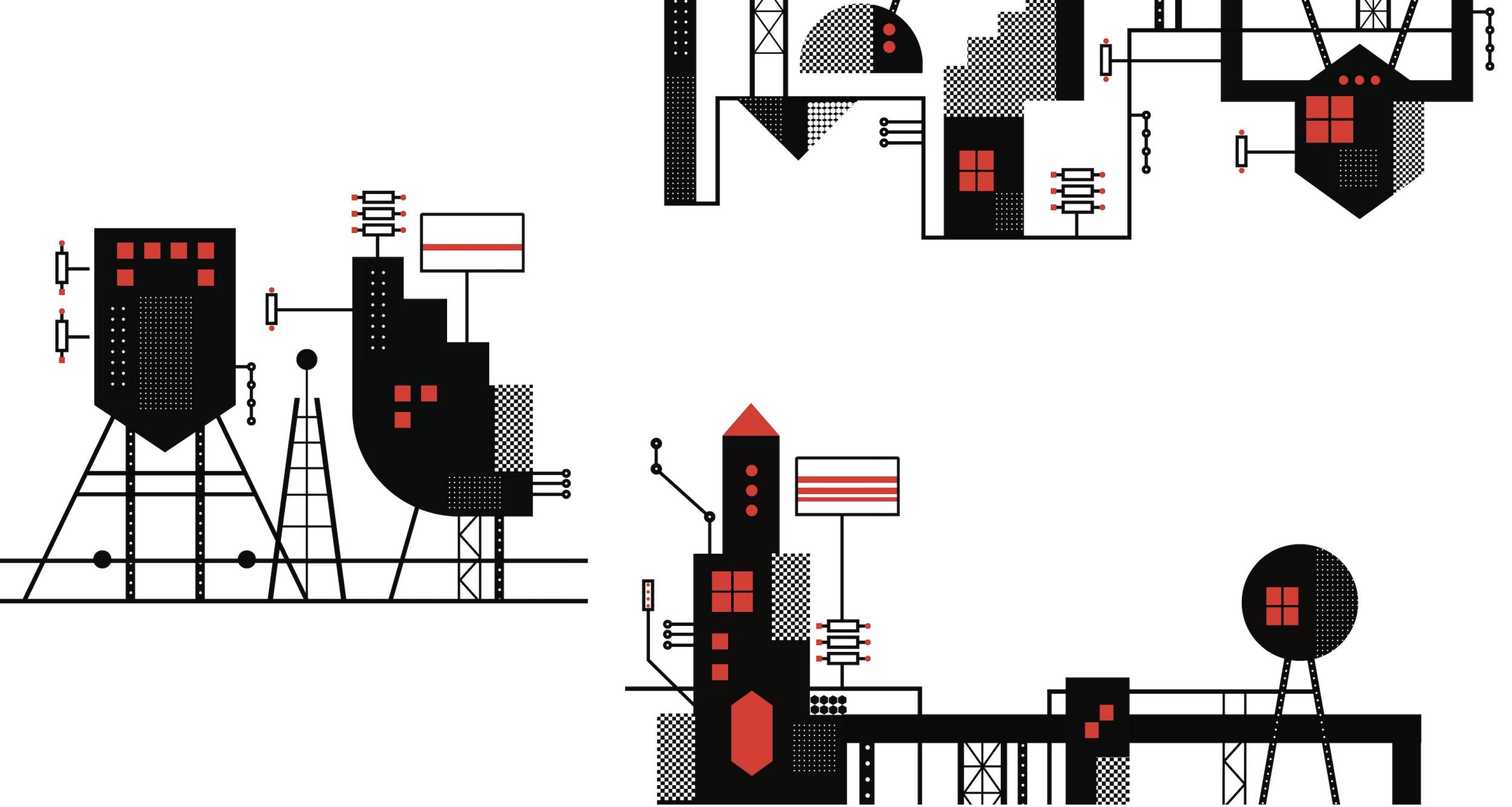


/itacultural itacultural.org.br fone 11 2168 1777 fax 11 2168 1775 atendimento@itacultural.org.br  
avenida paulista 149 são paulo sp 01311 000 [estação brigadeiro do metrô]

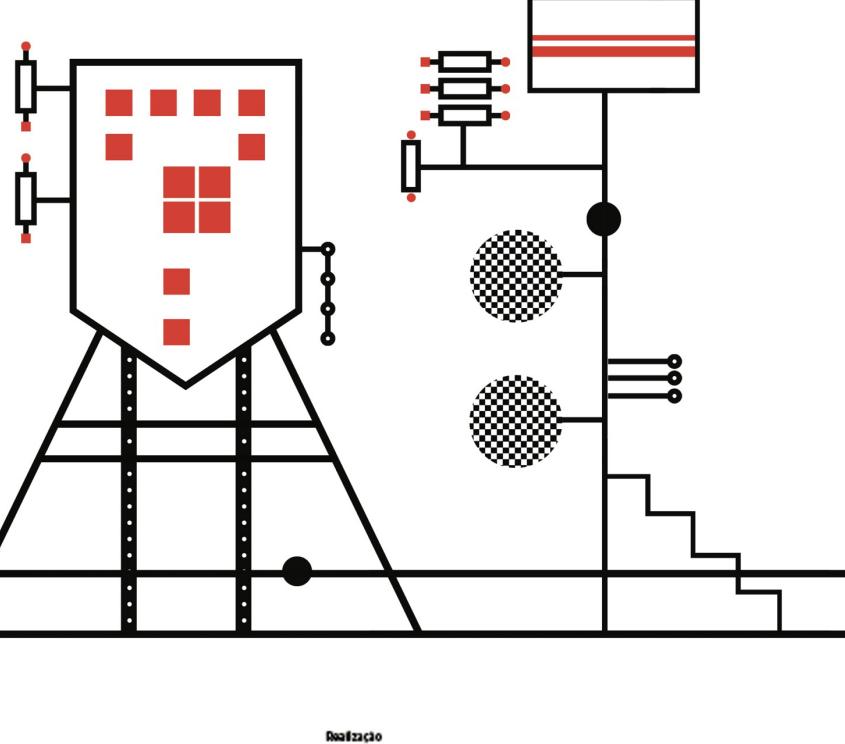


A edição 17 da revista OBS reflete sobre livro e leitura no século XXI, levando em conta novos aspectos que vão além das publicações em papel, das bibliotecas e livrarias físicas, contemplando abordagens históricas, discussões contemporâneas, contribuições de pesquisadores acadêmicos e de profissionais do mercado.

A designer enviou um arquivo em In Design pra mostrar os espaços de ilustração na capa.



Primeira opção de capa: elementos mais pesados.



/itaucultural Itaucultural.org.br fone 11 2168 1777 fax 11 2168 1775 atendimento@itaucultural.org.br  
avenida paulista 149 s8o paulo sp 01311 000 [estação brigadeiro do metrô]

OBS  
ITAU CULTURAL | ED. 17 | LIVRO E LEITURA: DAS POLÍTICAS PÚBLICAS AO MERCADO EDITORIAL

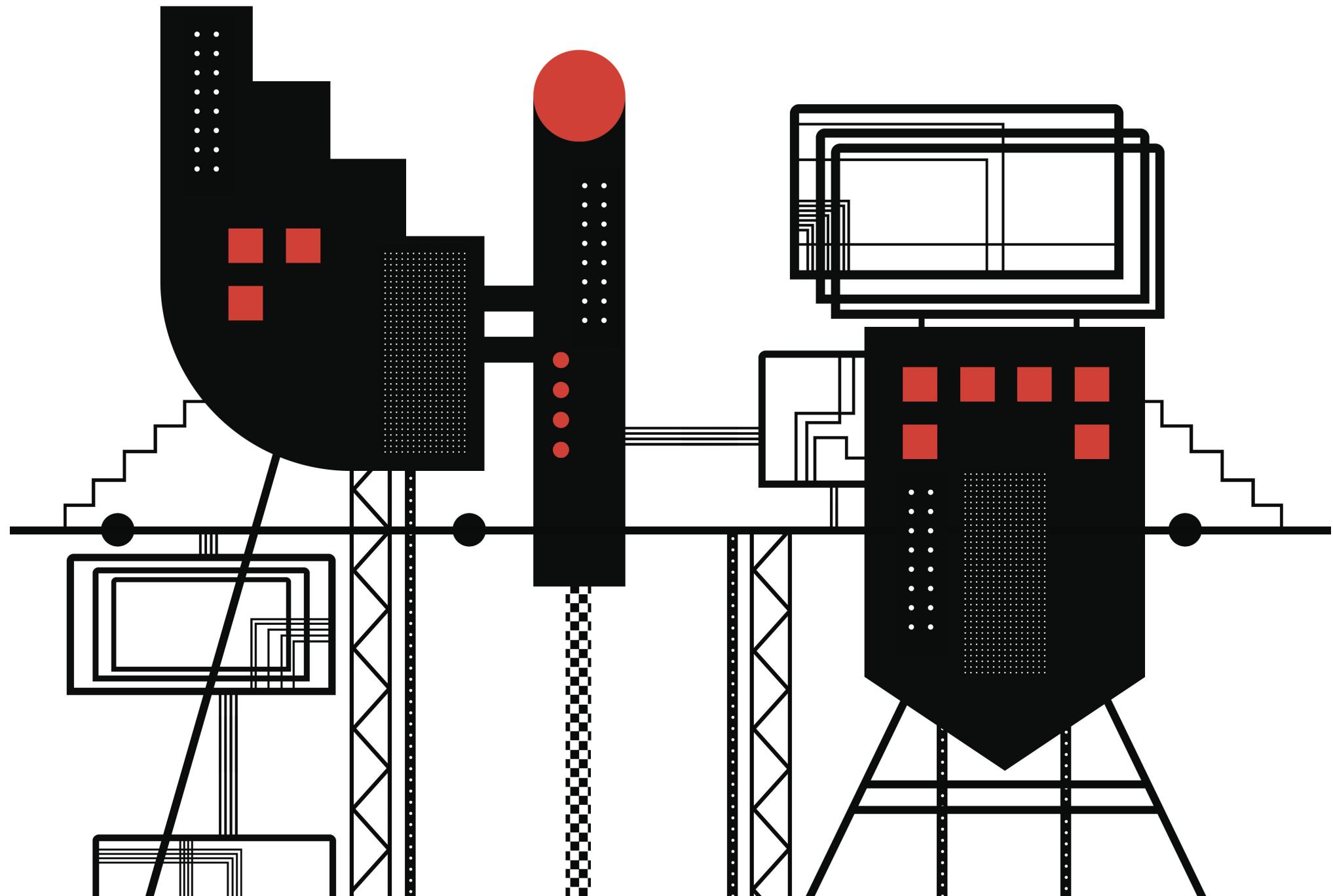


A edição 17 da revista OBS reflete sobre livro e leitura no século XXI, levando em conta todos os aspectos que vão além das publicações em papel, das bibliotecas e livrarias físicas, contemplando abordagens históricas, discussões contemporâneas, contribuições de pesquisadores acadêmicos e de profissionais do mercado.

Segundo teste de ilustração, com elementos mais leves.



Capa final,  
com mistura  
de elementos  
pesados e  
mais leves.







Revista  
impressa.